

**101**  
**POETAS**  
**PARANAENSES**  

---

**V.2 (1959-1993)**



antologia de escritas poéticas  
do século XIX ao XXI



**organização**  
**Ademir Demarchi**

A poesia marginal dos anos 1970, que com uma máquina de mimeógrafo deu um caráter de guerrilha à poética de vários artistas, marcou de forma indelével a cena paranaense, em especial a curitibana.

Um grupo significativo de autores presentes neste segundo volume de *101 poetas paranaenses* se guiou pelas práticas do “faça-você-mesmo” poético, publicando livros artesanais, se reunindo em saraus e escrevendo poesia a quatro, seis e até a oito mãos. Talvez, por isso, o leitor se surpreenda em encontrar alguns nomes neste livro, muitos com bibliografia reduzida ou mesmo inexistente. O que não significa falta de conteúdo e produção. Pelo contrário.

Se os poetas dos anos 1970 se defendiam do jeito que dava, subvertendo o esquema editorial de então, valendo-se das formas alternativas de impressão e publicação, a geração subsequente e as mais novas fazem o mesmo, só que agora no campo virtual, em revistas, blogs e redes sociais.

Em comum, esses autores escrevem no mesmo idioma, o português brasileiro contemporâneo, nasceram ou migraram para o

Paraná. Fora isso, eles são muito diferentes entre si. Há professores, jornalistas, publicitários, funcionários públicos, profissionais liberais e até poetas puro-sangue, aqueles raros que se dedicam exclusivamente à arte.

Outro traço comum, sobretudo entre aqueles que entraram em cena nas últimas décadas, é a prática da tradução — quase uma exigência informal, prática que aproxima o poeta de outras culturas e aprimora a sensibilidade e a própria poesia.

Evidentemente que há exceções, personalidades ímpares e imaginários inusitados, o que só confirma a regra: os poetas reunidos nesta antologia dialogam com os impasses do presente e tratam dos grandes temas, o amor, a morte, as paixões e até mesmo a reflexão sobre o fazer poético e, sempre, o espanto de seguir nesta irreversível viagem pela máquina do mundo.

Ademir Assunção  
Adolpho Werneck  
Adriano Scandolara  
Adriano Smaniotto  
Alberto Cardoso  
Alexandre França  
Alexandre Gaioto  
Alice Ruiz  
Alvaro Posselt  
Amarildo Anzolin  
Ana Guadalupe  
Andréia Carvalho  
Anísio Homem  
Antonio Thadeu Wojciechowski  
Bárbara Lia  
Batista de Pilar  
Beatriz Bajo  
Brasil Pinheiro Machado  
Bruna Siena  
Carlos Dala Stella  
Célia Musilli  
Cesar Bond  
Colombo de Sousa  
Dalton Trevisan  
Dario Vellozo  
Domingos Pellegrini  
Edson de Vulcanis  
Emiliano Perneta  
Emílio de Meneses  
Estrela Ruiz Leminski  
Fábio Campana  
Fernando Koproski  
Foed Castro Chamma  
Glauco Flores de Sá Brito  
Greta Benitez  
Guilherme Gontijo Flores  
Hamilton Faria  
Helena Kolody  
Hélio Leites  
Homero Gomes  
Ivan Justen Santana  
Jair Ferreira dos Santos  
Jairo B. Pereira  
Jandira Zanchi  
Jane Sprenger Bodnar  
Jaques Brand  
Jean Itiberé (João Itiberê da Cunha)  
Joana Corona  
João Manuel Simões  
Joba Tridente  
Josely Vianna Baptista

José Paulo Paes  
Júlia da Costa  
Jussara Salazar  
Karen Debértolis  
Leopoldo Comitti  
Luci Collin  
Luigi Ricciardi  
Luiz Antonio Solda  
Luiz Felipe Leprevost  
Manoel de Andrade  
Marcelo Sandmann  
Marciano Lopes  
Márcio Davie Claudino  
Marco Aurélio Cremasco  
Marcos Losnak  
Marcos Prado  
Mário Bortolotto  
Mario Domingues  
Mário Don Leal  
Maurício Arruda Mendonça  
Mauro Faccioni Filho  
Miguel Sanches Neto  
Mirian Paglia Costa  
Nelson Alexandre  
Nelson Capucho  
Nenpuku Sato  
Neuza Pinheiro  
Nilson Monteiro  
Otávio Duarte  
Paulo Leminski  
Paulo Venturolli  
Pedro Carrano  
Priscila Merizzio  
Reinoldo Atem  
Ricardo Corona  
Ricardo Pedrosa Alves  
Ricardo Pozzo  
Ricardo Schmitt Carvalho  
Roberto Prado  
Rodrigo Garcia Lopes  
Rodrigo Madeira  
Rollo de Resende  
Sérgio Rubens Sossélla  
Sérgio Viralobos  
Silveira Neto  
Solivan Brugnara  
Sylvio Back  
Tasso da Silveira  
Walmor Marcellino  
Wilson Bueno



**101**

**POETAS**

**PARANAENSES**

---

**V.2 (1959-1993)**



# 101 POETAS PARANAENSES

---

## V.2 (1959-1993)

antologia de escritas poéticas  
do século XIX ao XXI



seleção e apresentação

ADEMIR DEMARCHI

Biblioteca  
**Parana** 

The logo for Biblioteca Parana, featuring the word "Biblioteca" in a smaller font above the word "Parana" in a larger, bold font. To the right of the text is a stylized icon of an open book.

Beto Richa  
*Governador do Estado do Paraná*

Paulino Viapiana  
*Secretário de Estado da Cultura*

Valéria Marques Teixeira  
*Diretora Geral da Secretaria de Estado da Cultura*

Rogério Pereira  
*Diretor da Biblioteca Pública do Paraná*

Ivens Moretti Pacheco  
*Diretor da Imprensa Oficial do Paraná*

---

*Núcleo de Edições*

Marcio Renato dos Santos  
Omar Godoy

*Coordenação editorial*  
Luiz Rebinski Junior

*Preparação de originais*  
Mellissa R. Pitta

*Revisão*  
Vanessa Rodrigues

*Capa*  
Rafael Campos Rocha

*Projeto Gráfico e Diagramação*  
Clarissa Menini

---

**Dados internacionais de catalogação na publicação**

**Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira**

101 poetas paranaenses : antologia de escritas poéticas do século XIX ao XXI : 1959 — 1993,  
volume II / organizador: Ademir Demarchi. — Curitiba, PR :  
Secretaria de Estado da Cultura: Biblioteca Pública do Paraná, 2014.  
400 p. ; 23 cm. — (Biblioteca Paraná)

ISBN 978-85-66382-12-9

1. Poesia brasileira — Paraná. I. Demarchi, Ademir, 1960 — . II. Biblioteca Pública do Paraná.

CDD ( 22ª ed.)  
B869.108



## SUMÁRIO

<i>A poesia que se vive</i> .....	11
ROBERTO PRADO.....	27
BATISTA DE PILAR.....	35
ADEMIR ASSUNÇÃO.....	39
ANISIO HOMEM.....	47
CARLOS DALA STELLA.....	51
MARCOS PRADO.....	57
SÉRGIO VIRALOBOS.....	67
MARCO AURÉLIO CREMASCO.....	75
MÁRIO BORTOLOTTI.....	85
MAURO FACCIONI FILHO.....	95
RICARDO CORONA.....	105
JANE SPRENGER BODNAR.....	113
MARCELO SANDMANN.....	117
MARIO DONADON LEAL [DONLEAL].....	129
LUCI COLLIN.....	137
MARCOS LOSNAK.....	147
MAURÍCIO ARRUDA MENDONÇA.....	157
MARCIANO LOPES.....	165
MIGUEL SANCHES NETO.....	171

RODRIGO GARCIA LOPES	183
ROLLO DE RESENDE	193
RICARDO SCHMITT CARVALHO	197
SOLIVAN BRUGNARA	201
KAREN DEBÉRTOLIS	211
AMARILDO ANZOLIN	217
RICARDO PEDROSA ALVES	223
MÁRCIO DAVIE CLAUDINO	231
ALVARO POSSELT	239
GRETA BENITEZ	243
RICARDO POZZO	249
ANDRÉIA CARVALHO	257
FERNANDO KOPROSKI	265
IVAN JUSTEN SANTANA	273
MARIO DOMINGUES	281
ADRIANO SMANIOTTO	287
NELSON ALEXANDRE	293
HOMERO GOMES	301
LUIZ FELIPE LEPREVOST	307
RODRIGO MADEIRA	315
BEATRIZ BAJO	319
PEDRO CARRANO	325
ESTRELA RUIZ LEMINSKI	329
ALEXANDRE FRANÇA	333
JOANA CORONA	339
LUIGI RICCIARDI	343
GUILHERME GONTIJO FLORES	351

ANA GUADALUPE.....	359
PRISCILA MERIZZIO.....	367
ADRIANO SCANDOLARA.....	375
ALEXANDRE GAIOTO.....	383
BRUNA SIENA.....	393



# A POESIA QUE SE VIVE

ADEMIR DEMARCHI

*“No correr dos anos observei que a beleza, como a felicidade, é frequente. Não passa um dia em que não estejamos, por um instante, no paraíso. Não há poeta, por medíocre que seja, que não tenha escrito o melhor verso da literatura, mas também os mais infelizes. A beleza não é privilégio de uns quantos nomes ilustres. Seria muito raro que este livro, que abarca umas quarenta composições, não entesourasse uma só linha secreta, digna de acompanhar-te até o fim.”*<sup>2</sup>

A epígrafe acima, de Borges, ainda no gosto dos anos 1980 em que muitos nos formamos, na tradução do Pepe Escobar que líamos no famoso Caderno 2 do *Estadão*, é muito apropriada para pensar o que seja uma antologia como esta, que foca o extenso período de aproximadamente um século e meio, tendo como marco inicial a data de emancipação do Estado, em 1853, chegando até os nossos dias e englobando 101 poetas, boa parte tão distintos quanto irregulares em sua produção poética<sup>2</sup>. Ela responde à elogiável iniciativa da Biblioteca Pública do Paraná de publicar antologias da literatura do Estado, como forma de ampliar seu conhecimento e circulação, estimular a reflexão e fornecer conteúdo aos estudantes, mas também aos escritores em atuação e aos novos escritores, na medida em que cartografias assim possibilitam reconfigurações dos mapas conhecidos, através da leitura crítica que se possa fazer.

Em vez de uma antologia que se baseasse apenas em alguns poucos autores tidos como fundacionais, por isso já instituídos nas leituras de críticos e nas republicações de suas obras, preferiu-se uma forma mais ampla, *rizomática*<sup>3</sup>, de lidar com o cenário, encarando-se o risco da pesquisa extensa que levou ao significativo número de 101 poetas.

Muitos dos que já morreram ou desistiram da poesia não chegaram a realizar uma obra que por si tenha sido significativa, por isso o desafio de historicização se impôs, levando a considerar-se o papel histórico e social de cada um, expresso também nos textos publicados, dos quais se selecionou algo que possa interessar ao leitor contemporâneo, ao mesmo tempo em que ilustre o tempo vivido pelo autor e sua poética, sempre na expectativa de que cada um deles tenha alcançado uma resolução estética eficiente.

Em antologias que se andam publicando no país tem sido comum a tentação do julgamento estético, sujeitando-as a uma cegueira em relação à complexidade do campo. A motivação de evitar julgamentos estéticos e não fazer escolhas de apenas alguns numa antologia como esta, localizada, se justifica ainda mais quando se considera e se concorda com a constatação de Leminski<sup>4</sup> de que a literatura do Estado é recente e que esta antologia, chegando até os nossos dias, encontra a metade dos poetas ainda em campo, com a experiência pelo meio do caminho ou no início. Assim é que se deu a escolha desse critério em aberto, que olha para as escritas poéticas como “experiências” que se realizaram nos poemas publicados, nos movimentos poéticos como fatos sociais, nas revistas, nos livros e, mais recentemente, na interatividade possibilitada pela internet, que muda radicalmente a forma como se produz a literatura<sup>5</sup>.

As pequenas edições, as raríssimas reedições ou publicações de antologias que permitam conhecer os poetas e mesmo contrastá-los para o bom aprendizado da formação de novas escritas

também motivam um trabalho como este, de trazer ao leitor uma representação textual amplificada da história da poesia realizada no Estado.

Optou-se por ordenar a antologia cronologicamente, a partir do ano de nascimento de cada autor, definindo-se um conjunto de páginas mais ou menos semelhante para todos, variando pouco, de acordo com o potencial encontrado em cada um. Em geral, preferiu-se que o leitor encontrasse o prazer da leitura no contraste desse babélico vozerio que se entrecruza *rizomaticamente*, se aproxima, se distancia, na medida em que sejam comparados uns aos outros, uma vez que “uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre inúmeras entradas”, conforme as palavras de Deleuze.

Deixou-se de incluir nesta antologia vários escritores que estão a merecer uma compilação de textos para possibilitar sua circulação e avaliação de importância literária, histórica e social, que, dada a dificuldade de acesso, escassez de tempo e ao tamanho a que se chegou esta antologia, não puderam ser lidos. São os casos de poetas como Bento Cego (Antonina?, 1821?), Salvador José Correa Coelho (Lapa, 1821), Fernando Amaro (Paranaguá, 1831), Georgina Mongruel (1861, Bélgica), José Cadilhe (Antonina, 1874)<sup>6</sup>. Outros, ainda que incluídos, estão a merecer sair do esquecimento ou da precariedade de publicação, como João Itiberê da Cunha<sup>7</sup>, que publicou numerosos poemas em francês nas revistas simbolistas *Azul*, *Club Curitibano*, *O Cenáculo* e *Almanach Paranaense*, tal como Georgina Mongruel, que precisam ser traduzidos. Essas revistas mesmas, assim como *Ideia*, contemporânea da *Joaquim*, estão necessitando de uma edição compilada ou fac-similar, tal como se fez com *Joaquim* e como se faz este ano com o *Nicolau*, reeditado pela Biblioteca Pública do Paraná, para que os leitores deste tempo reencontrem aquele tempo dessas publicações. Outra iniciativa que se tem que tomar é digitalizar to-

das elas para que atinjam ainda maior público leitor em todo o Estado e por todo o país e até mais, dada a importância configurada nessas publicações.

São inovações como essa que possibilitaram, por exemplo, o acesso ao banco de dissertações e teses da UFPR, onde se destaca o trabalho orientador recente de professores como Édison J. da Costa<sup>8</sup> e Rodrigo Vasconcelos Machado<sup>9</sup> em relação ao estudo da poesia paranaense, antes iniciado com a professora Cassiana Lacerda, com relação ao simbolismo, ela também uma continuadora dos estudos feitos por Andrade Muricy, entre outros.

Nesses 161 anos de emancipação do Estado podem se identificar, grosso modo, pelo menos quatro momentos intensos de vida cultural que tiveram reflexos na criação poética. O primeiro deles situa-se por volta de 1890 a 1910 aproximadamente, com o movimento simbolista e suas revistas e o Templo das Musas, com Emiliano Pernetta e Dario Vellozo à frente, sendo o segundo o que tem a obra simbolista esteticamente mais bem realizada, enquanto que Pernetta destaca-se pelos poemas decadentistas e lúbricos e aos quais se soma, presente nesta antologia, Silveira Neto.

No modernismo, se não fosse por Brasil Pinheiro Machado, que conseguiu a proeza de inserir-se no movimento modernista e publicar poemas na *Revista de Antropofagia*, nada restaria de interessante. Isso apesar de Tasso da Silveira ter tido atuação destacada, criando revistas ou participando delas ativamente, sem conseguir, porém, repercussão ou uma poética consistente, a ponto de Mário de Andrade referir-se a ele e aos seus como “um grupo de literatos no Brasil que vai passando por demais na sombra” por seus aspectos conservadores e alheios ao que mais vital o cenário cultural apresentava.

O segundo momento está nos anos 1940, quando a revista *Joaquim*, com Dalton Trevisan à frente e a revista *Ideia*, com José Paulo Paes e outros como Armando Ribeiro Pinto, Glauco de Sá



Brito e Samuel Guimarães da Costa, buscaram uma renovação de ideias contra o paranismo bairrista imperante e estagnante. Como se sabe, Dalton e Paes foram longe com suas obras, sendo Dalton um marco estético por sua ficção e Paes um exemplo por sua poesia de viés modernista/concretista, que repercute em diálogo com obras como a de Marcelo Sandmann, mas também exemplo tradutório que se soma ao do concretismo e se propaga em Leminski, Jaques Brand e grupo OSS, com Antonio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Sérgio Viralobos, Roberto Prado e outros e chega até hoje, quando há um significativo número de poetas traduzindo textos de várias línguas e tempos, especialmente a partir de cursos da UFPR, numa experiência que terá forte impacto nas criações poéticas em curso e futuras.

Um terceiro momento situa-se dos anos 1960 a 2000. De 1960 a 1980, aproximadamente, com os influxos da contracultura e da ditadura encontramos escritores de esquerda, militantes politizados a ponto de serem presos ou exilados, como Walmor Marcellino e Manoel de Andrade, ou preocupados com novas formas estéticas, como Sossélla e Leminski. É impressionante o que fez Sossélla, exilando-se no interior do Estado e constituindo uma enorme biblioteca e uma poética do fragmento, com a edição de centenas de livros artesanais em pequenas tiragens, reproduzindo algo do modo característico da chamada Poesia Marginal com o cuidado de um artista, obra essa que está relegada, precisando circular em uma boa edição, para além das antologias limitadas já publicadas. Leminski, por sua vez, buscou diálogo com a vanguarda concretista, distanciando-se anos-luz do bairrismo, indo para o campo do experimentalismo expresso no *Catatau*, de 1975, que chega nos anos 1980 com o esforço de tradução de textos de várias línguas. Em meio a esse momento há também a metafísica de Foed Castro Chamma e de João Manuel Simões, que busca na agonia algum sentido. Jair Ferreira dos Santos, com um único li-

vro, porém impactante em sua forma de ver o Estado a distância, através de descrições dos familiares, sempre tendo como fundo um país marcado pela restrição das liberdades.

Ainda dos anos 1970 para os anos 1980 poetas participantes se somam com publicações inspiradas no movimento da Poesia Marginal e do Concretismo, com destaque para o grupo que publicou a antologia *Sala 17*, vários deles presentes nesta antologia, como Antonio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Paulo Venturelli, Roberto Prado, mas também outros, como Domingos Pellegrini, Hamilton Faria, Reinoldo Atem, Solda, Nilson Monteiro e Nelson Capucho, que tiveram intensa participação no movimento estudantil nas universidades, em saraus, no teatro (Pellegrini) ou participação em cooperativas de escritores e jornais. Alberto Cardoso se destaca aí pela capacidade de realizar saraus e agregar escritores em múltiplas declamações, a marca da sua poética, que acabaram invariavelmente no seu famoso Bar do Cardoso, mesclando no próprio nome do local o poeta etéreo e o éter da bebida como a marca de muitos desses poetas, afinal consumidos por cirrose antes que as musas os consumissem...

De 1987 a 1996, circulou o jornal *Nicolau*, editado por Wilson Bueno, marcante pela repercussão obtida no Estado, dando voz a numerosos escritores e poetas paranaenses, mas também exercitando o que já se pode dizer que é uma tradição, apesar do paranismo mais arraigado, que é a busca do diálogo com escritores e artistas de todo o país e até mesmo do exterior, característica essa que, no campo cultural, se ampliará nos anos seguintes, especialmente a partir de 2000. O jornal teve impressionantes tiragens, sendo distribuído nacionalmente e deu amplo espaço à poesia e à tradução.<sup>10</sup>

Os intensos anos da contracultura, dos quais Leminski e Alice Ruiz são as maiores referências, começam a se diluir nos anos 1990, anunciando poetas orgulhosos da influência<sup>11</sup>, ou apontando a mudança da vida social sob a sombra da Aids, como sugere a

poética de Rollo de Resende que, com Jane Sprenger Bodnar, fez o projeto *Homeopóética* pelos bares de Curitiba.

Um ponto criativo vital nesse momento esteve na página *Musa Paradisiaca*,<sup>12</sup> publicada de 1995 a 2000 nos jornais *Gazeta do Povo* e *A Notícia*, por Josely Vianna Baptista e Francisco Faria, empenhada na discussão com interlocutores nacionais e estrangeiros, sinalizando a vocação vanguardista e antropofágica dos editores e escritores nela presentes e a impressionante variedade de assuntos abordados, que vão da cultura ameríndia à tradução e reflexão sobre escritores das Américas do Norte, Central e do Sul. *Musa Paradisiaca*, ao começar após o fim do *Nicolau*, como que o continua, amplificando muitas das suas qualidades e características, tendo sido Josely Vianna Baptista ela mesma partícipe da equipe que o criou, e lá iniciado a publicação de textos da cultura Ameríndia, entre outros trabalhos.

A cena mudaria fortemente na primeira década do século XXI, o quarto período referido, que chega até este momento, marcado pela criação de novas revistas de literatura de projeção nacional<sup>13</sup>, todas com olhar globalizante, com muitas traduções. De 1998 a 2000, com seis edições, a revista *Medusa*<sup>14</sup> sinaliza esse novo momento. Surgem então as revistas *Coyote*<sup>15</sup>, *Oroboros*<sup>16</sup>, *Et Cetera*<sup>17</sup>, *Babel*<sup>18</sup>, *Bólido*<sup>19</sup>, o jornal *Rascunho*<sup>20</sup>, o jornal *RelevO*<sup>21</sup>, e uma significativa quantidade de novos poetas de escrita refinada, à qual se soma, ou até mesmo antecede (com Josely Vianna Baptista em relação aos hispânicos, Ricardo Corona e Rodrigo Garcia Lopes com os norte-americanos e outros, bem como as experiências editoriais do *Nicolau* e da *Musa Paradisiaca*), um impressionante esforço tradutório que não se limita aos clássicos latinos (Guilherme Gontijo Flores, por exemplo, com as *Elegias* de Sexto Propércio e as *Odes* de Horácio), ingleses românticos (o Shelley traduzido por Adriano Scandolara), ou modernistas (o *Ulysses* de Joyce, por Caetano W. Galindo), ingleses e irlandeses (por Luci

Collin), norte-americanos mais recentes (Bukowski e Leonard Cohen por Fernando Koproski), a pegada variada de Ivan Justen Santana e Rodrigo Madeira e outros, e um blog como *Escamandro*<sup>22</sup>, de poesia, tradução e crítica, também transformado numa nova revista impressa, aprofundando essa experiência.

Quanto aos poetas e seus poemas propriamente ditos presentes nesta antologia, muitas outras relações e leituras podem ser feitas. Na poesia de Júlia da Costa pode se conhecer a rudeza de seu tempo e a sua vida trágica, expressa pelo viés do romantismo, que se pode relacionar aos poemas de amor não correspondido da melhor fase de Helena Kolody, também aos poemas ao som de valsa e bar de Colombo de Sousa e com o lirismo amoroso e por vezes irônico de Fernando Koproski.

É instigante também descobrir o que fez no Paraná um imigrante japonês como Nenpuku Sato, em sua determinada disseminação do haicai e das poéticas e cultura japonesas, que encontra em Alice Ruiz uma continuadora persistente na observação da natureza, contra essa paisagem agrícola que parece onitemporal no Estado; ou, por outro aspecto, pode-se rir das diatribes de um Emilio de Meneses, no que há de melhor de sua poética, a irônica, que está também em Antonio Thadeu Wojciechowski e Solda, em distintas modulações.

Outros escritores se somam nesses cenários com suas poéticas peculiares, como Fábio Campana, repercutindo o clima político dos tempos de chumbo dos anos 1970; Mirian Paglia Costa, com seu primeiro livro premiado e de grande repercussão pela contundência poética com que retrata a infância em Londrina; Domingos Pellegrini, com uma impressionável vitalidade que vai do poema engajado dos anos 1970 ao soneto crítico mais recente, passando pelos bem-humorados haicaipiras; os poemas cancionados de Neuza Pinheiro; Wilson Bueno, do barroco à poesia amorosa; a simplicidade irônica e crítica de Hélio Leites; Miguel Sanches Neto, com

sua poética que vai da autobiografia à biografia dum outro si mesmo na barroca Ouro Preto; Josely Vianna Baptista, Sylvio Back e Ricardo Corona, entre outros motivos pelas poéticas inspiradas na tradição indígena do Estado e na exploração da performance estética do texto, ampliando-a para uma relação com a arte, no espaço das galerias e da ação performática que envolve o escritor como artista; Marcelo Sandmann com sua poesia sintética, rigorosamente formal, ao mesmo tempo irônica, que dialoga com o modernismo e chega à canção; Mário Bortolotto com poemas que ressoam *blues*, a violência urbana e a marginalidade, que podem ser lidos em contraste e pelas similaridades com os poemas de um novo escritor como Nelson Alexandre; a reinterpretação do simbolismo em Andreia Carvalho; as paisagens e a vida interiorana na lírica poesia de Marco Aurélio Cremasco, em contraste com o sujeito poético “ultracontemporâneo” de Ana Guadalupe, conforme remarcou Heloísa Buarque de Hollanda ao selecioná-la para uma antologia espanhola... Um lirismo contemporâneo marcante, cujo “eu poético” ganha complexidade em poetas como Mauro Faccioni Filho, Marcos Losnak, Luiz Felipe Leprevost, Alexandre França e Rodrigo Garcia Lopes. Ou fica cindido com a exposição dos excessos da linguagem, conforme exposto nas poéticas de Ricardo Pedrosa Alves e Amarildo Anzolin.

Essas questões estão todas presentes em poéticas mais recentes, em geral marcadas por um rigor na escrita ou pelo experimentalismo que chamam a atenção, sinalizando vigorosa renovação poética sob os influxos desse cenário cultural complexo em suas múltiplas manifestações. Destacam-se por suas peculiaridades, citando aleatoriamente, Mario Domingues, Rodrigo Madeira, Ivan Justen Santana, Ricardo Pozzo, Adriano Scandolara, Guilherme Gontijo Flores, Estrela Ruiz Leminski, Pedro Carrano, Homero Gomes, Beatriz Bajo, Adriano Smaniotto e Ricardo Schmitt Carvalho.

Outra característica importante é o fato de que a poesia já não está somente na capital, mas muito ativa no interior do Estado, nem por isso, contudo, desconectada, como se pode constatar por poetas como Jairo B. Pereira, de Quedas do Iguaçu, com uma poesia experimental que parte de si e chega aos sem-terra e aos índios; e Solivan Brugnara, também de lá, com poemas que retratam de modo singular a fronteira. Como esses, outros poetas podem ser descobertos sob essa ótica transcendente do local, em pontos como Maringá, Foz do Iguaçu, Rio Negro... ou no Rio de Janeiro, Campinas, Florianópolis, São Paulo, Santos...

Outra marca comum a vários autores é a metapoética, como na de Glauco Flores de Sá Brito, que remete a Dalton Trevisan (no qual se pode ler Emiliano Pernetá), ou na de Marcelo Sandmann em relação a José Paulo Paes, Dalton, Leminski; e de tantos outros poetas a estes últimos, como Sossélla, com um livro dedicado ao “cachorro louco Paulo Leminski”, além de vários livros ou poemas em que se refere a outros escritores paranaenses transformados em personagens, assim como João Manuel Simões com um livro de poemas que remetem a escritores. Essa escrita poética, assim configurada, estabelece uma prática de leitura crítica curiosa, alimentando um universo próprio de escritores que vão habitando esse espaço imaginário da poesia como se fosse o bairro imaginado do escritor português Gonçalo M. Tavares.

É interessante também, sob esse aspecto, a predileção dos escritores paranaenses pela forma poética do haicai e do tanka, que se dissemina como prática e diálogo por quase todos, indo dos já observados Nenpuku Sato, Alice Ruiz, Antonio Thadeu Wojciechowski, Wilson Bueno, passando por uma variante divertida e naturalizada ao local como os “haicaipiras” de Pellegrini e chegando nas versões de Alvaro Posselt ou mesmo as minhas, tendo até mesmo em Dalton Trevisan, na ficção, uma espécie de horizonte perseguido por seu texto que, depurado à exaustão com o

tempo, ganha contundência para se tornar quase um haicai em poucas pinceladas que desvelam eficientemente seu universo ficcional.

É marcante também a articulação da poesia contemporânea, que não fica mais confinada ao local, com os poetas em diálogo com outros e com revistas de todos os lugares, na medida do seu empenho e alcance, fato constatável nas biobibliografias. Isso se expressa também em premiações de todo tipo, sinalizando um espírito competitivo que deve, necessariamente, se refletir em poéticas mais rigorosas e críticas e obras mais bem realizadas que não parem nos primeiros livros.

A inspiração *rizomática* da antologia, sob outro aspecto, permite várias conexões, como ler a Sulamita de Dalton Trevisan ecoando os simbolistas, em Emiliano Pernetta mesmo, sendo ele um dos que a tematizou em sua poesia mais lúbrica; essa Sulamita de ambos ecoa também na escritora mais jovem incluída na antologia, Bruna Siena.

Nessa massiva ação de leitura e releituras muito chamou a atenção, mas dois livros merecem destaque pela peculiaridade. O primeiro deles é *Colar de maravilhas*, de Mirian Paglia Costa, publicado em 1981 por Massao Ohno — Roswitha Kempf Editores, com ilustrações de Darcy Penteado, que recebeu o Prêmio de Revelação Literária da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e foi elogiado por escritores como Carlos Drummond de Andrade, Millôr Fernandes e Paulo Rónai; a contundência poética sobre a infância e a vida às margens do Tíbagi dos anos 1950 para os anos 1960 é notável e algo dele pode ser lido aqui. O outro é *Brisais*, de Jaques Brand, publicado em 1997 e que, nos poemas podemos encontrar exemplos de como a relação com a tradição pode ser divertida e interessante, sobre como a tradução pode ser transcriativa sem ser pedante; sobre como a poesia é sinônimo de amizade e irmanamento que se dá tanto com os autores que se lê e

se traduz ou transcria, quanto com os poetas e leitores contemporâneos com os quais se compartilha essa experiência.

Feitas todas essas observações, caberia ainda dizer algo quanto aos critérios mais pessoais que nortearam as escolhas dos poemas, questão perfeitamente pertinente, uma vez que está no cerne da discussão quanto ao que seja a poesia para quem ousa se situar nesse campo. Devo dizer que depois do legado do alto Modernismo, em seu empenho de discussão estética que atingiu fortemente a poesia, não se pode mais querer fazê-la sem uma mínima consciência crítica do que seja, impondo-se ainda ao poeta contemporâneo aquelas primazias que caracterizam a poesia da modernidade, que são as categorias negativas, tal como apontadas por Hugo Friedrich, somadas ao antagonismo à sociedade, assunto caro a Adorno e outros estudiosos do assunto, como Barthes<sup>23</sup>. Ilustrativa dessa questão do antagonismo social é a antologia *Vinagre*<sup>24</sup>, feita no calor da hora das manifestações que tomaram o país em junho de 2013, na qual participaram diversos poetas paranaenses.

Sob esse aspecto, portanto, encarar a missão de elaborar uma antologia tem um tanto de buscar respostas ao fato de que “a tensão dissonante é um objetivo das artes”<sup>25</sup>, considerando-se que, para o antologista, essa tensão continua válida contemporaneamente, tanto quanto foi para a modernidade, cabendo, portanto, buscar nos escritores, sob diversos aspectos, esse sentido de dissonância em sua obra em relação ao tempo em que vivem ou viveram. No entanto, ainda que haja uma predileção por esse critério, oriundo de uma estética pessoal, ao definir a pesquisa numa gama tão ampla de escritores, há que se considerar não apenas o critério de “transformação”, fortemente associado ao referido antagonismo, mas também os de “sentimento” e de “observação”, tidas essas como as três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica que domina a poesia moderna<sup>26</sup> e ainda repercute.



Paulo Leminski, num texto<sup>27</sup> muito comentado, também tentava responder a essa demanda, pois ao referir-se à poesia, compreendendo seu sentido máximo de dissonância, dizia que ela está além da utilidade, pois a poesia é dessas coisas “que não precisam de justificação nem de justificativas” porque ela “é o princípio do prazer no uso da linguagem” e só tem sentido, só é poesia, se proporciona prazer e tem capacidade de produzir “mundos novos” ou sentidos novos, alheios ao utilitarismo da sociedade que impõe valor cambiável a tudo.

Feitas essas observações todas, nunca suficientes, cabe ao leitor e aos poetas a fruição desse recorte, com a expectativa de que novas leituras, recortes e descobertas se realizem, produzindo “os novos mundos” de que falava Leminski, bem como o necessário prazer da linguagem.

a poesia  
que se vive  
o leitor  
que se vire

## NOTAS

- 1 Jorge Luis Borges. *Os conjurados*. Trad. Pepe Escobar, São Paulo: Três, 1985.
- 2 De certa forma este trabalho é um desdobramento ampliado do livro *Passagens: antologias de poetas contemporâneos do Paraná*, que elaborei para a Imprensa Oficial em 2002 para a Coleção Brasil Diferente, criada por Miguel Sanches Neto. Onze anos se passaram, por isso, ainda que possa ser complementar quanto a questões lá problematizadas e por ter um número maior de poemas, este está atualizado em relação aos que lá foram incluídos. Na ocasião do lançamento de *Passagens*, Wilson Martins publicou uma resenha na *Gazeta do Povo* de 30/9/2002, “Meu nome é legião”, em que ironizava aquela “horda” chegando: “Como os antigos exércitos romanos, elas avançam em formação cerrada, as juvenilidades auriverdes da poesia brasileira, recrutando os seus guerrilheiros em todas as províncias do Império, de Itamaracá, no Paraná, a Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, e também em Araquara, Maringá, Curitiba, Bauru, Paranaguá, Londrina, S. João do Caiuá e Pato Branco, além de Onças, SC, e Pato Branco...” Daí que, se vivo fosse, faria a ele esta homenagem com uma horda aumentada para 101...
- 3 Toda a discussão sobre essa forma de lidar com a cultura, as ciências, as lutas sociais, etc., está em *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari. Os autores a teorizam definindo que “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. Quando Glenn Gould acelera a execução de uma passagem não age exclusivamente como virtuoso; transforma os pontos musicais em linhas, faz proliferar o conjunto”; um rizoma não cessa de conectar cadeias semióticas, lida com o descentramento; “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”; ou seja, tal como sugerem os autores e tal como entendo a forma de situarmo-nos na Babel polifônica (Bakhtin) contemporânea, com esse compósito teórico possibilita-se, sob essa visada, uma elaboração ou reelaboração simultânea do conhecimento a partir de todos os pontos, sujeitos a reinterpretções por diferentes entendimentos ou conceitualizações. A ideia de polifonismo, conforme as definições de Bakhtin em seu estudo sobre Dostoiévski, aplicada tanto aos sujeitos quanto aos textos, possibilita novas reconstituições desses sujeitos na e pela interatividade. Uma antologia, assim composta e lida, resulta, ao final, numa visada muito mais abrangente e complexa do campo, enriquecendo a discussão estética que, em última instância, alcança as peculiaridades e preferências estéticas ou de gosto de cada um. A bibliografia utilizada para esta edição alcança praticamente a obra completa de todos os autores; outras fontes mais específicas são mencionadas nas notas e a que se refere às questões teóricas que dão base para a introdução e seleção são: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008; BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1987; BRAITH, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed., rev., Campinas: Ed. da Unicamp, 2005; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1988; DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- 4 Paulo Leminski, num debate no *Nicolau* n.º 4, dizia que “o Paraná é Estado recente. Estamos fundando uma tradição, um passado, um repertório coletivo”, sendo ele mesmo um dos que se empenharam em atingir uma alta consciência crítica nesse cenário, buscando respostas com uma obra criativa complexa que abriu várias frentes de batalha. MARQUARDT, Eduard. “O primeiro ano de *Nicolau*: ‘Nós do Paraná’”, in: <http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm>, consultado em 30/9/2013.

- 5 Quanto a isso, cito dois exemplos. O primeiro é pessoal, de criação da revista *Babel*, que editei a partir de 2000, com os outros paranaenses, Marco Aurélio Cremasco, Mauro Faccioni Filho e Susana Scramim, todos morando em pontos distintos do país como Santos, Campinas e Florianópolis e buscando um foco nacional. Atualmente, denotando uma maior potencialização da literatura por esse meio, é interessante o exemplo do grupo de poetas reunidos no blog *Escamandro*, dedicado à tradução de poesia, e que, a partir daí, graças à interatividade possibilitada pela internet, criaram uma revista impressa, de mesmo nome, através da Editora Patuá, de Eduardo Lacerda, que tem se notabilizado pelo uso desse meio e pela publicação de dezenas de livros de poesia muito bem editados e impressos sob demanda.
- 6 Agradeço as sugestões dadas por Ivan Justen Santana e Marco Aurélio Cremasco.
- 7 Sobre Itiberê, destaca-se o texto “Nossos dândis: o primeiro”, de Cassiana Lícia de Lacerda, in: Ideias <http://www.revistaideias.com.br/?/cultura/737/nossos-dandis-o-primeiro/#sthash.BanN2Ytx.dpuf> e o ensaio “Jean Itiberê: um informante”, de Cassiana Lacerda, in: ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/download/19763/13002 — consultados em 30/9/2013. Este último, de onde se tiraram os poemas desta antologia, transcreve todos os poemas do autor publicados em várias revistas simbolistas, em francês, a demandarem tradução.
- 8 Menciono o exemplo da dissertação do poeta Reinoldo Atem, orientada por ele, *Panorama da poesia contemporânea em Curitiba*, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR em 1990.
- 9 Destaca-se, por exemplo, a dissertação do poeta Adriano Smaniotto, presente nesta antologia, que faz um panorama eficiente da poesia no Paraná, especialmente no período estudado: “Uma possível cartografia poética: alguns ‘territórios’ da poesia nas antologias do Concurso Estadual Helena Kolody (1990-1995)”. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado, Curitiba, 2012.
- 10 Estudos generalizantes sobre o jornal podem ser encontrados em MARQUARDT, Eduard. “O primeiro ano de *Nicolau*”, disponível in: <http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm>, consultado em 30/9/2013; VIEIRA, Maria Lúcia. “Um periódico em busca de poesia”, in: <http://www.utp.br/letras/ea/letras3/arto2.htm>, consultado em 30/9/2013. Esta última autora escreveu dissertação de mestrado, sob o título “O *Nicolau*, um jornal cultural”, orientada pelo prof. Édison José da Costa na UFPR, que está disponível apenas parcialmente na internet.
- 11 Veja-se meu ensaio “Sintomas e remédios da poesia contemporânea”, in: <http://www.germinaliteratura.com.br/literatura5.htm>.
- 12 Leia-se a entrevista feita com Josely Vianna Baptista e Francisco Faria, disponível em: <http://www.musarara.com.br/musa-paradisiaca>. E não se deixe de ler a valiosa reedição dessa experiência editorial que está no volume *Musa Paradisiaca: antologia da página de cultura (1995-2000)*, publicado em 2003 pela Editora Mirabilia.
- 13 Aos interessados em ampliar sua leitura e pesquisa, quase todas essas revistas já foram objeto de estudos no Nelic — Núcleo Estudos Literários e Culturais da UFSC, publicados no Boletim do NELIC, disponível na internet, no site daquela universidade.
- 14 Publicada em Curitiba por Ricardo Corona e Eliana Borges, com Ademir Assunção e Rodrigo Garcia Lopes no conselho editorial.

- 15 Publicada em Londrina por Marcos Losnak, com Ademir Assunção e Rodrigo Garcia Lopes, desde 2002, atualmente com 24 edições.
- 16 Publicada em Curitiba por Ricardo Corona e Eliana Borges, com 6 edições, de 2004 a 2006.
- 17 Publicada em Curitiba por Fábio Campana e Rubens Campana de 2003 a 2006, com 10 edições.
- 18 Criada em 2000 pelos paranaenses Ademir Demarchi (Santos-SP), Marco Aurélio Cremasco (Campinas-SP) e Mauro Faccioni Filho e Susana Scramim (ambos em Florianópolis-SC), essa revista teve 6 edições de 2000 a 2004 e em 2012/2013 teve mais 6 edições com distribuição nacional de 10 mil exemplares, após 1.º prêmio no edital do Programa Cultura e Pensamento do MinC/Petrobras em 2010, sempre com significativa participação de paranaenses.
- 19 Publicada em Curitiba por Eliana Borges, Joana Corona e Ricardo Corona, teve 3 edições em 2013.
- 20 Publicado em Curitiba por Rogério Pereira, circula mensalmente desde 2000, estando em outubro de 2013 na edição 163, com tiragem de 5 mil exemplares distribuídos nacionalmente.
- 21 Publicado em Curitiba por Daniel Zanella desde setembro de 2010, em outubro de 2013 chegou à sua 45.ª edição, com significativo espaço para poesia.
- 22 <http://escamandro.wordpress.com/>. Veja-se a nota 5.
- 23 Veja-se *Inútil poesia*, de Leyla Perrone-Moisés. (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).
- 24 Veja-se no blog da *Babel Poética* todas as informações sobre essa antologia, in: <http://babelpoetica.wordpress.com/2013/06/24/vinagre-2-a-edicao-ampliada/>.
- 25 FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. São Paulo: Duas cidades, 1978, p. 15.
- 26 Conforme Friedrich, desta vez à p. 19 da obra citada.
- 27 LEMINSKI, Paulo. *Ensaios e anseios críticos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011: “Inutensílio”, pp. 85-7; esse texto complementa um outro, no mesmo livro, “Arte inútil, arte livre?”, pp. 41-50.

**Roberto  
Prado**

## **SIM E NÃO**

os problemas ficaram pequenos  
penderam entre o sim e o não  
quando tudo era mais ou menos

a dúvida nunca foi o meu cruel  
há muito perdi a conta  
de quantos quero ver no céu

certo, errado, cabeça tonta  
viva quem coloca a bomba  
e viva quem a desmonta

## **TANTÃ**

por fora  
por dentro e entre  
pela vida afora  
e antes  
hora após hora  
por exemplo, agora,  
eu rimo sempre

dono de batuque nato  
às vezes bato fraco

nenhuma razão para dor  
nenhuma razão de orgulho  
somente mais uma canção  
apenas mais um coração  
fazendo barulho

## **Ó, CÉUS**

nenhum pio  
nada de nuvens  
não há azul

ó, céus!, que são tantos,  
que cada um tem o seu  
e ainda tem quem não veja  
quando a gente cai do céu

## **ORAÇÃO A SÃO NUNCA**

dei duro e eros me abriu seu coração  
não preciso nem de boca pra baco me estender o garrafão  
marte me deu uma mão  
mamom perguntou quanto era e puxou o talão  
um belo dia tive de dizer não  
mas ainda amo essa humanidade marrom  
fiel a eros, baco, marte e mamom



## CHEIROS SÃO FLORES

*(aroma para a Liliane)*

Cantando para o meu anjo da guarda dormir,  
alguém que muito me adora soprou:  
do amor deve sobrar só o perfume  
e que arda em brasa toda a obra  
pra que dela brilhe mais o lume.

Dormindo para o meu anjo da guarda falar,  
vejo na leve pétala que me leva  
a língua de fogo que nos devora.  
A primavera tem aroma de uma Eva  
que essa vida, brisa, não carrega.

A lenha chora, mas eleva labaredas.  
Soa alto o salmo doído que o calor amansou.  
Sobem cheiros, flores das almas delicadas.  
— Delicadas feito esse anjo da guarda  
que alguém que muito me ama sonhou.

## **DESTROIA**

pedra que sobre pedra quer restar  
o que eu sou não é mole desmanchar  
implosões, marretadas e de quebra  
um novo shopping center no lugar

nasci assim, fico sem jeito de morrer  
vai a alma, o corpo ainda quer ser  
e debaixo de uma outra civilização  
bate o coração, ruína dura de roer

## **DE REPENTES**

voos repentinos  
poemas  
tristes pétalas

desfaça as malas

belezas doem  
se você quer  
levá-las

## 1.ª AULA DE ILUSIONISMO

a luz se curva ante a matéria?  
Nada nesta mão e nada resta  
mais espaço, a mágica começa  
A frase sai sem ter ideia  
diz tanto quanto dá na telha  
um som nenhum puxado pela orelha  
Cartola tola, fraque de aluguel,  
atrás, estrelas, furos no fundo negro  
que, a partir de agora, passa a ser o céu  
Bruxuleio que faz do real um erro  
palavras, luz luxo, miss miséria  
o poema se curva ante a plateia?

## 1.ª AULA DE KARTOGRAFIA APLIKADA

*“ke ker o Brazil ke me persege?”  
Gregorio de Matos Gerra*

dizem ke eziste um mapa  
ke diz onde eu estou  
nele o lugar onde nasi  
fora os inimigos ke perdi  
outra lenda diz pra eu falar  
o ke a minha lingua ker dizer  
nota zero pra mim mais uma vez  
deskulpa não kola o ke partiu  
  
onde ker ke eu va tem um Brazil

## PURO FARO

é claro que tenho minha teoria  
o mundo começou daqui há pouco  
quase um nada antes do depois  
logo no início do aqui mesmo

sei que não é fácil ir por um só louco  
some você mesmo ao que já falei  
deus, teimoso, veio obscurecer  
o testemunho do onde já se viu

qualquer indício nos leva ao tombo:  
a perna que falta ao saci  
se você bota no lugar  
ele deixa de o ser? eu existir?

**Roberto Prado** (Curitiba, 1959) é publicitário e autor de canções gravadas, entre outros, por Lábia Pop, Missionários, Grupo Fato e Adriano Sátiro. Traduziu, com Marcos Prado, Thadeu Wojciechowski, Sérgio Viralobos e Edilson Del Grossi, *O Corvo*, de Edgar Allan Poe (1987). É autor de *Sim senhor às suas ordens isto é um motim* (poemas, 1994).

# **Batista de Pilar**

## **VOLTA AO MUNDO**

Inúmeras casas  
espreitam o asfalto  
vários trilhos  
dormem esperando o trem  
que lentamente traz  
o vagão fantasma,  
carregando o andarilho dos dias.

Na volta da andança,  
soa o passo no ponto final.  
Nasce mais um estranho  
dentro de casa.

## **AMAR**

Amar é arte dos mortais.  
Amam-se os czares e casais.  
Amar cabe aos plebeus,  
aos reis e aos filhos seus.  
Também amam-se os pardais,  
os tolos e os animais.

## O MUNDO MUDO FALA

O mundo mudou muito  
desde ontem às seis horas da tarde.

Meu vizinho comprou um carro  
Madalena foi pro convento  
Pedro José morreu enforcado.

Aumentaram várias tarifas usuais diárias  
o rádio transmite futebol  
ainda se fala de política.

Vamos, Clarice!  
não me olhe com esta cara de ontem.

\*

Interessante  
a formiga  
morder o elefante

**Batista de Pilar** (Dois Vizinhos, 1960) publicou *A nona cartada* (poemas, 1998) e *Hoje, poemas* (poemas, 2002).





# **Ademir Assunção**

## ESCRITO A SANGUE

ruas escuras  
    atravessado  
eu atravesso  
    reviro o avesso  
nele me meço  
    olho de lince  
encaro a face da fera  
    espelhos se estilhaçam  
rasgam minha cara  
    cai a neblina do vazio  
frio na barriga  
    pago o preço  
erva, bola, cogumelo  
    volto ao começo  
escapo com vida  
    desconverso  
verso escrito a sangue  
    desapareço  
quanto mais  
    menos  
me pareço  
    eco de bicho homem  
ego sem endereço

## **CÂMERA INDISCRETA**

olho o olho que me olha  
olho o olho  
olho a lua  
o olho que me olha olha mas não vê

olho o olho que me olha  
olho a rua a lua a rua a rua a rua  
eu atravesso a rua  
o olho que me olha olha mas não sabe o quê

olho o olho no espelho  
olho de loba  
o olho que me olha olha mas não lê

vou olhando olho a olho corpo a corpo  
olho ilhas  
olho dentro de você

## 5 DIAS PARA MORRER

*para hector babenco*

morreremos loucos, Ana

os sapatos  
novos  
em cima da mala  
— mala notte  
o dia, a pior  
foto: olhos úmidos  
no vídeo  
flashbacks:  
a virilha imunda  
do marinheiro  
os eletrodos frios  
nas têmeoras  
as pílulas coloridas  
peixes  
num aquário  
cujo vidro  
quase se quebra  
toda vez  
que o tocamos

sim, Ana  
morreremos loucos  
mas  
esta noite  
dormiremos  
juntos

## **ANTI-ODE AOS PUBLICITÁRIOS (DE UM GUERRILHEIRO MORTO EM COMBATE)**

*Tanto negócio e tanto negociante.*

*Gregório de Mattos*

querer eu quero  
que vocês morram

sufocados em nuvens  
de inseticidas

talvez limpóis, bombris  
e bemdefuntos

como baratas que comem  
as próprias patas

olhos vendados  
com vendas garantidas

e uma estaca  
cravada no prepúcio

assim eu possa  
propagar em outdoor

a dor de um jovem  
promissor e sanguessuga:

aqui jaz um bom rapaz  
cuja vida se reduz a um anúncio

*NOTA: poema especialmente dedicado aos publicitários que usaram a imagem de Ernesto Che Guevara (morto por balas de metralhadora, no meio da selva boliviana) em anúncio do detergente Limpol, no ano da graça de 1998.*

## **TERAPIA DE VIDAS FUTURAS**

*para rodrigo garcia lopes*

quando a vida zera, quando tudo  
terminar, quando a nave  
estiver pronta, quando o ponto for ponto  
final e, entretanto, o bilhete  
de passagem não tiver  
destino, rumo, nem direção — quantos  
amores, quantos odores, as peles,  
as mulheres, os homens, os cães  
— e nesse momento fugaz, os senões  
serão somente nada, sermões,  
ilusões, frases que se perderam  
na fumaça dos cigarros, as fissuras,  
as firulas, as ranhuras, guerras travadas  
na penumbra das nuvens não vistas,  
e no fim do corredor, aquele ponto, um  
porto tão inseguro, onde navios  
bêbados atracam, seduzidos  
pelos silvos das sereias, sob  
o obelisco silente das estrelas, tão  
belas músicas das esferas

## AS RUAS ESTÃO ESTRANHAS ESTA NOITE

Pétalas destroçadas tingem a noite de vermelho.  
Mister Morfina se arrasta pelas ruas,  
os bolsos cheios de câmaras de ar furadas, tranqueiras,  
e cacos de vidro.  
Peixes coloridos saltam sob a luz dos semáforos.  
Uma Rosa cospe um blues na poça das sarjetas.  
Um Opala caindo aos pedaços  
bate de frente no Monumento aos Desesperados Anônimos.

O vidro do aquário se estilhaça.  
Os peixes fogem montados em motocicletas envenenadas.  
Orelhões suicidas gritam palavras obscenas  
para velhinhas traficantes.  
Mister Morfina acende um cigarro  
e observa a palidez de 50 topmodels  
que desfilam descalças  
na passarela cheia de cacos de vidro.

Deus está solto. E dizem que Ele está armado.

**Ademir Assunção** (Araraquara, 1961) mora em São Paulo-SP. Viveu mais de 10 anos em Londrina atuando como jornalista e com literatura; é co-editor da revista *Coyote*. Ganhou em 2013 o Prêmio Jabuti com o livro de poemas *A Voz do Ventriloquo* (Edith, 2012) e lançou o CD *Viralatas de Córdoba* em 2013. Site: [zonabranca.blog.uol.com.br](http://zonabranca.blog.uol.com.br)





# **Anisio Homem**

## **FLUXO SURREALISTA**

nas vísceras um incêndio  
que consome  
o oxigênio desta hora

um hipocampo de flanela  
é estripado  
na flor do fogo  
da azia estomacal

mariposas inquietas  
se debatem contra a lâmpada solar  
acesa no abajur da sala

é tarde  
e nunca mais  
uma fragrância de café  
porá seus cotovelos  
nas bordas do balcão

## **LANCE DE DADOS**

morava em Kokura  
sua sorte aquele dia  
foi a nebulosidade

o avião carregado com a bomba  
não tendo achado a cidade  
rumou para o segundo alvo

Sobre Nagasaki  
contudo  
não havia nuvens  
(depois houve uma imensa)

## COM NATUREZA MORTA

é necessário  
assombrar-me com a pestilência  
das conversas deste momento

da sinfonia amarga  
de uma mãe que espera  
a hora sombria do filho na guerra

nada é tão abismal  
quanto o tornozelo inchado  
de correr nestes tempos  
por entre artefatos que maltratam  
a carne

sobre a mesa  
as frutas esmagam o tempo  
nas farpas de seu odor

em volta dela  
homens mascam a cartilagem  
de horas trágicas

**Anísio Homem** (Florianópolis, 1961) publicou *Golondrinas* (poemas, 1991) e *O homem que não podia se mover* (poemas, 2004).

**Carlos  
Dala  
Stella**

escuridão terrificante  
antecedia a manhã

mas acolhedora  
o canto dos galos

latidos perdidos  
na noite, silêncio

o temporal descabelando  
os eucaliptos

no fogão a lenha  
estalidos secos

o corpo na cama  
capaz de prazer, casca

de cigarra, seca  
no palanque da cerca

no balcão frigorífico, o peixe-  
poema desperdiça olhar fixo

sutis flutuações da mente  
atraem moscas sobre o vidro

azulejos brancos na parede  
não redimem os frutos do mar

imune à trama das redes  
a água continua seu percurso

mesmo mãos hábeis, lâminas  
evocam vírgulas perdidas

impossível sobreviver fora d'água  
longe do oceano imposto

o olho aberto do peixe-poema  
fixa a agonia de apodrecer

a água contém seu curso  
mudo discurso como nenhum

## COMO OS CHINESES

Escrevo meus quadros.

Às vezes nem é o quadro que me interessa  
mas a pipa em que ele se transformou  
— vermelha, com sua longa rabiola  
chicoteando o azul.

Quando sinto nos dedos  
a tensão do fio, o vento das alturas  
atuando sobre a estrutura de paina e seda,  
reconheço espantado que o voo do quadro  
nasce em mim  
mas não sei para onde me leva.



quantas vezes chora minha  
mão / enquanto desenho / cho  
ra / pelo menino iraquiano / fe  
rido na explosão de um carr  
o-bomba / chora por meu irm  
ão / atingido na cabeça por um  
a membrana preta / chora por  
tantos eus / que não virão à luz  
do carvão / confinados que est  
ão / aos vãos, aos vales, à es  
curidão // toco, com o prolong  
amento / calcinado dos dedo  
s / onde os olhos não, onde / n  
em o veio negro da inspiração

**Carlos Dala Stella** (Curitiba, 1961) é artista visual e autor, entre outros, de *Caçador de vaga-lumes* (poemas, 1998), *Riachuelo, 266* (crônicas, 2000) e *Bicicletas de Montreal* (desenhos e fotos, 2002).



**Marcos  
Prado**

**SE ESSES VERSOS RESISTIREM À MINHA  
TENTAÇÃO/FAÇA-OS EM PEDAÇOS AGORA  
MESMO/CADA FRAGMENTO DESSES CAÍ-  
DOS NO CHÃO/É PROFUNDO MERECEDOR  
DE SEU PISOTEIO**

**1**

joguei fora tudo que escrevi três vezes  
e trinta e três vezes reescrevi  
sempre o mesmo sobre o mesmo há meses  
desejo de estraçalhar o que escrevi

**2**

não entendo, eu até levo jeito  
sempre tenho comigo uns versinhos  
tão bonitinhos, tão engraçadinhos  
que dão até um nozinho no peito

**3**

se eu fosse suicida, já teria feito  
o que, no fundo, todo mundo sempre quis  
assim me transformaria em perfeito  
e deus e diabo: todo mundo feliz

**4**

se nasceu pó, volte logo ao pó que é  
e a noite, como o poema, vire cinza  
ninguém nesta terra é o que quer  
aqui, aquele que é bom, não vinga

**5**

pode também que eu seja apenas vagabundo  
ou um solitário que aprendeu no verso  
que isso a que chamam de mundo  
não é o centro das atenções do universo

não escreve aqui quem sabe de tudo  
o que você quer, o que sabe, pra mim, nada  
apenas quero daquele que é mudo  
dizer o que acha dessa palhaçada

o ritmo vale mais que a métrica e a rima  
a métrica é salão e a rima cozinha  
tudo que a inteligência dizima  
é fato a mim e ideia de fato minha

você, que é devorador de comida alheia  
que se serve do talento de outro prato:  
seu sangue não vai mudar de veia  
se não criar pra você um novo braço

esse cara me deixou tanto tempo muda  
que quando ele me pegou fiquei inquieta  
bruto, o que será de mim com esse poeta?  
jesus no céu e ele na terra e deus acuda?

tento pular da máquina mas não consigo  
pálida, finjo de morta pra escapulir  
emperrar as teclas, a máquina explodir  
mas o idiota faz o que quer e é comigo

se ele se contentasse com seus decassílabos  
eu teria a docilidade de um churro  
porém, com ele roubo, eu assassino, eu curro

não me perdoou nem pela orelha de burro  
e resolveu fazer em mim dodecassílabos  
que eu não sei se grito, me rasgo, uivo ou urro

## **PENÚLTIMA**

Como posso agora estar alegre?  
era de se esperar que eu desesperasse  
talvez mais tarde eu desintegre  
entre o penúltimo e o último gole do último porre  
e leve ao meu lado os que me seguem

sim,  
perdi a razão do que eu achava e do que eu acho  
mas aprendi que o céu é mais embaixo  
ainda não sei o quanto dei  
a tantas quantas amei  
ainda não sei ao certo se eu errei



**O DIA EM QUE MARCOS PRADO TINHA UM  
COMPROMISSO, POR ELE MESMO MARCA-  
DO, COM DUAS DIGNÍSSIMAS SENHORAS, E  
EXPLICOU A RAZÃO DA SUA AUSÊNCIA NO  
JANTAR, A PSORÍASE, ALÉM DE DISCORRER  
SOBRE OUTRAS ESCAMAÇÕES DA CROSTA  
TERRESTRE, NESTE TRISTE SONETO**

amaríssimos — ao certo, amabilíssimos — seres:  
por extensão, a intenção é das mais dignas e nobres  
— algo até incomum na alma das distintas mulheres —  
por isso esmolo agora versos, ritmos, rimas pobres

muito me comprazeria este amistoso convescote  
(eu marquei, concordo, e pensei mesmo que iria) se  
não fosse a cara de ponta-cabeça do totem  
ter sido trocada pela máscara da psoríase

viemos ao mundo pra salvar as nossas peles —  
do de sensibilidade aguçada ao mero reles —  
pobre, madame, padre, branco, negro, viado

em quantos espelhos vocês têm olhado?  
eu os olho e acredito em todos eles —  
preciso hoje ficar a sós com esse seu

*marcos prado*

só me resta gostar dos outros  
já que fodeu tudo  
tudo bem, existe bom e monstro  
além de predador e cornudo  
mas todos são de bom tom  
um com asa, outro chifrudo  
só me resta amar a humanidade  
apesar de alguns animais  
certo, regra hoje é desumanidade  
mas assistam o filme desses tais quais  
que fazem terror na sua cidade  
e se horrorizarão com os seus pais  
avós, bisavós, tetra, quinta, por unanimidade

\*

este traste que você está vendo  
conhece todos os teus defeitos  
você diz “triste”, eu digo “é jeito”  
você diz “morrendo”, eu digo “sendo”

vivo até a morte do meu raciocínio  
um mal que herdei de não sei quem  
bem, nunca o mal do suicídio  
me fez pular do prédio em fren

te e nem sempre se considerar diferente  
de quem quis a vida como não quis  
foi o que fiz, mas paralelamente  
tentei de todo o jeito e forma ser feliz

a verdade havia escolhido ser mendiga  
carregava um saco de pão seco na mão  
tudo porque com ela houve uma intriga  
e ela disse sim quando era óbvio o não

a mentira, cheia de si e armadilhas  
ofereceu-lhe um bolo de bandeja  
a verdade, que crê em quem quer que seja,  
aceitou o banquete e as honrarias

a mentira, no meio da digestão da infeliz,  
resolveu dizer o que havia ouvido sobre ela  
“dizem que você está onde sempre quis  
e que há entre o que pensa e sente uma panela”

a verdade acreditou no que estava ouvindo  
e, enquanto mastigava o bolo fofo,  
pensava e realmente estava sentindo  
uma saudade do seu pão duro, verde e mofo

“tanto faz o que fiz  
que cada vez faço mais”  
pensou o gênio, feliz  
alheio em meio aos demais

“eu fazendo ou não, tanto faz”  
zurrou o burro olhando as botas  
de seu mestre e capataz  
que carregava todo dia às costas

“se ele tem patas, por que não anda sozinho?”  
pensou o burro pela primeira vez na vida  
e empacou espetacularmente no caminho  
tornando a viagem do gênio sem volta ou ida:

“interessante, não sinto mais mudança na paisagem  
toda a natureza se transformou na árvore em frente  
parece ser esse o fim da minha viagem”  
e ficaram os dois ali até o para sempre

**Marcos Prado** (Curitiba, 1961 — 1996) foi poeta e compositor. Teve composições gravadas pelo grupo *Beijo AA Força* nos discos *Que me quer o Brasil que me persegue* (1987), *Música ligeira nos países baixos* (1993) e *Sem suíngue* (1996). Parte de sua obra poética foi publicada na coletânea *UltraLyrics* (2006).

# **Sérgio Viralobos**

## **SÃO PAULO FASHION WEEK**

Bebia pra afogar as mágoas  
Mas as malvadas aprenderam a nadar  
Madona mia surgiu das águas  
Sedenta pra sugar o ar  
Atravessou a passarela  
No intuito de matar  
A top model assassina  
Profissionalmente foi fatal  
Metralhou a primeira fila  
E deu a volta pra se retocar

## **O MAL PELA RAIZ**

Receito amputação antes do diagnóstico  
Ventriculectomia parcial esquerda  
Apelidada de cirurgia do naco:  
Pega-se um coração meia-bomba  
E corta-se um bife ao ponto  
Ele, por amor próprio, tenta bater mais forte  
Um cirurgião que se preze não tem pena  
De mutilar um órgão mais fraco  
E o cérebro é ainda mais frágil que o coração  
Sempre penso nisso quando ligam a broca  
Perfuratriz no torque máximo

## **A MARCA DA MALDADE MORA AO LADO**

A marca da maldade mora ao lado  
Das pessoas que se amam e são felizes  
E entra pelas frestas do barraco  
Como um gás insensível a narizes  
Aos poucos fica o ar mais carregado  
Que o clímax de um show de stripteasers  
Conosco foi assim como um despacho  
Trocamos nossos passos em falso  
Pela marcha das pisadas no piche  
Tudo é tão rápido quando dá errado  
Cama de casal vira beliche  
Lençol dobra-se em guardanapo  
Como um dia disse Dietrich:  
Nosso futuro está usado

## DECAÍDO

Já chorei em muito velório  
Em homenagem ao herói desconhecido  
Meu leito era de luto  
Luz não entrava lá em casa  
Dia a dia era cinzento no crematório  
Só dormia me sonhando num jazigo  
Navio negreiro infectado de escorbuto  
Tanta gente pra caber na cova rasa  
Foi então que me baixou um santo inglório  
E me elevou a outro destino  
Vivo e difícil, grosso e curto  
Sensibilidade à flor da farsa  
Não me sirvam mais o palavrório  
Só quero saber do sol a pino  
E da franqueza de jogar o jogo bruto  
Caído de boca na sarjeta da praça



## **O SACRIFÍCIO**

Esses dias me foram sofridos  
Matei quem me amava profundo  
Um gesto de amor tal e qual  
Suas dores me lancetavam os ouvidos  
Seus olhos se foram defuntos  
Aquilo me fez muito mal  
Dois amigos não são conhecidos  
Sem que tenham comido juntos  
A quantidade necessária de sal

## **SONG FOR ANA**

Penso em você  
Mais que de vez em quando  
Acabei de te ver na tv  
Figurando num comercial estranho  
Assobiei o seu abc  
Enquanto tomava banho  
É um amor sem por que  
A distância me deixa humano  
Vamos juntos até morrer  
Mas como todo bom cigano  
Vou na frente pelo prazer  
De ver a viúva alegre chorando

## **APRENDIZ DE UNIVERSO**

Nasci num lugar chamado curitiba e logo caí no mundo  
A modéstia me impede de contar  
Quantas línguas aprendi antes de blá-blá-blá  
A professora me dava sua maçã  
Os coleguinhas buliam no recreio  
Aprendi rápido pra sair do purgatório mais cedo  
Meu primeiro emprego foi na nasa  
Fiz os algoritmos de imagem  
Pra que cientistas pudessem ver  
Pelos olhos do telescópio  
Tirador de fotos do universo  
Em busca de vidas em outros planetas  
Mesmo assim nunca penso no futuro  
Ele vem rápido demais

## A NÚMERO 2

Dai de comer a quem tem fome  
Leite branco asa negra  
Um grasnar estremece o silicone  
Da vida tive tudo e mais um pouco  
Do bolo eu era a única cereja  
De todas a melhor de corpo e rosto  
Até que um dia apareceu uma menina  
Jogando em minha cara sua beleza  
Ali começou minha despedida  
A meu último amigo pedi paz:  
Um dia voltarei a ser primeira?  
O corvo me disse: nunca mais

**Sérgio Viralobos** (Curitiba, 1961) é escritor, cantor e compositor. Tem livros de poemas escritos em parceria com Antonio Thadeu Wojciechowski, Edilson Del Grossi, Marcos Prado e Roberto Prado, De 1981 a 1984, foi cantor dos grupos Contrabanda e Beijo AA Força. Em 2014 lançou a coletânea de poemas *Piada louca*.



**Marco  
Aurélio  
Cremasco**

## **NEWTON MORDE A MAÇÃ**

a ladra palavra  
lavra  
lágrima das flores

folhas na terra  
florescem casas caiadas  
no topo da serra

vida vila vã  
folhas caem para cima  
newton morde a maçã

## DE BUCÓLICA

### 1.

amanhã bem poderia  
ser lindo dia  
beijaria as flores  
cumprimentaria o galo  
                  o gado  
                  os gansos  
apanharia trigo  
                  milho  
                  alface  
iria à cidade pagar o zelão açougueiro  
          no zélio da farmácia  
                  comprar cibalena  
sim! será lindo dia  
a florada do café  
trará um novo bezerro à esmeralda  
                  outro pé de jabuticaba  
e despertará a criança adormecida  
na memória deste velho sonhador

**2.**

a lua luzia  
tanto tanto

maria dormia  
de encanto

a coruja  
de espanto

**3.**

o meu gato  
era rajado

de madrugada  
vivia no teto  
lambendo estrelas

**4.**

as ovelhas  
da nossa chácara  
eram bem comportadas

não pulavam cercas  
em noites de pesadelo



**5.**

à beira da mangueira da fazenda tangará  
a vaca malhada  
pastava nuvens

mal imaginava  
no pau-oco  
em que eu sentava

o vento cantava  
tonico/tinoco

**6.**

os parentes dos oliveira  
foram para a capital

nunca ouvi falar desse sítio  
deve ser pra lá  
dos italianos

7.

piolho é o engraxate  
pretinho que nem graxa

à tarde  
após conhecer os segredos  
dos pés do povoado  
ele joga futebol

no fim da pelada  
abraçado à pelota  
confidencia-lhe maroto  
as emoções de todos os moradores  
de São Sebastião de Guaraci

9.

maior prazer  
da maria tiana  
tirar dos moços  
receio da cama

bendita maria  
ensinava a todos  
segredos do corpo

primeiro, com vagar  
segundo como  
o suor quiser

ave ... tiana  
gozai por nós  
meninos ou não

**10.**

ninguém me punha na cabeça  
a diferença de um padre a uma puta  
ambos usavam saias e salvavam homens

indaguei do padre beno  
por que a zona era proibida  
e a sacristia não

fitou-me longamente  
depois sorriu  
    vestiu a batina  
saindo na direção da capela de são joão

**11.**

havia dias  
pescando às margens do pacu  
refletia o futuro

aqueles morros ...  
a estrada esburacada  
dando caminho à colheita do algodão

será que o futuro viria  
disfarçado de piche  
aterrando tudo aquilo?

o peixe fígado na ponta da vara  
queria responder  
mas estava com a boca ocupada

**12.**

vão destruir a rua boiadeira  
querem asfaltá-la  
não mais se ouvirá  
o lamento dos berrantes

as buzinas alucinadas  
substituirão o mugido lerdo  
de um garrote desgarrado

restarão suas ossadas  
e as almas dos velhos  
perambulando pela pracinha da igreja  
recolhendo, de cócoras, gravetos de saudade

13.

o vento é uma criança  
que não se cansa de brincar  
quando cresce  
perde toda a magia

vira vendaval

## DE SÃO SEBASTIÃO DE GUARACI

Cidade sem história  
não há glória ou idade

São pedras sobre pedras

Constrói-se um templo  
o vento o destrói

As pedras sobre pedras  
serão pedras sob pedras

**Marco Aurélio Cremasco** (Guaraci, 1962) vive em Campinas, onde é professor titular na Faculdade de Engenharia Química da Unicamp. Publicou os livros de poemas *Vampisales* (1984), *Viola Caipira* (1995) e *From Indiana* (2000). Em 2004, venceu o Prêmio Sesc de Literatura na categoria romance com *Santo Reis da Luz Divina*. Em 2010, foi contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária para a escrita do romance *Evangelho do Guayrá*.



**Mário  
Bortolotto**

## OS QUE VÃO VIVER, TU SACANEIA

Deus me fez propenso

a admirar o inusitado

a ser prevenido e arriscado

Deus é o culpado

Ele não quer ver minha cara feia no céu

Ele não quer minha urina doce

nos para-choques celestiais

por isso me calçou

com velhos bambas

me amamentou com livros

e me fez andar por banheiros

infectos

foi Ele que me fez ver Tom & Jerry

estou detestando filmes de animação

não estou achando mais nada engraçado

e meu mau humor é responsabilidade Dele

comprei um gorro inglês

e tentei angariar simpatias

fiquei chapa da moçadinha

& fui cordial com as velhinhas

andei com os comunistas &

fiz serenatas com grupos de jovens felizes

comi pizzas em rodízios &

ri de piadas infames

As velhinhas me detestam

as velhinhas querem ver meu escalpo

na ponta de uma baioneta



a moçadinha colocou Butch, o Implacável no meu pé  
os comunistas me expulsaram do bar  
    quando lá pelas tantas  
        e pra lá de bêbado  
        pedi um blues & uma Budweiser  
Deus agora deu pra colocar toda a escória atrás de mim  
    as gentis senhoritas me olham com nojo  
Deus, eu não consigo segurar o meu arroteo  
    adotei uma cadela sarnenta  
    e nem os gatos querem mais papo comigo  
Deus, eu estou devolvendo o gorro inglês  
    tem uma garota em Osasco que não me escreve mais  
    tem outra que fugiu pra Manhattan  
        e outra que casou com um escriturário  
    um escriturário tem mais grana que eu  
    um escriturário é milionário perto de mim  
Deus, eu só tenho alguns livros beats  
    e alguns discos de blues  
    os comunistas detestam blues  
    os comunistas compraram mais uma kombi  
        e não deixam eu entrar nem no porta-malas  
    os comunistas não leem meus poemas  
Deus, o cara mais feio da cidade é meu amigo  
    ninguém anda com ele  
    e o cara detesta ficar sozinho  
Deus, esse cara lê Olavo Bilac em voz alta  
    e faz performances sob a luz do poste  
Deus, eu ando aplaudindo meu único amigo  
Deus, acho que eu sou menos que um escriturário  
    eu tô me sentindo menos que um escriturário

ando falando com uma lata de biscoitos  
ando bebendo muito pra achar engraçado  
o lero com a lata de biscoitos

Deus, os biscoitos são tão apetitosos  
eu choro quando penso em comê-los

Deus, eu não sei mais nenhuma oração  
mas eu rezo muito  
olha, eu vou embora  
vou enforcar a estátua do Aleijadinho  
vou arquitetar um plano de consequências terríveis  
para os mineiros cantores  
só vou livrar a cara dos que já morreram  
só bêbado tem saco pra ler o que escrevo

Deus, eu procurei uma clínica psiquiátrica  
e minha irmã estava na recepção  
me sorrindo e pedindo dados pessoais

Deus, eu preciso me desintoxicar  
eu toco a campainha e ela nunca atende  
eu vou na casa dela e ela deixa bilhetes com a mãe  
as garçonetes não anotam meu pedido  
os mendigos não me pedem esmola  
até a acne está ameaçando me abandonar

Deus, você sabe fazer as coisas  
fique com o gorro inglês  
eu vou pra casa  
vou arranhar a parede  
e bolar uma estratégia de fuga  
vou sacanear o anjo da guarda que me deixou na mão

Deus, eu quero o meu anjo de volta  
o cara que come hot-dogs tem um anjo

o escriturário tem um anjo  
o caixa do banco que nunca leu Bukowski tem um anjo  
até Bukowski, se bobear, tinha um anjo  
só eu não

Eu exijo meu anjo de volta  
eu não fiz propostas indecorosas pra ele  
como andaram espalhando por aí  
eu não seria capaz  
eu ando me arrastando atrás de mulheres  
eu acho Marion Zimmer Bradley o máximo  
se elas quiserem

Deus, eu sou capaz de coisas vergonhosas  
por uma boca feminina  
devolve meu anjo, porra

Deus, acho que sou feliz e não sei  
mas e aí?  
quem é que quer esse bando feliz no calcanhar?  
essa gosma saudável

Deus, eu cansei de ser gentil  
de exalar lugar-comum  
pra uma plateia feliz

Deus, o baú tá vazio  
venderam o meu túmulo pro caixa do banco  
quem é que quer um túmulo?  
estou destilando arrogância  
& tô respirando  
você tá sorrindo sacana  
acho que entendi o recado.

## INUSITADO BLUES

Ela irrompeu pela porta  
com o nariz escorrendo e disse: o bolo queimou  
Eu comia peças de xadrez e falei: Porra.  
e saí walking on the city  
dando um look  
nos automóveis no drive-in  
devorando cheese-saladas  
onde cê tá, meu bem?  
no bar que tá fechando e  
empilhando cadeiras?  
trepando no velho mustang  
na beira da praia?  
babando pro velho hidrante  
dos velhos filmes de Laurel & Hardy?  
ou será que cê tá  
levando um lero  
com as freiras nas exposições de porcelana?  
com as corujas que frequentam coquetéis?  
Eu continuo  
walking on the city  
à tua procura  
nas revistas de fofoca  
nos concursos de beleza  
nas festas de casamento  
nos bailes de formatura  
nos jantares a luz de vela  
nos comícios e nos cultos entre parvos

pois tudo o que faço sem você é  
andar em ambulâncias, conhecer enfermeiras que gostam de  
jazz,  
me explicar pra tiras que não gostam de polícia, beber um  
vinho  
em festas universitárias & procurar respostas na Cerimônia do  
Adeus  
vê se pode então  
eu tô em casa  
assistindo Flintstones, ouvindo Pistols, comendo torta de jaca,  
bebendo leite de cabra, lendo Simone de Beauvoir e pensando em  
você e na Paula Toller quando acontece dela irromper pela porta  
com o nariz escorrendo e dizer : o bolo queimou.  
Não dá.

## PERA DOS POMBOS SEM DESTINO

Eu moro no sótão onde os pombos morrem  
Eu deixo a janela aberta e deixo que eles venham morrer a meus pés  
Eles entram voando e me olham com seus olhos tristes de pombo  
Como eu posso ser feliz com todos esses pombos mortos  
abandonados por Deus

Gostava quando eles se chocavam contra o para-brisa  
Pombos desgovernados sempre me fascinaram  
Esses pombos com destino certo  
eles me deixam com os olhos cheios de lágrimas  
vez ou outra um avião passa no céu  
e os pombos sonham com lugares nunca visitados  
um dia os pombos desaparecerão  
terão voado para algum lugar inatingível  
não haverá mais pombos  
e alguém irá contar histórias sobre pombos  
os seus cadáveres espalhados no chão de meu sótão  
receberão visitas apaixonadas  
mas pra mim o que vai ficar  
será a lembrança dos pombos na minha caixa de correio  
pombos que Deus há de acolher  
pombos dos quais sempre vou me lembrar  
ouvindo ópera no sótão  
meu sótão de pombos sem destino

**Mário Bortolotto** (Londrina, 1962) é dramaturgo, diretor e ator de teatro, vocalista e compositor da banda *Saco de Ratos*. Em 1982 fundou em Londrina o Grupo Chiclete com Banana, rebatizado Cemitério de Automóveis em 1987 e estabelecido em São Paulo a partir de 1996. Em 2000, ganhou o Prêmio APCA pelo conjunto da obra e o Prêmio Shell de melhor autor por sua peça *Nossa vida não vale um Chevrolet*. É autor dos livros *Mamãe não voltou do supermercado* (romance, 1996) e *Bagana na chuva* (romance, 2003).





**Mauro  
Faccioni  
Filho**

## **AMO SOBRETUDO AS BATALHAS**

amo sobretudo as batalhas  
    seus longos preparativos  
e a chance de olhar nos olhos  
    um inimigo que é amigo

contemplar o vermelho da tarde  
    abraçado aos desfalecidos  
contar entre nós os que sobraram  
    honrar em lágrimas os desaparecidos

amo sobretudo esta rotina  
    fazer dia a dia o que é devido  
no campo entre homens valorosos  
    brigar e sofrer sem um grito

longe das mulheres e das intrigas  
    longe do amor do corpo e do seu ritmo  
afiando facas, carregando pedras  
    entre homens desfiamos nosso íntimo

amo sobretudo a disciplina  
    a construir este muro infinito  
dentro estamos a sós e no silêncio  
    marchando firmes num labirinto

## **PRIMEIRO VIERAM E ARRANCARAM SUA CASA**

primeiro vieram e arrancaram sua casa  
depois impuseram o dia sobre o dia  
fizeram com que a paz fosse sonho  
que o fato novo da manhã um amargo

lançaram sobre ele o fogo e o ferro  
também o desprezo do inimigo no campo  
os sons da noite o sino badalando  
o vão o fútil o só e o volúvel

desde seu ponto perdido na terra  
procurou o que explica o sentido da luta  
seu gesto inglório e a esperança inútil  
a razão de si em seu momento de luto

ajoelhado frente ao deus dos homens  
pediu e suplicou e acreditou na fé  
que do nada se reerguesse sua casa  
e que seu nome se transformasse em pó

## O HERÓI DESTROÇADO E VENCIDO

o herói destroçado e vencido  
estende a mão para o céu  
qual caminho se apresenta?  
que rígido destino se aplaca?

o inferno prometido é um fato  
é o incansável dia a dia  
estenderá agora a mão como escravo  
a súplica seca ao que venceu

dará seu corpo para o suplício  
e os olhos baixos para o pó  
o herói cansado já é anônimo  
e o passo fraco de quem sumiu

## **OLHEI PARA AS ESTRELAS**

tenho medo, tanto medo, olhei para as estrelas  
a luz viaja pelo espaço sem um só pensamento  
pequenos ruídos do mar, suas profundezas  
logo virá a aurora com seus róseos dedos

virá para repartir o tempo em gomos  
nossa histeria, ou risos, ou pequenas alegrias  
quero ver para trás e para trás não olhar  
a memória mais curta é também mais leve

que venham as ondas apagar imagens  
desenhos turvos, a expressão incompleta  
que passe o amanhã e passe o depois também  
passem os nomes com o vento do deserto

## **A CABEÇA CHEIA DE CACHAÇA**

a cabeça cheia de cachaça  
meu pau fora da calça  
tua boca a Gruta da Graça

olhos cerrados ao meio  
mãos espalmadas de seda  
meio litro é só um pouco

todo sonho quer um sono  
o labirinto dos cabelos  
vidros escuros e fumaça

benditos sejam os perdedores  
de joelhos sobre a calçada  
orai por nós os pecadores

amanhã é outra a luz  
já se foi o que era  
que será que tenha sido

## **NUNCA NO, NUNCA EM, NUNCA NA**

nunca No, nunca Em, nunca Na  
sempre Entre é o que há

nunca Vem, nunca Vê, nunca Está  
sempre Foi, Talvez, Será

## **DUALIDADE DA LUTA**

omelete entre os escombros  
cacos de tijolo pelo chão

a vida tem sentido quando acaba  
sobre o fogo rola o corpo distraído

telhas saltam — bombas zunem  
e nos une o silêncio entre os estalos  
papéis rasgados — assinaturas antigas  
olhos azuis vagando entre os vapores

do chá de menta — ou camomila  
frio das cinco horas da tarde

e seu convite de amor entre os estrondos  
facas de ardor — colheres de açúcar

sapatos raspam a areia seca  
o fio da lâmina na chaga aberta

corisco que roda em câmera lenta  
e um céu de chumbo nos acoberta

folhas pálidas — rajadas de vento  
vacilam entre as metralhadoras

cintilando os fogos de artifício  
e cobertas de pelo abafam os ruídos

que têm sentido — fora e dentro  
sobre os tecidos — dentro e fora

gotejando na boca dos pedidos  
que um último perdão implora



## PRIMEIRO PRINCÍPIO DA DUALIDADE

sentei para escrever um poema e escrevi outro  
sob os lençóis se mexeram seus pés nus

num livro — entre duas folhas — faltou a palavra  
que na manhã seguinte estampou os jornais

a gota de sêmen — a peregrina lenta  
enquanto aviões cruzaram o céu azul

a mesma rua que guardava em uma lembrança  
surgiu numa manhã — bem longe da sua origem

e as placas estavam nos mesmos lugares marcados  
mas vieram escritas numa língua estranha

sofrendo pela avalanche de perguntas sem respostas  
você veio tocar-me a nuca sussurrando

e o que começou de um jeito acabou de outro  
queimando verdades e véus e se apagando

**Mauro Faccioni Filho** (Maringá, 1962) é cineasta e poeta. Publicou, entre outros, *Olhos cegos* (poesia/teatro, 1990), *O grande monólogo de Madrija* (poesia, 1989), *Helenos* (poesia, 1998) e *Duplo dublê* (2002). Foi cofundador e coeditor de *Babel — Revista de poesia, tradução e crítica*, para a qual traduziu poetas norte-americanos, canadenses e argentinos.



# **Ricardo Corona**

### 30.

Macerar figuras fantásticas com cabeça tronco membros animalomem. Homemiolonão

...memiolonãoho...olonãomimeoh...mihloãonome...

Enfiar lascas amarrar tiras de casca. Deixar tudo pra Hi'rare por amor à sua comida e habilidade ao usar o urucum. Hi'rare cuidou de Tikuein. O lábio dele recebera o furo do tirau. A dor-dentro encapsulara o sentido de guerreiro num B O N I T O T E M B E T Á enquanto a fumaça o envolveu e o fizera outro. O pequeno pau rememora Tikuein do primeiro Tembetá usado. Ele vê o lábio do primeiro Tikuein e saliva aquela boca até que escorra baba pela beira do beijo. Tikuein reserva a saliva do primeiro lábio para umedecer suas palavras. Todos ouvem Tikuein para ouvir o primeiro. Hi'rare está feliz em ouvir o primeiro por meio de Tikuein e se orgulha de tê-lo pintado e feito sua comida. Hi'rare pensa nisso num zás e Tikuein recebe o pensamento quase não pensado e insere-o no espaço do sagrado em que se encontra. A baba do primeiro Tikuein envolve o pensamento quase não pensado de Hi'rare nas palavras de Tikuein. A musculatura facial adolescente de Tikuein articula-se pela oralidade lubrificada do primeiro. Tikuein agora fala palavras com saliva de guerreiro.

## 41.

... ¶ o sonho épico do menino yvaparé é rastafári ¶ o sonho épico do menino yvaparé é roms ¶ o sonho épico do menino yvaparé é comanche ¶ é kaigang ¶ o sonho épico do menino yvaparé é melasiano ¶ é suruí ¶ o sonho épico do menino yvaparé é guineano ¶ é yamanes ¶ o sonho épico do menino yvaparé não é atávico ¶ é pigmeu ¶ o sonho épico do menino yvaparé é compósito ¶ o sonho épico do menino yvaparé não é raiz ¶ o sonho épico do menino yvaparé é sonhado sob um céu guarani ¶ o sonho épico do menino yvaparé é trama raiz trançando raízes ¶ é R A I Z - C A M I N H A N T E ¶ é chiapas ¶ é crioulo-quebec ¶ é a trama cigana ¶ é o caos-bello caribenho ¶ o sonho épico do menino yvaparé nem épico é ¶ é épico que se decompõe aos livros de errância ¶ sem miolo ou borda limite ¶ o sonho épico do menino yvaparé papel antes da pilha ¶ é floresta para os grandes livros fundadores das humanidades atávicas ¶ o sonho épico do menino yvaparé nem livro é ¶ é fala sono-insônia multilíngüe de dentro de sua língua ¶ o sonho épico do menino yvaparé um poema dilacerado ¶ ...

## NO LUGAR QUE NÃO SE RESPIRA

um livro feito de água  
é perfeito  
porque não se pode  
guardar

suas páginas líquidas  
translúcidas  
vêm dos anfíbios-hieróglifos que dizem não  
à luz  
não hesitam ao eterno eclipse  
de um céu aquoso

de lá vem as imagens do livro  
que não é um livro de arte

um livro feito de água não se quer eterno  
(sequer existe)  
mas um ser vivo (um peixe é um livro)  
na diversidade que adensa a unidade  
no lugar que não se respira

## TUPI TU ÉS

*(poema percussivo)*

todatribotavaqui  
ondéquetão  
atribotodatavaqui  
ondéquetão

cadê o fogo  
ondéquetá  
cadê o fogo  
ondéquetá

tupi tu és  
tupi  
nambá

todatribotavaqui  
ondéquetão  
atribotodatavaqui  
ondéquetão

ondéquetá o meu tambor  
ondéquetá  
ondéquetá o meu tambor  
ondéquetá

tupã tu és  
tupi  
nambá

ondéquetão  
ondéquetá  
ondéquetão  
ondéquetá

## **BAKA**

palma da mão  
baka  
alma baka  
na mão

palma da mão  
baka  
bate n'água  
rebate n'alma

alma baka  
na mão  
bate n'água  
rebate n'alma

palma da mão  
baka  
alma baka  
a mão



## TUNGUSO-MANCHURIANA

o dançarino rubro  
exibe chifres azuis chama

para o círculo

o xamã acende  
o grande olho da tribo

**Ricardo Corona** (Pato Branco, 1962) é poeta e editor. Editou as revistas de poesia e arte *Medusa* (1998 — 2000) e *Oroboro* (2004 — 2006). Organizou a antologia bilíngue *Outras praias: 13 poetas brasileiros emergentes / Other Shores — 13 Emerging Brazilian Poets* (1998). Autor, entre outros, de *Cinemaginário* (poemas, 1999), *Tortografia*, com Eliana Borges (poemas e imagens, 2003), *Corpo sutil* (poemas, 2005) e *Curare* (poemas, 2011).



**Jane  
Sprenger  
Bodnar**

todo risco  
vale a luz de vaga-lumes  
sinalizando rodovias  
canteiros de estrelas nos acostamentos  
único acesso à chuva de astros  
aos caprichos da primavera  
a velocidade é cega  
orquestra regida  
por uma conspiração de luz.

\*

tropeçarei  
no banco do teu carro  
na próxima curva  
de um convite

a flauta  
ainda mora  
no porta-luvas

\*

sol  
suspeitas de tudo o que se move  
atalhos pelas esquinas de bruma

olhos presenciando  
crianças assustadas  
acusadas de incêndios de luz

\*

ócios  
não justificam  
asas quebradas  
e ossos de junco

cinema lotado  
de poltronas vazias

## **ACALANTO**

travesseiros abandonados  
serão bonecas de pano deitando ao meu lado  
pesadelo desperto com um grito já aprendido no ventre.  
freud não saberia por que comi tanto ontem à noite  
nem lavaria louça do jantar.  
à francesa, boneca de porcelana,  
abortada do sótão para o saco de lixo:  
o medo chama-se mamãe.

## **GRAVURA**

imprimes em papel de seda  
as nuvens de tuas lágrimas  
até que só haja  
uma linha d'água

**Jane Sprenger Bodnar** (Curitiba, 1963) é formada em Comunicação Visual pela UFPR, colaborou, entre outros, nos jornais *Nicolau*, *Correio de Notícias*, *A Notícia* (SC), *Mulheres Emergentes* (MG), na revista *Textuale* (Itália). Autora de *Luísa cuidadora de planetas* (infantil, 2003).

**Marcelo  
Sandmann**

## LÍRICO RENITENTE

Atado ao fio de um verso;

suspenso pelos pés  
de um substantivo abstrato;

flagelado a golpes de vírgula,  
cutiladas de exclamação;

cusparadas de metáforas  
sobre o rosto, em derrisão:

EU,  
remanescente,  
réu reincidente,  
lírico renitente,

condenado a arder pra todo o sempre  
no fogo-fátuo  
de uma adjetivadíssima aflição!



## **CIRCO DE BAIRRO**

*Ninguém bateu palmas.*  
(“Poema Circense”, José Paulo Paes)

Meu coração é o picadeiro  
de um circo devastado.

O leão e o tigre bocejam,  
os trapezistas bebem cachaça,  
o palhaço apanha as pulgas  
de uma velhíssima macaca.

Só a pequena bailarina,  
de sorriso delicado,  
ensaia uma última pirueta  
sobre o pezinho amputado.

## **AS COISAS DA CASA**

### **1.**

Ela agora só pode amar  
com a paixão contida  
da borboleta espetada na placa de isopor.

(De vez em quando uma asa estala  
e sai voando pela sala  
e quer quebrar o abajur.)

**2.**

Trazia nas mãos pressurosas  
o ramo das rosas do arrependimento.

E no botão da rosa mais vistosa  
a abelha venenosa  
que bulia por dentro.

**3.**

A raiva invadiu a casa  
numa labareda violenta.

Crestou tudo!

Agora os dois carregam baldes de água  
para dentro,  
espionados pelos vizinhos,  
que olham de longe,  
por trás de gelosias engelhadas.

## DALTONIANAS

### 1.

Deu pra beber depois de velha:  
louça suja rolando na mesa,  
pinga na caneca de café.

### 2.

Gostava de acarinhar a menina  
como o cachorro de rabo quebrado  
e olho remelento  
que ele nunca teve.

### 3.

Brejeira,  
a mosca varejeira  
afaga o rosto  
do velhinho morto.

## **LEMINSKIANA**

meio op meio pop  
meio  
vladimir propp  
ao fim & ao cabo  
ops!  
muito rock'n'rollmops

## **E EIS-ME AQUI, SENHOR**

*para Ulisses Galetto e Antonio Saraiva*

E eis-me aqui, Senhor,  
morador destes sapatos,  
caminhando no deserto,  
na vereda do sol a pino,  
irmão das cobras  
e dos lagartos,  
alimentando-me de cactus,  
aguarrás e chili pepper,  
e pregando aos quatro ventos  
meu sermão abrasivo,  
palavras duras,  
que arremesso adiante  
como pedras.

## QUEM SABE FALO ESTA LÍNGUA

*letra de música para Emerson Marbhine*

Quem sabe se falo esta língua  
Ou esta língua é quem me fala  
Palavras que tenho por minhas  
Sou escravo das palavras

Na boca banguela do mundo  
A prosa da vida ressoa  
Mesmo em beco surdo e mudo  
Algo vibra, tudo ecoa

Recolho na franja dos dias  
Os restos com que me alimento  
Na cópula de sons e sílabas  
Fixo um instante em meio ao tempo

(Quem sabe se falo esta língua  
Ou esta língua é quem me fala  
Palavras que tenho por minhas  
Sou escravo das palavras)

## ESSA COISA QUE ESTÁ CISCANDO

Essa coisa que está ciscando  
ciscando aflita aqui dentro do peito  
ainda é amor?  
será rancor?

(Pois o amor exige de nós  
nosso melhor  
e nosso pior.)

E aquele sentimento  
que era assim um céu imenso  
ficou tão pequenininho  
que agora cabe num lenço.

(Devo guardá-lo no bolso?  
Devo acená-lo no vento?)

E se for de vez embora  
feito passarinho  
fazer longe um ninho  
só de esquecimento?

## 7. A EDIÇÃO, REVISTA E ENCURTADA

Ai, diaba!

Ai, bandida!

E eu que me gabava  
de ser assim “o cara”,

o rei da cocada preta,  
o superbambambã,

nunca pensei  
que o nosso amor,

que a minha vida

fosse terminar  
feito conto

de Dalton Trevisan.



## QUEM ENTREGA O CORPO

*para Clarice e Luíza, este quase-testamento*

Quem entrega o corpo à sorte  
sabe sorver a inquietude,  
sabe que nada é muito forte,  
favo de vício ou virtude.

Quem entrega o corpo à arte  
sabe o sabor de um martírio,  
sabe que a alma nunca parte,  
sempre aqui o seu retiro.

Quem entrega o corpo à vida  
sabe beber da beleza,  
sabe a reza comovida  
no rosário da incerteza.

Quem entrega o corpo à morte  
sabe seguir o seu signo,  
sabe que nada impede o corte,  
último, único desígnio.

**Marcelo Sandmann** (Curitiba, 1963) é professor de Literatura Portuguesa desde 1992 na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Publicou os livros de poemas *Lírico renitente* (2000), *Criptógrafo amador* (2006), *Na franja dos dias* (2013). Também integrou as antologias *Passagens: poetas contemporâneos do Paraná* (2002) e *Roteiro da poesia brasileira: anos 2000* (2007).



**Mario  
Donadon  
Leal  
[donLeal]**

## **MENINOS NEGROS**

meninos negros gregários  
lá dáfrica ficam magros  
em tribos de estribilho amargo  
na lavra mastigam pregos  
entre acre e crua horda  
de pregadores da praga armada  
pelos ciclos e ciclos amém

meninos negros gregários  
namérica imitam magos  
aos gritos nesse trilho anartro  
palavras revidam cegos  
contra o cricri da choldra  
de senadores da praça armada  
pelos ciclos e ciclos amém

pelos ciclos e ciclos amém

## FRÊMITO

mi'alma dura láctea escorre dante  
dentre olho-d'água folheado  
a lamber-me o embeber meu  
bem infernalmente enornado  
— quenta lava brava a lavar a via

e a língua em prega rubro cálida  
molha vulva dalva diva atilada  
pterodáctila dentada cava provas  
de travas ou trevas ou trovas em se não  
e não e não e não

— mais

## **GENTE**

triste e a perdurar na umidade da rua  
saí comigo temente do escuro fausto  
como para entreter a andantes a nua  
e gostosa mulher de um modesto casto

ainda em trajés socavados entrevi  
por fresta jamais atravessada de olhos  
outro infeliz revisa avaro seu devir  
ali a somar parasita os ricos piolhos

quase esqueci deste caipora esmerado  
que sou eu mesmo sob meu medo encerrado  
ao amar aranhas em frio leito dalém

ao projetar campanhas diletas por bem  
dos homens para quem entreguei o sexo pio  
a assumir a culpa deles e a do brasil

## ALVORADA LÁ NO MURAL

no jardim alvorada  
alaranjada rajada de raios  
alumia a terra marrom  
nos pisos de vermelhão  
nas paredes sem mata-juntas

adjunta poeira de eira  
é pigmento peneirado  
temperado pelo tempo  
com lama aglutinante  
compondo em ocre da índia  
o afresco do preto nobre

é iluminado no seu casebre  
todo inscrito em pictogramas  
de lembranças angolanas

mas acorda no alvorecer  
pega o ônibus vai trabalhar  
como pintor na casa branca  
do senhor barata  
o brahma

## **AO GROU PÁRIA**

aquele olhar de pena  
voou

foi pousar nas costas  
do grou

vai fazê-lo penar  
por grasnar

vai cozê-lo com zelo  
até solver-lhe a pena

para depenar  
com puta candura

o pária  
pernalta no altar



## A DIFERENÇA E A NORMAL

não se parecer com o diferente  
é o mesmo que seu verso parente  
não se diferenciar do semelhante

só parecidos aparecem  
e todo aparecido se parece  
na aparência dum já ter sido

aparência e repetição  
em grande competição

com diferença ou indiferença  
a normal descreve o parecido  
a normal proscree o diferente

ser diferente é transparecer  
por entre aparentados  
aquele ímpar ente à parte

retirado da linha normal

**Mario Donadon Leal [donLeal]** (São João do Caiuá, 1963) é artista plástico e escritor. Participou do livro *Passagens: antologia de poetas contemporâneos do Paraná* (2002), além de ter publicado poemas em diversas revistas. Em 2002 dirigiu o filme *Estados alterados* e participou do espetáculo homônimo.



**Luci  
Collin**

## AFÉLIO

O tempo deixou viver as miniaturas e as árvores assentem  
como em todas as infâncias  
e assim se identifica a docidão

Será mentira uma caneta que desliza  
como se não fosse passos em falso:  
qualquer movimento um da capo

Será mentira um fadário de todo dia colher as contas  
e resignar-se depois das seis as margaridas dormem

Mentira que a voz perdura e que as pinceladas não borram:  
nunca se poderá segurar um carmim

Entre todas as pétalas aquela que sobre o tapete  
numa escuridão particular suspirará  
a bailarina de lápis lazuli

Todas as verdades eram tão críveis quanto o fogo  
menos uma  
e sempre podemos confiar em uma porque:  
era mentira

No baile serviçais banguelas e saltos inexecráveis  
eram falsa  
mas do passado não se requisita cabimentos

Tudo destramente ali ao lado das luvas e das chaves  
tudo menos isto:

seus olhos numa escultura  
sua gravidade cujo segredo instaurou libélulas  
sua pele cheia de pontos perigosos  
seu discurso onde incidiram traças

Galos e riachos insubjugáveis.

## **CENA-MUDA**

eu que era único  
e indivisível  
agora criei tentáculos  
ávidos  
que não controlo

roubam vermelhos vivos  
que nem sei para que servem  
desejam tanto, usurpam  
violam cantos sagrados  
espalham cinzas  
riem  
esbofeteiam

cinicamente esfarelam  
pedaços lícitos de pão  
distribuem as fichas  
embaralham cartas  
trapaceiam noites adentro  
alheios ao meu desconforto  
trazem ouro profano para casa  
abarrotam mesas

e eu, mudo e multifacetado,  
olho a insana riqueza  
que meus próprios braços acumulam

e tentando escutar meu vão discurso  
não consigo  
porque as frenéticas mãos que não controlo  
aplaudem ruidosamente

## ONTIVO

Nos encontraremos e eu estarei atarefada  
e você estará imerecível  
e eu estarei cansada para o cafezinho  
e você estará exausto para um cinema  
e eu estarei amorfa  
e você palimpsesto  
e eu estarei rendida às evidências mais ocultas  
e você descompassado às vivências absolutas  
e eu estarei com pressa  
e você naquela hora imprevisível  
e eu estarei naquela hora portentosa  
e você estará naquele momento incrível  
e eu estarei naquela manhã chuvosa  
e você estará naquela noite audível  
e eu retrocederei até auroras  
e você avançará aos ocidentes  
e eu compreenderei infinitudes  
e você desvestirá os contratempos  
e eu deslizo pela superfície e vou embora  
e você mergulha mar adentro e refloresce

## ESPÉCIE

vestido e tempo na caixa  
só o relógio compreendeu o rigor dos pactos  
as plantas do vaso não  
o pó sobre os móveis não  
as botas num canto não

e tudo fora de moda  
vincos e adamascados  
falar em silêncio  
esperar pela conjuntura  
regar imutáveis

acreditar naquele telefonema  
é quase servir conhaque a fantasmas

até as escadas mentem  
até o gelo no copo  
a lâmina de rematado aço  
deixa vaziar árido murmúrio

rostos quedarão desconhecidos  
depois de um tempo o entrevistado se firma

na lixeira a presença dura dos papéis rasgados  
e por dentro um infinito de exclamações



## AQUI

aqui  
onde invento  
onde eu represento  
não chega nem  
o correio  
só arrepios  
trazem os ventos  
em forma de arritmia  
aqui  
onde se cria  
contra a monotonia  
não chega nem  
o vazio  
nem o pleno  
só o meio  
termo  
entre o céu  
e o inferno  
nada de chuva  
nem magia  
sobre o chão  
seco  
tombam as gotas  
imaginárias  
as vozes  
mais que sedentas  
devido à sorte  
crônica

da superfície

aqui

esta isca

de anzol

envelhece

sem nem saber

o que é

peixe

## RESPOSTA EM SEPTISSÍLABO DE ANAPESTOS E TROQUEU

pediram sentenças claras  
— as minhas são claro-escuras  
pediram-me folhas verdes  
— as minhas mais que maduras

pediram as cenas nobres  
— as minhas, cotidianas  
pediram-me rimas ricas  
— as minhas mais do que pobres

(e um uso anormal da crase  
que desconforto enfim cria  
se é o modo maior da frase  
ser antes polifonia?)

centímetros metros pulsos  
não pese serem ateus  
eu deixo os versos avulsos  
que é certo nem serem meus

**Luci Collin** (Curitiba, 1964) é professora de literatura de língua inglesa e tradução literária na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Traduziu para o português textos de Gary Snyder, Gertrude Stein, Eiléan Ní Chuilleanáin e Jerome Rothenberg. Publicou, entre outros, *Inescritos* (ficção, 2004), *Vozes num divertimento* (contos, 2008), *Com que se pode jogar* (romance, 2011), *Trato de silêncios* (poemas, 2012) e *Querer falar* (poemas, 2014).



**Marcos  
Losnak**

## UNHAS SUJAS DE TERRA

No fundo do olho do pássaro  
um resto de nuvem  
acena um melancólico adeus

Enquanto brincamos na floresta  
o lobo afia seus dentes  
nos seios de nossa mãe

Escolhemos ser alguma coisa  
e não conseguimos suportar  
aquilo que escolhemos

Escolhemos ser algo mais  
e nem ao menos sabemos  
o que é algo que é mais

O céu se despede das penas  
entoa um vento quase cinza  
e agora somos nós os coveiros

## O AGORA É UM DESERTO

Vazio

:

As margens distantes de um rio sem margens

A aurora pronunciando palavras com a boca cheia de chuva

Nenhuma formiga esmagada pelo latido do cão

Nenhuma abelha derrubada pelo som do trovão

O vazio é aqui

:

Espaço desocupado pelo frescor da alma

O silêncio dos dedos bebendo a água dos olhos

O ruído do nada despindo as vísceras

Vazio

:

O agora é um deserto

## UM ESTRANHO JEITO DE LER OS VIDROS

As formas de teu rosto arrastando-se pela memória  
roubando suavemente meu sorriso  
como pássaros colhendo palha para o ninho  
fio por fio até o fim

Nada mais que um lago esperando pela pedra  
atirada pelas mãos de um menino de idade avançada  
com as águas elevando as mãos aos céus  
pensando nas formas das limas esquecidas sobre a mesa

A vida um estranho jeito de inspirar o céu e expirar o ego  
como se cuspsse um caroço de tâmara  
pequenos gestos cozinhando alegria no crepúsculo  
quando o futuro arranha a vidraça

Lembranças esfregando dúvidas no rosto do dia  
onde a consciência anoitece antes do sol  
escamas protegendo a alma da lama  
enquanto meus olhos rastelam um campo minado

Todos os órfãos pendurados em meus cabelos  
todos os santos dormindo em minha cama  
enquanto o frio dedilha a pele  
sem dizer nenhuma prece



## O GRANDE BANHO

o silêncio  
lavava meus cabelos nas águas do Ganges  
retirava a terra dos dedos nos saltos de Guartelá  
limpava os pés nas areias do Atlântico  
mesmo assim  
eu estava sujo

minhas dores precisavam de um banho maior  
o Nilo num único poro  
as quedas do Iguaçu numa ruga da face  
o Amazonas para diluir os fungos  
o Tietê para dizimá-los

minhas cores poderiam ser outras  
quase azul vestido de amarelo  
quase amarelo coroadado de vermelho  
nem assim  
limpo estaria

poderia ter as costas cobertas de fogo  
músculos afogados em brasas  
ossos cremados em sândalo  
mesmo assim  
limpo não estaria

talvez a ação correta no pensamento correto  
lavaria meu corpo  
talvez a oração correta nas palavras corretas  
purificassem meu destino  
mas não  
era muito pouco

carrego o sebo dos escravos  
as cáries dos mineiros  
a febre dos índios  
as feridas dos cortadores de cana  
o cansaço das benzedeiças  
os calos dos colhedores de café  
as fezes dos doentes  
os odores das pústulas  
o gemido dos moribundos  
a putrefação da carne  
a gênese do fim

enfim  
uma alma à deriva  
coleccionando fotografias de salva-vidas  
restaurando velhos livros sagrados  
corrigindo erros de ortografia  
derramando leite nos olhos da noite

um corpo à deriva  
envolvido pelo manto da solidão  
derramando seu esperma pelos oceanos  
sal com sal  
lágrima com lágrima

uma alma à deriva  
a caminho do grande banho  
o precipício do princípio primeiro

:

a clareza

## ACENDENDO O PAVIO

Tornei-me um especialista na genérica arte do caos.  
A arte de transformar cada hora do dia  
    num poço de possibilidades nunca alcançadas.  
Coisas invisíveis sujando o chão da mente  
e nenhuma limpeza capaz de eliminar anos de poeira e erros,  
Vermes desfilando suas obras com a elegância de deuses,  
Todos desfilando em carros alegóricos entre multidões de  
desocupados.

A chuva não faz barulho em meu telhado,  
Os sinos não vibram meus tímpanos.  
Um sonho estéril enterrado a cada manhã,  
Um pesadelo cultivado entre falsos sorrisos.

Tudo bem se a casa desabasse,  
Tudo bem se os filhos morressem,  
Mas nada indicaria uma nova salvação para o que já foi  
destruído.  
A ilusão coroando o amor com flores e joias,  
Inventando palavras singelas entre pedras de gelo.

Nesta existência nenhuma pedra foi lapidada,  
Tudo foi perdido num lento e doloroso ritmo.  
Uma montanha enlouquecida sepultando os mais belos  
detalhes da vida.

As caminhadas tornaram-se enfadonhas e cansativas,  
A casa deixou de mudar de lugar,  
Os animais tornaram-se insuportáveis,  
Os pensamentos tornaram-se azedos.  
Tudo muito estranho para um self conservado em álcool.

Os cegos desta praça são felizes,  
Nunca veem o que sentem.

**Marcos Losnak** (Bauru, 1964) mora em Londrina-PR desde 1983. De 1988 a 1991 foi editor da revista de arte *Kan*. Teve poemas publicados em revistas e suplementos culturais como *Nicolau*, *Medusa*, *Cão Magazine dos Signos* e na antologia *Pindorama: 30 poetas de Brasil* (2000) e na antologia *12* (2000). Edita em Londrina, com Ademir Assunção e Rodrigo Garcia Lopes, a revista de literatura *Coyote*.



**Maurício  
Arruda  
Mendonça**

## EU CAMINHAVA ASSIM TÃO DISTRAÍDO

olha eu ando louco à procura  
de um olhar que como o  
seu me acalme um pouco  
e eu possa chamar poema  
salto de cervo  
lua de outono

olha a parede se descasca  
poeira em tudo o que fica  
pense um pouco  
cinza de cigarro tubo de caneta  
não foi assim que eu te ensinei a mentir  
estou com febre algum tipo de dor  
mas ainda que eu erre

olha velocidade é uma fissura da juventude  
solidão é um método maluco  
de saber quem está dentro de você  
quando a cidade inteira te odeia  
mas entre almas de jeans  
você segue

olha nada na neblina  
além de borboletas transando  
estátuas se mexendo  
pessoas que se esqueceram de sorrir  
e você vai se matando  
de tanto dizer sim  
mas



olha a chuva fina no asfalto  
meu suor em sua pele  
pra sempre

## NOVEMBRO

brilho mostarda das flores de grevílea  
suspirando entre o verde folha  
dos olhos de Deméter  
uma resina rebrota ali implorando primavera  
sob soluços de pássaros perdidos  
quando o vento circula e o poente  
corta seus pulsos  
cigarras murmuram seu vazio  
a melodia suando pelos poros do infinito  
se repetindo como os dias de novembro  
e galhos gemem com suas gargantas secas  
e o coração vegetal prepara o sangue  
de flores invisíveis  
enebriando com perfume opiáceo a passagem  
da lua nova  
a beleza arranha estilhaços de esquecimento  
na mente metafísica e deuses sem nome  
quebram suas taças de vinho embolorado  
o jardim prossegue seu monólogo interior  
onde ainda arde uma fogueira de ideias  
um solstício do entendimento  
com loucos em cadeiras de balanço  
agora vai entardecer por cem anos  
e uma nuvem de vagalumes trará a chuva

## LONDRIX

quando é outono  
os galhos temem  
que folhas  
os deixem

sem pensar  
gritamos  
nada volta  
só galhos  
secos e folhas  
junto à porta dos fundos  
do lado do focinho do cachorro

assim  
perguntamos  
ao vizinho  
“você tem  
um serrote?”

agora  
batendo na vidraça  
“quer entrar?”  
os galhos perdoam  
o vento

## CANÇÕES DE SONHO

*Para Paulo de Moraes e Patrícia Selonk*

### 1. TITÂNIA

Ponderas disparates sem calculares desastres  
surrupias os arco-íris e vocíferas  
com hálito de alecrins e manjeronas  
jardins onde jazem pérolas nas primícias  
horto de sonhos e desgostos —  
sumo de amores perfeitos  
seviciam suas pupilas pastorais  
pequeninas flores indefesas, melancólicas camponesas  
nuvens de alfazemas com grinaldas de orvalho  
Por quanto tempo dure a primavera

### 2. OBERON

Não são fadas? Não são três lindas fadas?  
Meus sentidos me trazem surpresas imensas  
Apesar da ciência e da razão, eis então: três lindas fadas!  
Uma salva de valsas!  
Meninas de lábios laranja  
Que brisa alisa seus seios no arco-íris?  
Meu coração bate mais forte  
Bússola sem norte, vida que vibra  
Pois o amor é suavíssima delícia  
Que deixa alegria em carne viva

### 3. *PUCK*

Eu vejo nuvens negras, tulipas de luto  
alecrins despetalando rosas e as invejas das violetas  
Vesúvios de malícia, desertos de tristeza,  
as fontes secas da beleza,  
agonia nas matas,  
nas cascatas,  
Glória infeliz de cada manhã pálida  
geada glacial incendiando os Livros da Alegria:  
— Somos flores artificiais no paraíso do mal

Fujam, Fadas, fujam!  
o medo me envelhece!  
Em cada sol que nasce  
o sereno do sorriso desvanece!

**Maurício Arruda Mendonça** (Londrina, 1964) é dramaturgo, poeta, tradutor e músico. Publicou os livros de poemas *Epigrafas* (2002), *A sombra de um sorriso* (2002) e *Eu caminhava assim tão distraído* (1997). Como tradutor, verteu poemas de Sylvia Plath e Rimbaud. Para o teatro, traduziu autores como Molière, Tennessee Williams, Samuel Beckett, Bertolt Brecht, Sam Shepard e Tracy Letts.



**Marciano  
Lopes**

## **LUZ DAS ESTRELAS**

gemidos  
suspiros roucos  
sussurros surdos insanos

vontades olvidadas  
veladas velhas verdades

chagas chamejantes  
xanas encharcadas  
xotas enchorcalhadas

com cancros escancarados  
com cancãs todos toldados  
em cacos encalacrados

roda

valetes & vedetes  
xuxetes & chacretes

mancebos mancebados  
manchagados em manchetes

mix remix de dados amixordados

**SOB A LÂMPADA !**

cirandando cirandando  
cirandando só



em suspiros loucos  
murmúrios beijos boxixos  
eunucos & moucos

sussurrando verdades  
vontades aviltadas  
veladas pulhas metades

com cancos chagas cancãs  
xanas xotas xexecas

chamejantes  
encharcadas  
enchorcalhadas  
enxanadas

SOB A LÂMPADA !

cirandando cirandando  
cirandando só

em gemidos surdos  
roucos loucos insanos

com cancos encalacrados  
mil cacos estilhaçados  
espalhando pelo caminho

xotas  
chagas  
xanas  
ganas de esganar

SOB A LÂMPADA !

viandante viandante

viandante só

CORTA!

## MIRANDO JANIS JOPLIN

É nesta cadeira, vejam,  
é nesta cadeira vazia  
que ouço Janis Joplin  
e converso com Bertold Brecht  
sobre os absurdos do mundo.  
É nesta cadeira, vejam,  
que ouvimos Neruda cantar  
e converso com o mais estranho  
e eclíptico demente  
que com meus olhos meninos eu vi!  
Ele se delicia com rainhas,  
balões, porcos e pedras rolantes,  
Mirando Janis Joplin  
grita berra! e sussurra baixinho...  
que não tem certeza de nada  
e que a ignorância também é sábia.  
Fala de doidos amores,  
das mulheres que comeu e cuspiu  
nos podres vasos da aurora,  
nos bares imundos em que deixou  
o âmago quente do seu estômago  
cansado da burra servidão do dia.  
É nesta cadeira, vejam,  
É nesta cadeira vazia  
que ouço Janis Joplin.  
Não, não assuste não!  
São somente máscaras com que disfarçamos o medo,  
o vazio o vácuo a velocidade

a voz que vem do nada por todos os lugares  
jorrando como sangue do coração  
fazendo esgares nos espelhos  
espalhados pelo caminho.  
É nesta cadeira, vejam,  
é nesta cadeira vazia  
que ouço Janis Joplin!

**Marciano Lopes** (Porto Alegre, 1965 — 2013) foi professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Publicou os livros de poemas *Torpor e A contra-pelo*.

**Miguel  
Sanchez  
Neto**

## PAÍS OBSCURO

### 1.

Venho de um país obscuro,  
de uma infância repleta de muros.

Meu pai foi leve lembrança  
que me marcou com sua ausência.

E enquanto caminhava pelas ruas  
do tempo mais triste da ditadura

ia perdendo meu país  
como quem deixa uma moeda cair,

ia perdendo meu pai  
como quem de si mesmo se desfaz.

Desfilei todos os 7 de setembro  
fazendo continência ao silêncio.

Obedeci a professores vis  
e não tive como destruí-los.

Sou o filho da ditadura  
e não ter sido rico me orgulha. [...]

### 3.

Minha mãe costurava para as putas  
e com os retalhos da luxúria  
cosia minhas poucas roupas.  
Minha mãe comprava um único pão,  
repartindo-o entre quatro bocas.  
Que seria de nós sem a prostituição?

Minha mãe costurava para as putas  
como quem limpa uma igreja  
e, humilde, diante do altar se ajoelha.  
Minha mãe costurava para as putas  
enquanto a gente crescia sob a ditadura.

Não me lembro do cheiro das mulheres  
que frequentavam nossa casa de madeira,  
mas me recordo das frestas  
pelas quais eu podia vê-las.  
Eram elas que exploravam políticos,  
fazendeiros, médicos, milicos,  
e depois repartiam com os pobres.  
Eu vivi um tempo destas sobras,  
— cão que afia as presas em ossos.

Por isso não presto, minha filha,  
sou tarado, sou sujo,  
cresci no meio do lixo  
e o meu foi um tempo pútrido.  
Cresci sentindo o cheiro das putas,  
vesti os retalhos da luxúria,  
sentindo-me, na catequese, impuro  
com minhas roupas de monturo.

#### 4.

No meu país, as abóboras medravam  
no canto onde se jogava o lixo,  
e no fundo do quintal havia um chiqueiro  
onde criávamos um porco roliço  
com a lavagem da casa  
e com os restos dos vizinhos.  
Um desses porcos pouco civilizados  
um dia rompeu o cercado  
e estragou o belo jardim  
da casa em frente à minha.

Este foi todo o meu exemplo de rebeldia.



**5.**

Os porcos de casa  
me punham bichos nas patas  
e a coceira quente no pé  
era um convite para a raiva.

Hoje, olho meus dedos  
e não há sinal algum daqueles tempos,  
nenhuma cicatriz me devolve  
a lembrança dos dias pobres.

Mas sou o mesmo,  
menino criado entre chiqueiros,  
numa casa velha de madeira  
que está intacta no tempo. [...]

**8.**

O meu país foi uma pátria morta  
que só sabia fechar as portas.

O meu país não me deu conhecimento,  
na escola estudávamos silêncio.

O meu país não soube soletrar meu afeto,  
me matou quando eu ainda era feto.

O meu país não foi um país,  
foi um estado de sítio.

E eu vivi em seu coração  
como quem morre no exílio. [...]

**10.**

E a época mais crítica,  
estação de frutas cítricas,  
foi quando entramos na escola.

Só havia duas matérias:  
silêncio e jogo de bola.

Só havia duas posturas:  
submissão e indisciplina.

Só havia dois destinos:  
pobreza ou crime.

E muitos amigos  
tornaram-se bandidos,

latoeiros, mendigos,  
sem-terra, traficantes.

A escola nos mastigou a todos  
e depois nos cuspiu no esgoto.

Foi ela que nos fez escrotos,  
que nos ensinou o arroteo.

Tive que aprender a calar,  
sem discurso como meus pais. [...]

**12.**

No armazém de meu padraço,  
frequentado por tudo quanto é parvo,  
eu ia aprendendo a miséria  
de um grande país de merda

em que as pessoas eram exploradas  
como se esgotam as terras.

Agricultores encardidos  
vendendo o último viço,

mulheres enroladas em trapos  
e de rachados pés descalços

comprando apenas o mínimo,  
banda de feijão e arroz quebradinho.

Eu vi meninos com mãos calejadas  
de tanto escrever a vida na enxada,

vi meninas com olhares baços  
soletrando a solidão dos matos.

Foi no armazém de meu padraço  
que conheci este país descalço. [...]

**14.**

Foi este exemplo que me conduziu  
à pequena biblioteca da escola.

Havia então um outro mundo  
atrás daquelas estantes todas?

E, analfabeto que também era,  
fui decifrando aquelas letras,

estrangeiro em minha própria língua,  
soletrando mal as suas belezas.

E se de todas as lições da escola  
não me sobrou absolutamente nada,

daquelas minhas sofridas horas

## AUTOBIOGRAFIA DE ALEIJADINHO

### 1.

Somente aquilo que dispensa  
os adornos do erudito,  
livre de toda a ciência,  
resistirá à noite do olvido.  
Não precisar de referências,  
de sábias notas analíticas,  
é ser para todo o sempre  
como a límpida água viva.  
O que demanda um tratado  
para ser apenas percebido  
só pode estar equivocado.  
Tem que ficar tão claro  
o sentido, e tão vivo,  
que não possa ser ignorado. [...]

**10.**

Para além das encomendas sacras,  
das exigências do estilo coletivo  
e dos caprichos de quem paga,  
há a alma podre de Aleijadinho,  
igual aos pontos de ferrugem  
que a pedra sabão lepram  
não permitindo que fiquem imunes  
nem as estátuas dos profetas.  
E estarão sempre assinadas,  
as suas peças, com a peçonhenta  
maneira compungida de olhar.  
A vida lhe foi degenerescência  
e ele a dissecou em Cristo, cadáver  
de mais que humaníssima têmpera. [...]

## MATURIDADE

A vantagem de ser feia  
é que a gente está preparada  
pra velhice

## FRENTISTA

Eu o invejava

Sempre com formosos cavalos  
na fazenda em que trabalhávamos

O pai perdeu as terras  
e muitos anos depois  
voltando à cidade  
parei num posto

Advinha quem abasteceu meu carro?

**Miguel Sanches Neto** (Bela Vista do Paraíso, 1965) é escritor, professor de literatura e crítico literário. Publicou mais de dez livros, nos mais diversos gêneros, entre eles os romances *Um amor anarquista* (2005), *Chá das cinco com o Vampiro* (2010) e *A máquina de madeira* (2012). Na poesia publicou, entre outros, *Inscrições a giz* (1991) e *Venho de um país obscuro* (2000).





**Rodrigo  
Garcia  
Lopes**

## NEW YORK

a serpente das ruas arrasta seus ruídos, raps & neons  
devora um real que acumula seus pós  
sobre nós, camadas  
de civilização sem fim e sem saída

e o atropelamento de toda emoção  
restrita  
a um cão, olhando, perplexo,  
a sexta avenida

o fog artificial  
dos restaurantes coreanos clandestinos no subsolo  
se mistura com o tráfego, tráfico, fôlego —  
escapa de bocas de lobo e abraça  
um sinal, letras em vermelho, onde se lê

DON'T WALK DON'T WALK DON'T WALK

que some no branco estúpido de um céu cinza.

Nenhuma chance para Shelley, Keats,  
nenhum haicai possível por aqui —  
a não ser os gritos inumanos, os pensamentos anônimos, os  
urros urbanos  
de um homem que acabou de enlouquecer.

## **FUGAZ**

passagem por uma paisagem,  
lugar do onde, do ontem, do quando,  
quantas palavras ficaram faltando  
na boca cheia de imagens.

o outro é aquele que ficou à margem,  
no espanto de um pronome,  
no corpo de uma brisa suave;  
o outro é como uma fome  
pluma à deriva, à distância, ou quase.

estranho em sua própria viagem,  
garrafa com uma mensagem,  
olhar durando numa flor,  
sem nome, secreta, selvagem.

desterro, água bebida num trem,  
peça incompleta, festa adiada, vertigem,  
a cabeça sempre em alguém,  
eu outro, eu todos, ninguém.

## **POLIVOX**

Não há nenhuma voz que seja a minha  
nesta manhã sendo desperto pela máquina de lavar,  
pássaros em gaiolas de vento & Villa-Lobos

Outras vozes a intersectam e se mixam  
Com a foz das frases que ainda estou a escrever  
e que lentamente olham para mim, me reconhecendo.

E outro sopro de silêncio nos reanima. Línguas  
colidem na toxina das ilhas  
no exílio de todos os caminhos

(que no entanto não se bifurcam. Escondem-  
se — no ontem onde deságuam —  
num tumulto de ecos, reflexos numa gruta).

Será a poesia a arte da escuta?

## ZEITGEIST

Nocauteando celebridades disfarçadas de pinguins  
Monitorando a muvuca das transações e trapaças alpinistas  
Serpenteando entre escadarias cravejadas de citações  
Chutando o balde do crepúsculo com o bebê da aurora dentro  
Chegando firme na dividida com a mentira, pisando o calo da calúnia  
Colecionando estoques de paciência e delatores pederastas  
Beliscando morenas de fiberglass e pixels de altíssima definição  
Pegando marqueteiros pela orelha, levando o bispo milionário pelo pescoço  
Mostrando seu catálogo de golpes de jiu-jítsu para web designers  
Apavorando editores de moda com crucifixos de merda  
Partindo pra ignorância pra cima das floriculturas  
Esfaqueando a manhã e as boas intenções com sua adaga afiada  
Pulverizando jogadores de genoma e modelos chipadas  
Dando geral nos arquivos adulterados dos tribunais de justiça  
Assaltando pipoqueiros metafísicos e banqueiros artistas de fim de semana  
Distribuindo pirulitos de ácido para críticos literários  
Arrebetando a boca da razão com denúncias inconsequentes  
Estrangulando docemente a tarde carregada de câmeras de vídeo & trance music  
Pregando a irresponsabilidade fiscal, e anthrax para todos,  
Rifando o shopping lotado de ideias fixas com um grito de jihad  
O homem-bomba entra no poema.

## RIME

*You are the music while the music lasts.*

*T. S. Eliot*

Nessa linguagem lenta eu tatuo  
Nada e tudo o que não suo:  
Não solitude, mas um duo.

E não é banal o que persegue essa rima  
Que ecoa, pássaros, no ouvido da fala.  
Não está na sala, mas um andar acima.

Irmã do ritmo, nunca fuja de mim,  
Eu a quero surpreendendo sempre  
E acontecendo mesmo onde não existe.

Reitera sua verdade, música do pensamento,  
Revela pelo milagre do deslumbramento  
E não fica só um só momento.

Se você é incapaz de ouvi-la, e se  
Juntas não formarem acordes deve ser  
Porque não a traz dentro de você.

É isso: ela é um acorde,  
Um beijo de coisas, a tarde  
Traduzindo-se em jade.

Como rimam ao se repetirem  
Lua e lago, ou os olhos de quem  
Nos mira agora, de amor refém.

Você não pode perder.  
Isso ecoa simples até não poder.  
Quando for ver já está pensando você.

## **GOOGLE EARTH**

Essa dor é muito antiga.  
Um Colosso de Rodes, visto de cima,  
O Museu Britânico, o Taj Mahal,  
O Pão de Açúcar, o Atacama, um parque em Lima.  
Antes ela sabia de cor o Bhagavad-Gita,  
A oração do meio-dia,  
A Torá, o Necronomicon,  
Os inscritos na tumba de Ikhnáton.  
Na areia sofria um Graal.  
Sentia o remorso do mar.  
Parece com Quéfren, vista assim  
de frente, e de lado com ninguém.  
Ontem parecia mais antiga. Hoje, nem  
mágoa: não se parece com nada.

## A ÚLTIMA VIAGEM

Pisou na praia  
pela primeira vez  
em séculos —  
Gaivotas o vigiavam.  
Olor de algas.  
O vento salino, ardente e Sul.  
Odisseu desceu  
da balsa murmurando  
alguma coisa para si  
num dialeto quase extinto.  
Arrumou os remos, poucos peixes,  
sob a música de um alto-falante  
contra um pôr de sol salmão.  
Depois, viu as lâmpadas frouxas  
piscando nas casas do povoado.  
Maresia de maconha alcançou suas narinas.  
Funk.  
Risadas altas.  
Nenhum pescador o reconheceu.  
Penélope nunca existira.  
Aquela não era sua lenda.  
Ítaca nunca existira.  
Odisseu virou-se para a praia sem história  
e nada disse:  
acendeu um cigarro e contemplou  
o azul escuro absurdo do mar noturno  
contra as linhas brancas incansáveis  
da arrebentação.



## ROMANCE POLICIAL

A lanterna da lua banhava o morto.  
No rosto do detetive, nenhum sopro  
A não ser o ar pesado do mangue, o corpo  
Caído, espesso sangue, e o pouco  
Dito pelo policial com cara de mau  
Que agora segurava um castiçal  
Interrogando a loira de olhos negros  
Que trabalhava para um restaurante grego  
Da grana e dos bilhetes estranhos no porta-luvas,  
Do estranho esgar de sorriso, do sangue em sua luva.  
E antes que a canção no rádio acabe  
Ele diz: “Para salvá-la, só um milagre”.  
Nas mãos, a carta rasgada ao meio, garrafa de uísque  
Pela metade. Mas ainda é cedo para que ele se arrisque.  
Nada ficou claro nos depoimentos, de como essa sereia  
Foi encontrada pela estrada à lua cheia:  
“Do que não se pode falar, deve se calar”,  
Ela disse, bem no momento dele virar  
E ser beijado por seus lábios fatais.  
A lua aumentava seus cristais.  
Seguiu-se um minuto de silêncio  
E os grilos pontuavam um indício. Ela disse:  
“As pistas estão em toda parte, em seu diário,  
No dia dezesseis em vermelho no calendário”.  
Enquanto o detetive revistava a lua  
A loira derramou uma poção branca na sua  
Garrafinha de uísque. “Nessa profissão, é preciso jeito  
Para resolver este quase crime perfeito”.<sup>16</sup>

Ela não dizia nada, ou quase nada, só o olhava  
Sabendo que a verdade estava em cada palavra.  
A esta altura, tudo parecia bem nítido  
E agora ele a forçava a beber o líquido.

**Rodrigo Garcia Lopes** (Londrina, 1965) é jornalista e coeditor da revista *Coyote*. Traduziu com Maurício Arruda Mendonça os livros *Sylvia Plath: poemas* (poemas, 1990) e *Iluminuras: gravuras coloridas, de Rimbaud* (poemas, 1994). Autor, entre outros, de *Solarium* (poemas, 1994), *visibilia* (poemas, 1997), *Nômada* (poemas, 2004), *Estúdio realidade* (poemas, 2013) e *O trovador* (romance, 2014).

# **Rollo de Resende**

Estava nublado e o sol  
só veio muito depois:  
um dia, meu pai levou-me  
a uma roda-gigante  
com a intenção de me mostrar  
o mundo.

\*

o vento do mar no meu cabelo como algas.  
se estivesses mais perto,  
o amor do meu flagelo.  
pisca o néon do plâncton,  
você nem sabia que existia.

esta praia no inverno

sei da fosforescência do amor,  
sua aproximação  
agitando as ondas,  
letras d'água que estouram.

este inverno na praia

todas essas pessoas querendo saber  
o que se passa consigo  
alojado em seu sangue.  
aguardamos que sejamos chamados,  
indicados a pequenos boxes  
(um deles é todo decorado com  
calendários de bolso) e cedamos  
amostra de nosso inapetente sangue.  
eu desejaria ir, é claro, com  
a garota do box decorado.  
seus dentes avançam boca afora  
não insinuando sequer um sorriso.  
acabo sendo chamado pela moça  
de cabelos presos, sua vizinha:  
— o próximo.

\*

flores sexos frutos têm a mesma beleza.  
mística não possui fórmulas  
ainda que me peças rimas.  
o momento em que se atrai uma melodia:  
a carta de minha mãe que diz:  
“ainda hoje, olhei para a minha barriga,  
ou melhor para a cicatriz da operação  
cesariana e percebi que ela também  
já vai fazer 25 anos!”

a mim,  
flores do cosmo!

pode ter saído de um romance de pasolini  
(um dos seus “ragazzi de vitta”)  
ou de um poema de konstantinos kaváfis

mas não,  
veio a mim aqui mesmo do lado de fora da vida  
e mais,  
na verdade iria ao encontro de qualquer um

***Rollo de Resende*** (Cambará, 1965 — 1995) integrou o elenco de poetas escolhidos para o Disque-Poesias, serviço telefônico de Curitiba. Publicou *Racho de romã: 21 poemas* (poemas, 1988) e *água mineral* (poemas, 1995).

**Ricardo  
Schmitt  
Carvalho**

## LADAINHA MAL CRIADA

Desde que pus as mãos na poesia  
Assombra-me a triste mania  
De rimar cruz cada vez  
Que a palavra luz.

Ora, meu Deus,  
Tenha a Santa Paciência!  
Orarei a Expedito das Causas Urgentes  
Para abreviares minha penitência.

Não tenho ombros tão fortes.  
Costas largas, muito menos.  
Só minha cabeça  
Já me basta como carga.

Ora, meu Deus,  
Tenha Santa Paciência!  
Orarei à Nossa Senhora dos Prazeres  
Para me olhares com clemência.

Onde há brilho, que haja fogo.  
Onde há sacrifício, fim.  
Tire a culpa por seu filho morto  
de cima de mim.



## **ANTICRISTO**

Olhai os delírios do campo  
de refugiados.

## **INFLUENZA**

poeta douto  
fechou o soneto  
com chave de outro

## OEDIPUS

cast-off innocent lucky brave bold restless skilful  
ruthless cold bloody mean fateful deadly  
pure fine wise bright gifted smart  
holy doomed earthly guilty  
horny cocky sultry hot  
sad mad blunt blint  
first famous big bad  
mot h er f u cker

**Ricardo Schmitt Carvalho** (Curitiba, 1966) traduziu poemas de Duda Machado para o inglês, conteúdo que integra o livro *Desencontrários* (1995). Publicitário, realizou documentário a respeito de poesia. É autor de *Lasca* (poemas, 2002). Escreveu roteiro para médias-metragens, artigos para jornais e revistas.

# **Solivan Brugnara**

## A DESCONSTRUÇÃO DO BOI

Matar

O martelo afaga a testa do boi

Bem entre seu olhar negro e bondoso

Cheio de estrelas brancas

E a faca procura um resto de vida

Escondida dentro do seu pescoço

E como um sopro frio

Apaga as estrelas assustadas

No olho do boi

O corte tem um gosto

Oxidado e gelado da lâmina

Língua abusada metálica dentro da carne

Do talho ubre de ordenhações rubras

Saem abstrações brutais de um coração se debatendo

Caem vermelhos, brilhos, lampejos

Sobre o alumínio

Com digitais e moscas verdes

Estremecimentos

O sangue abundante acomoda-se

Aninha-se

Transborda, pastoso, calmo

Morte

Ainda sai um colar de rubis

No fim lágrimas de um olho vazado

Estaquear  
Erguer no galho da cabriúva  
A rês de cabeça pra baixo  
Quatro cascos suspensos  
Pelas pulseiras rudes de corda de sisal  
Estranha flutuação de alma

Courear  
Arrancar o branco  
Colorir num processo inverso  
De retirar  
Deixá-lo rascunho  
De boi a crueza de um esboço  
Vermelho, inconcluso  
Riscado de nervos brancos  
Pendurado  
Ante o matagal enredado rasurado de inverno  
A suave sombra dos ramos  
Parecem arder sobre a cor carne-viva  
Como mão áspera sobre queimadura  
Decepar a cabeça  
Pô-la sobre a mesa  
O sangue procura os veios das tábuas  
Um corte no abdômen  
Abre-se num fácil sorriso  
E vomita intestino pardo e fedido  
Na bacia  
Após o parto  
O coração dorme sobre as vísceras  
O boi morto ainda adula

Seu odor de presa  
Deixa o ar quente e ensebado  
E espalha felicidade  
Moscas varejeiras zunem  
Coroam os coágulos  
Como esmeraldas ávidas  
O rabo do cão sorri  
Um menino, pernas e braços finos  
Magro de barriga grande  
Olha o pai com um sorriso atento  
Dentro dele uma alegria inocente de oncinha

Carnear  
A faca apaga  
Os membros dianteiros  
Deixa no lugar a terra que se escondia  
Atrás deles  
Abre-se o zíper da espinha dorsal  
Os posteriores ficam balançando enforcados  
Após recortados  
Retirados  
Restam dois cascos, dançarinos  
De um boi invisível, desconstruído.

## POEMA AO RIO IGUAÇU

Rio represado  
domado  
pela inflexível  
posição marcial do concreto.  
Rio com hora marcada,  
espera contido,  
espera angustiado  
a hora de fluir feliz  
por entre  
estas vaginas metálicas.  
Meu rio  
de margens indefinidas,  
e às vezes litigiosas.  
Iguaçu de pouco peixe  
que lança lambaris aos pescadores  
como quem joga moedas  
ao mendigo da praça.  
Rio importunado  
por projetos,  
urbanizado  
pela pouca poesia  
das casas de veraneio.  
Enquanto pesco  
à sombra de um outdoor da  
Severo Materiais de Construção,  
penso que teu caule passa aqui,  
mas tua rosa flor branca  
abre-se em Foz do Iguaçu

e lembro do dia que levou vilas e pontes  
inclusive a zona do Chopim-Dois.  
Foi-se o sofá das putas  
deslizando rio abaixo.  
Adeus sofá das putas  
sentirei saudades.

## **SOBRE QUEDAS [DO IGUAÇU] E DIGRESSÕES**

Os Polacos ao chegar  
fatiaram araucárias  
construíram  
com este lenho puro imaculado  
suas casas.  
Católicos martelavam com vigor  
porque sabiam que neste lenho puro imaculado  
não tinha as mãos de Jesus.  
A araucária não tinha o pecado do cedro.  
Neste tempo  
as ruas de Quedas mudavam  
de plumagens ao ano  
no verão áspero pó vermelho  
no inverno uma nupcial neblina.  
Mas dos eslavos e capivaras e pinheirais  
da comunidade mítica  
desta primeira dentição de madeira  
restam apenas  
algumas casas apodrecidas.  
Hoje as ruas são práticas e cinzas



e prédios matemáticos  
feitos de cimento e cálculos.  
porém em  
suas calçadas de hexágonos sem mel  
aparecem índios  
vendendo balaios  
sua solidão lembra que esta cidade  
quando vista de um alto ainda parece  
uma destas cidades perdidas na mata.  
Não gosto do sabor insosso das linhas retas.  
Artificialidades, não gosto de artificialidades.  
Gosto de Gaudí  
que fez o frio concreto cometer excessos  
cometer luxúrias.  
Já a voluptuosidade de Niemayer  
é uma voluptuosidade seca, estilizada.  
voluptuosidade tem que ter exuberância.  
seus edifícios parecem esterilizados, sem germes.  
Não confio em lugares que não tenham germes  
lugares santos são cheios de germes  
a beleza é sempre cheia de germes.  
Porém a artificialidade não é desumana  
a artificialidade é algo racional  
portanto mais humana que a exuberância.  
A exuberância esta sim é algo mais animal  
mais artística.  
Os bares de Quedas  
são os nascedouros das lendas  
a cachaça com ervas e lascas de sassafrás  
e um santo daime, um peiote.

O Orixá Mário de Andrade desce  
como espírito santo  
a linguagem entra em transe  
peixes tornam-se monstruosos  
e em quantidade milagrosas  
os tiros são mágicos  
e matam uma onça mitológica  
e o caçador e o cavalo da anta morta  
no êxtase, na língua do sonhar.  
E alguém imita um polaco  
coro de risos.

Das livrarias  
gosto da livraria de seu João  
heroicamente agarrada ao passado  
um carrapato agarrado ao ano de 1967.  
Mesmo o jornal do dia  
se comprado na livraria do seu João  
já sai um jornal cinquentenário  
e muito mais sábio que o mesmo jornal  
comprado na outra esquina.  
Já é um jornal  
para ser guardado  
uma relíquia  
uma peça de antiquário.

## VILA DIAS

É uma favela paranaense  
favela branca, de europeus pobres  
com um pouco do marrom terra dos caboclos.  
Lá e em todo o oeste e sudoeste do Paraná  
a cultura gaúcha encontrou-se com a do caipira.  
E quando culturas se encontram  
espera-se choque, divisão ou amálgama.  
Nas não houve embate  
nem o gaúcho e o caboclo  
  mesclaram-se culturalmente  
somente desenvolveram uma coexistência única  
O paranaense singularmente adotou como sua  
duas culturas que continuam distintas e puras  
dentro dele  
em uma dualidade tão natural  
que nem é percebida.  
Nos velórios da Vila Dias  
o caixão fica dentro das casas  
sala aberta como templo.  
Reverenciado pela curiosidade  
o morto como um santo no oratório  
decorado com coroas de alumínio  
cujas flores cheiram a tintas esmaltadas.  
Conversas, chimarrão, rezas e choro  
fermentam num bolo sonoro  
salgado com suor.  
Percebe-se em alguns

um certo sentimento de triunfo festivo  
os vivos sentem-se vitoriosos  
perante a morte.  
No bar, música embriagada  
e a vizinha assiste à novela  
porque na Vila Dias a morte é cotidiana  
e a morte sem os dramas  
das mortes dos semideuses da classe média  
a morte é comum, doméstica  
é parte da vida  
não causa traumas. [...]  
Outros quintais abandonados  
Em outros lugares são só quintais abandonados  
Quintais oníricos  
São os quintais de Quedas  
Quintais com guaxuma e picão que reencarnam.

**Solivan Brugnara** (Dois Vizinhos, 1968) publicou os livros de poemas *Incoerências* (2004) e *Encantador de serpentes* (2007).

# **Karen Debértolis**

## **A ESTALAGEM DAS ALMAS**

### ***QUARTO NÚMERO DOIS: A DOR***

Dez a zero com chutes de esquerda. O armário veio abaixo sobre minha cabeça: latas de ervilha, doces em conserva, amores platônicos. Dez a zero com deslizes do árbitro, trapaças do bandeirinha, vaías da torcida. Desprezo. Sapatos desconexos pelo asfalto da cidade que me olha com olhos de fogo, crispados. Porres homéricos nas rondas pelas esquinas. Desprezo de olhos castanhos. Confusos. Sempre a mesma imagem: sentado à mesa, braços ao longo do apoio da cadeira, esperando. Grande janela de olhos abertos e obtusos escancarados em minha frente. Carros sobre abismos, lanternas, sirenes, torcidas adversárias em disparada. Lilases sombras deslizando pelo teto. Dez a zero com falhas técnicas e passes errados. Sem chutes a gol, sem artimanhas. Pensamentos driblam rápido o raciocínio com táticas impensadas que filósofo algum ousou. Ecoam. Ressoam fogos de artifícios, balões coloridos, cartas suicidas. Braço ao longo da mesa, esperando. Num átimo de segundo, uma abelha pousa sobre a margarida vermelha da toalha de plástico à procura de pólen. Lembrança de menino. Capitão do time, dono da bola. Tiros certos nos territórios desconhecidos da vizinha ao lado. A bola de capotão ainda pesa no ombro. Dez a zero com chutes no estômago. A tempestade de areia explode a vidraça em estilhaços. Dez a zero. Silêncio.

## QUARTO NÚMERO SEIS: A SANIDADE

O péssimo hábito de me apaixonar. Sabedoria: compreender o momento de tirar o coração de cena. Levá-lo à lavanderia para tirar as manchas dos erros: acreditar em mentiras, enveredar-se pelos olhos do amado, ficar esperando sozinha na sala de visitas. O amor é um defeito. Somos insanos. Nos entregamos irracionalmente ao prazer, nas noites de estrelas, juntos na cama. Nos deleitamos com os carinhos das mãos que passeiam avidamente pelas dobras e reentrâncias do corpo. Em meio à areia escura. Sons distantes de flautas nos enganam a cada esquina e embriagam os olhos e os ouvidos secos de poesia barata. Falsos risos, gargalhadas insanas que permeiam as noites alcoólicas. Me recordo ainda de um dia nebuloso em que andávamos pelo quarto à procura de alguma explicação para a agitação de nossas almas. No meio de um giro completo em volta da cama, você, com a insensatez de seu olhar masculino já turvo pelo desespero do cotidiano, pôde catar pelo chão palavras incrustadas em pequenas conchas.

## INSUSPEITO

daquele amor  
não deixei  
vestígios  
nem suspiros imprevistos  
nem olhar de soslaio  
palavras no livro

daquele amor  
nenhum traço  
mancha no sapato  
perfume barato  
rastros

daquele amor  
só um chumaço  
de dor  
um gole rápido  
um porre indisfarçado

se fosse amor  
talvez seria  
um épico  
um clássico  
um ato dramático

melhor se fosse  
um rapto da sensatez  
um assalto à lucidez  
um beijo roubado



## **TRATADO SOBRE O SILÊNCIO**

O silêncio dói muito mais na pele do inimigo que o grito.  
Pousa, assim, cálido, como uma resposta sem pontuação.  
Deita suave nas concavidades do ouvido.  
Desconserta.  
Desmancha certezas.  
Hospeda pulgas atrás da orelha.  
Arma afiada  
Toque lancinante  
Estratégia zen  
Linguagem dos deuses da arte da guerra.

## **OUTONO**

meu coração  
sob teus pés  
garras  
dedos azuis  
manchando artérias  
lembrança de números  
telefones  
sapatos  
copos que caem  
do último andar  
mensagens cifradas  
em diários roubados  
e seu corpo esguio  
riscando a neblina

**Karen Debértolis** (Cambé, 1969) é jornalista com intensa atuação na imprensa de Londrina, onde vive. Autora, entre outros, de *Calidoscópio* (prosa, 1995), *Guardados* (poemas, 2003), *A estalagem das almas* — em parceria com Fernanda Magalhães (prosa e imagens, 2006).

# **Amarildo Anzolin**

[...]  
depois do memorável soco de eva  
no pomo de adão  
um ringue foi montado  
com as cordas do tempo  
e vieram as legendas de batman  
acompanhadas dos respectivos sons  
soc and pow  
para o som seco do soco

vieram também as dúvidas  
quanto à falta de consenso  
e à diplomacia do tipo  
qual das duas torres eu derrubo antes?  
[...]

\*

[...]  
o homem bomba  
leva duas  
bombas  
dentro de si  
a caixa torácica  
um paiol  
em polvorosa  
um estopim  
com mero piscar  
clic de homero  
clip de ovídio

a outra  
a bomba  
em si  
primevo coração  
se esvai  
se explode  
corpo e pólvora  
a um só tempo  
seta alvo e meta  
que vai pro ar  
que cai no chão  
que cai em si  
um caixão em cinzas  
[...]

*[fragmentos de poemas do livro Eu também]*

\*

o goleiro  
é um jogador  
triste  
evita o gol  
tapa o sol  
(a rede é uma peneira)  
com as luvas  
em riste

\*

uma discrepância autoral:  
“eu me sujeito”.

\*

o homem que faz  
previsão  
provisão  
dá palpite  
faz estrago  
strike  
efeito dominó  
é o mesmo  
que faz uso  
do gel  
da loção pós-barba  
do finalizador capilar

\*

um oásis não é  
necessariamente  
uma miragem  
nem uma falésia  
nem uma falácia  
uma imagem apenas  
miríade  
uma figura  
que pode e deve ser  
uma agrura  
ou um agouro  
do que quer  
que se queira

**Amarildo Anzolin** (Curitiba, 1970) é compositor, roteirista, performer, radialista e revisor. Publicou, entre outros, *Co-lapso* (poesia, 1995) e *Igual* (poesia, 1998).





**Ricardo  
Pedrosa  
Alves**

## ENQUANTO VC FOI TROCAR DINHEIRO

ficou um monstro chorando no fim do corredor  
alquimia contrária, em versos  
ficou um gnomo fatiando a mão  
enquanto sua mãe falava em cavala  
cabala, vácuo de vala, fala  
e se o quiasma comigo vaza  
se o filho da minha falha  
se o estômago passava um trem  
como quem soubesse a lavra  
um trilho queimando as solas  
enquanto passeava de skate  
dando mole pra moça entrevada  
por toda a lama do mundo  
apenas uma grama sem alma

## **AUTORES: QUE COMAN PAN FESTIVO Y TOMEN VINO**

*para alexandre França*

um que estava construindo. um que tinha sido assaltado. um que mostrou o contracheque. um que tinha um filho de seis anos. um que saiu pra fumar um cigarro. um que só está dormindo quatro horas por dia. um que ficou no gancho um dia porque deixou entrar um funcionário pela porta da frente. um que sabe o número de praças de curitiba e quantos metros quadrados verdes tem a cidade por habitante e passa aperto com os turistas estrangeiros então bolou uma colagem em seis idiomas a partir dos folders. alguns que usavam boné. muitos que entenderam rapidamente o conceito de proletariado. mas que não se acham escravos. um que preferia deus a darwin. um que não entendia nada. um que completava todas as frases. um que pegou carona. um que só ia até o campo comprido. um da fazenda rio grande. um conhecido por xuxa. um gozado pelo cabeção. um que ficou muito feliz. um que disse que sempre há uma segunda chance. um que fazia a linha tamandaré-cabral. um que pegou um livro velho, na casa da mãe. um que precisou sair mais cedo. um que deixou tudo pra próxima vez. um que só ia na cola dos outros. um que vinha sempre cumprimentar e era antitabagista. um que pegou um vale pra janta. um que deu uma carona. um que disse pra pegar o inter 2. um que estava aprendendo a dirigir. um que devia ter trazido o filho pra ajudar no desenho. um que conseguiu construir uma casinha. um que tinha um fusquinha. um que sabia dos faraós. um que só lamentava que o paraná clube ó, e fazia o gesto de “se fodeu”. um que tinha sido despedido, mas veio fazer

a prova assim mesmo. um que era com certeza muito magro. um que perguntou sobre pressão atmosférica, que gosta muito de pescar. um que ofereceu um cafezinho. um outro que ofereceu outro cafezinho. eu je suis un intrus: beberia tb.

## NEXT TO NOTHING

*para gilzão, miltão e marceleza*

mas estou com fome, o que ele acha?  
que fome é fácil? que fome é nada não?  
os senhores sempre me libertam. todos os filhos estarão  
libertos.

mas estou com fome, o que ele acha?  
que estrelas me alimentarão? que a lua talvez?  
é preciso respeitar o uso de drogas.  
mas eu disse que é preciso respeitar o uso de drogas.  
o que que eu disse? que que eu disse?  
que é preciso fazer o quê? fazer o quê?  
eu disse é preciso respeitar o uso de drogas.

o sacerdote disse que a fome era um alimento.  
fiquei pensando nisso por muitos anos.  
também ouvi lou reed por muitos anos.  
mas não consigo preferir um ao outro.  
acho que a vida é assim mesmo.  
a vida é assim mesmo.  
como eu disse? que a vida é assim mesmo? ah!  
disse que a fome era um alimento.  
se ao menos eu parasse pra pensar.  
mas fiquei ouvindo lou reed e era tão interessante.  
minha vida inteira foi assim mesmo.  
sabia que a fome talvez fosse um alimento.  
mas dediquei meu tempo pro lou.  
acho que foi assim mesmo.  
é, foi assim mesmo.  
como eu disse? que foi assim mesmo? ah!

## **DESENCANTOS MÍNIMOS**

Comunicando já o vazio dinástico:

Remexer de gavetas fui cortando os pulsos,  
cabelo de sol lambido giz da cidade, vítrea  
água pelo pescoço, sem pulsar

Montar em camelos cavalos elefantes:  
ar no rosto beijo da boca do vento,  
movimento  
de oásis entre as pernas  
e a enfim sabedoria de se esvair  
coincidência  
com o silêncio

## **QUANDO A LUZ PERFURAR TEUS OLHOS**

Anel do escuro do silêncio.

Comprimirás as têmeoras pelas coxas.  
Nas pernas novelos se desfazendo serão  
os últimos beijos de anêmona.

Adeus do sal do leite do mar.

Hoje irás a um outro lugar de todas casas  
azuis ou sóis e alvas.

A eternidade lá vai.

Na mão nódoa do tempo sem tempo.

**(sítio cercado.1)**

ai, paraguais, é com amor puro y sin  
cero que escrevo, tropeçando  
no pano chino e no slave de esquina,  
abrindo o poema com esta rima: sim

canese falou não adianta  
o ser pessimista, dança  
a moeda alheia na areia  
movediça, plissa o enlarge your

e, aguarrás do mais, paraguais,  
ouçam o wilson, sal de seu mais  
mar que o possível, mineral,  
cabral quase, rindo sério

## 160613

estado de exceção permanente  
happy bombsday  
igreja do pastor alemão  
Dita Roussef  
III Reich Batista  
idelogio do Estado  
aumento da infração  
voto em bronco  
Lula de classes  
transmissão ao vivo aos mortos  
levita o Leviatã  
torcida cordeira  
manifestação horrordeira  
Estado de direita  
de cisão judicial  
direitos ou menos  
liberdade de opressão  
imprensa=marrom  
não há governos, mas autoridades  
o social contra o contrato social  
indústria de poesia bélica  
estado de protesto permanente

**Ricardo Pedrosa Alves** (Governador Valadares, 1970) é professor e tem textos publicados no *Suplemento Literário de MG* e nas revistas *Oroboros*, *Babel Poética*, *bólide* e *Germina*. Autor dos livros *Desencantos mínimos* (poemas, 1996) e *Barato* (poemas, 2011).



**Márcio  
Davie  
Claudino**

## ESTUDO PARA UM JARDIM DE ANIMAIS TRISTES

*“Mas tira essa gente invisível que ronda a minha casa!”*

*Federico García Lorca*

Um lobo

Quem

te acompanha à tua porta  
em vigílias extremas  
faz esperas em teu jardim de bichos e flores tristes

E se enoturna de magnólias  
e se cobre de relvas  
tomba a sua sombra  
em canteiros com sede

Espreita entre madressilvas  
e idiomas de pintassilgos.  
De tua tristeza em olho d'água  
faz-se arroio

E se transforma em silêncios e outonos  
e se alumbra na tua ausência  
e se corta com cacos de teus vitrais?

A selva dos desejos

Quem te iludiu e entrou contigo  
na selva dos desejos  
na cama azulada de sanhaços

invadiu a nossa casa  
e fez noites que se entreolham  
em espelhos profundos?

Ressurreição

E me ofertas esta taça de ódio!  
E me ofertas esta malícia de delícias!  
Sevicias o meu pranto!  
E me coroas com o cilício do silêncio!

Mas replantando em teu jardim  
semeio canteiros noturnos de jasmins  
freio auroras para te admirar na janela.

Tu que não me ouves porque és nuvem.  
Tu que não me falas porque sou árvore.

## ENCONTRO COM A MONJA

A monja do jardim de Salé jura que pensa em mim.  
A única vez que a vi, sentada no dorso do tigre branco,  
Fosforesceu a tarde com as pérolas do pescoço.

Ainda vejo a sua fronte coroada de diademas de sereno,  
Muito mais delicados que a luz pequena do vaso tolteca.

Ainda vejo o emo que ela andejava,  
acompanhada pela falcoaria,  
Diziam que, às vezes, entontecida de saquê.

Ainda vejo a sua fronte celestina  
(porque o céu a coroava)  
e nos falávamos em copta, sânscrito,  
e a monja ainda jura que não me esquece...

Porque dos olhos verdes deu-me a beber em seu céramo,  
Enquanto bebia, ela mesma, dos meus odres de vinho casto.

## **EPITÁFIO**

Em nossa casa rodeiam-nos os vivos  
que chegam com palmas e ofertórios.  
E eu leio alto com tremuras na voz:

“Porque o amor é forte como a morte  
e duro como a lápide”

(Um raio cortado de sol mágico fende a janela,  
tu repartes os cabelos da boneca e me acordas com um beijo).

## **PICASSO**

A mulher a pentear-se, disforme  
informa o estilo  
de angústia violenta.

distorce o real,  
invade e inventa  
nova anatomia,  
contramímesis.

Matéria encarcerada  
em reduzido espaço.  
Lá fora em Guernica  
os pincéis múltiplos da guerra.

A mulher penteia-se  
contra o vento.

## **REMBRANDT**

Escolhe os olhos e ilhas

que verão através do jardim  
um ciúme de tigres ciados

o dossel em chamas  
com os amantes acorrentados  
e além dos fumos da neblina  
o livro dos mortos

onde se lê um só nome inscrito:  
o dele.

## **KOKOSCHKA**

A noite escoiceia seus corcéis de fogo  
e um turbilhão de tons arrebatou os olhos.

A noite cósmica dos amantes  
transfigura o estro  
-- puros lençóis azuis -

amarfanhados  
num tumulto de sanhaços.

Na etérea cama  
a noiva dos ventos

sob a concha de Vênus.

**Márcio Davie Claudino** (Curitiba, 1970) publicou a coletânea de poemas *O sátiro se retirou para um canto escuro e chorou* (2007).





**Alvaro  
Posselt**

A vida é o agora  
Se alguém chegar atrasado  
vai ficar de fora

\*

Pode ver a métrica  
Para moldar estes versos  
só com serra elétrica

\*

Para não perder o clima  
peguei o verso de baixo  
e rimei com o de cima

\*

Eu juro de pé junto  
Com o calor na capela  
suava até o defunto

\*

A vida não tem fim  
Entre túmulos e flores  
uma caveira acenou pra mim

\*

Não se empolgue  
Na minha feijoada  
só a orelha de Van Gogh

Esta vida é um mistério  
Perto da maternidade  
também tem um cemitério

\*

Temporal divino  
Para ir a algum lugar  
só de submarino

\*

Uma boca maldita  
espalhou por toda a XV  
que o Bondinho apita

\*

Meu Deus, que desânimo!  
Hoje quem vai trabalhar  
é o meu heterônimo

\*

Preso qualquer cachorro late  
Se eu fizer o mesmo  
então vai dar empate

**Alvaro Posselt** (Curitiba, 1971) é professor de língua portuguesa e autor da coletânea *Tão breve quanto o agora* (poemas, 2012).



**Greta  
Benitez**

## **ERA UMA VEZ**

Derreta-me com suas sedas e veludos de nobre europeu.

Faça-me sua pin-up  
sua musa do calendário  
presente de aniversário.

Maçã caramelizada  
antiga estrada  
para a Terra da Chuva.

Apocalipse total  
armas de cristal  
açúcar-cândi.

Vestido de tecido líquido  
champagne em estado sólido.

Fotografo hoje esta declaração de amor.

## 89

Sou tão velha que meus amantes já são nomes de ruas  
Sou tão velha que minhas vontades já estão nuas  
Sou tão velha que minhas verdades já são as suas.

Eu sou do tempo em que se fumava no cinema.

Sou tão velha que minha voz agora é boa para ler um poema.

Sou livre:

Posso fazer o que quiser que ninguém liga.

Parte de mim

Mora numa foto antiga.

## ANJO DE EMERGÊNCIA

Quando entrei em desespero  
me deram um anjo arranjado às pressas  
nascido da água da chuva  
numa poça d'água no meio da rua.  
O anjo tinha um ritmo alucinado  
às vezes falava demais, depois ficava calado  
e cantarolava um fado.  
Em dias de chuva se vestia de luz azul  
E quando o sol batia, se sentia melancólico  
e colocava um casaco vermelho metálico  
esperando se alegrar.  
Cheio de problemas psicológicos  
aceitava a ajuda de psicotrópicos de capricórnio  
para enfrentar a noite americana.  
Ele diz que é muito difícil  
desempenhar bem o seu ofício  
e se alimentar de fogos de artifício.  
E que o tédio também bate  
no seu coração mole de chocolate.  
Mas continua aqui  
Mas às vezes a convivência se torna complicada  
quando ele traz a namorada  
uma fada bêbada que deixa em polvorosa a minha casa.  
Além de tudo, ele só toma água Perrier e chá de cereja francesa  
e tenho que dormir de luz acesa  
pois ele tem um medo danado do escuro.  
Mas apesar de tudo está feliz  
com as horas extras cuidando de mim



vai poder comprar o apartamento no East Village  
que ele sempre quis.

## CANÇÃO ANTIQÜE — UM ELOGIO AO TREMA —

Em passeio por um bairro secreto da cidade, A Moça comprou esarpins de gelatina vermelha em uma butique chamada “Sorry”.

Em uma delicatessen chamada “Paga lo que Deves”, achou um destilado de cor azul, o “Nick’s Lagoon”. Continuou a caminhada e, chegando na Alameda Lâminas, descobriu a loja especializada em objetos de charme chamada “Canção Antiquë”. Lá, encontrou a poltrona usada por um escritor que não foi seu amante por um lamentável desencontro de épocas. Achou a almofada sinistra que uma menina bordava em fins de tarde de sol enviesado, enquanto tecia também planos macabros, após suas aulas de piano. Encontrou ainda um candelabro que fazia parte do acervo de um homem elegantíssimo supostamente apreciador de pratos preparados à base de carne humana. Havia também livros antigos pertencentes a uma senhora biliardária que voltou para a sua terra, o país Nona Sinfonia, tendo doado toda a sua biblioteca para este antiquário.

A Moça foi abraçada por um desejo fatal de possuir um deles.

E o escolhido foi este livro velho que — quem diria?

— agora está em suas mãos.

**Greta Benitez** (Curitiba, 1971) é autora dos livros *Rosas embutidas* (1999), *Café expresso blackbird* (2006) e *Canção antique* (2013), todos de poesia.

**Ricardo  
Pozzo**

## UMA CRIANÇA ARDE NOS CAMPOS DE ÑU GUASSU

Há uma criança  
carbonizada;

o fogo evaporou  
a lágrima.

Ela tem não só o  
sangue guaraní;

é negra, polaca,  
jogada por aí.

Quem verá o vento balançar a macega?  
Ou crisar desconexa língua de fogo?

Vulto amontoado,  
pequeno;

lentamente  
alimentado com veneno,

[serve]

a generais covardes,

inatigíveis

e seus heteromorfos  
dirigíveis

Quem verá o vento balançar a macega?  
Ou crisar desconexa língua de fogo?

Em estreitas veias da urbe  
a banhar-se em chorume,

o cadáver carbonizado  
sob cobertor acinzentado.

Era aqui, era lá?  
A República do Guairá?

Quem verá o vento balançar a macega?  
Ou crisar desconexa língua de fogo?

## **FALSA VARSÓVIA**

Sorve a turba  
o compulsivo maná  
do sheol adicto,

Herdeiros  
de um deserto  
sinuoso  
no gueto  
do esgoto

ao qual escoam  
a hipocrisia  
e a solidão da  
solidariedade  
interesseira.

Antes bons pais,  
bons funcionários,  
boas filhas,  
hoje acorados  
em manilhas,  
sob o tronco  
dos Chorões,  
festejam  
um ritual lascivo

na micro sinagoga  
de alumínio,  
a menorá  
de isqueiros.

Irmãos da noia  
desorientados  
pelo Inimigo,  
creem estar,  
a Terra Prometida,  
além dos portões  
de uma psíquica  
Treblinka.

## TÍMIDA BABILÔNIA

Onde Curitiba esconde  
o marfim de seus  
mortos?

Nas intransigentes ruas  
sem saída?  
Nos copos sem alma  
de sua nobre boemia?

Na maquiagem que livrará  
sua cara  
desumanizada?  
Ou no sorriso banguela  
da sua  
Boca inchada?

Pervertida e dissimulada  
a polaquinha rebola na XV,  
uma piscadela para o estrangeiro  
capital.

O porta-malas infernal  
indica o lugar  
do POVO.

Piás vestidos de papel e alumínio,  
sem esmola e sem futuro,  
cruzam com madames poodle que  
cintilam no escuro.

Tímida Babilônia que tenta  
livrar-se do tédio;  
plano piloto por sobre  
cemitério.

É no km 65 da Serra do Mar  
que ainda sangra  
a autonomia da curitibranda,  
nossa inexpressividade  
nacional.

O banzo da província  
cedeu ao underground  
xintoísta? Ou está  
injetado nas estações  
tubo?

Curitiba digere  
aquele que nela se perde.

O elefante de pelúcia  
moribundo, caminha  
vinte e quatro quadros  
por segundo.



odisseus vinte anos envelhecido em auto exílio antes que um leviatã furioso decretasse condenação à grave heresia da evasão fiscal purgando banzo de consanguíneos euros enterrados em local desconhecido por necessitar atravessar óticos nervos dos eletrônicos polifemos de aduana — depois de tornar se o maior distribuidor de heroína para comedores de ópio na côte d´azure conseguir adesão à gangue de circe — depois de surubas homéricas com sereias ninfas & moceiras e outra fuga extraordinária a um cerco da interpol a bordo de um iate phantom 300 codinome calypso — depois de seus sócios terem sido ou presos ou mortos lê no correio de notícias de lisboa ao sol de uma tarde outonal: penélope converteu-se acionista majoritária da boate troia´s em ítaca na qual a maior atração era o show da drag telêmaco amante de eumeu cafetão.

**Ricardo Pozzo** (Buenos Aires, 1971) é o curador do *Vox Urbe*, projeto de declamação de poesia que acontece toda terça-feira à noite no WNK Bar em Curitiba e editor-assistente do *Jornal RelevO*. Gravou, juntamente com Rodrigo Madeira e Tulio Stefano, o CD de récitas *Psiconáutica: cartografia da hesitação*. Publicou poemas nas revistas *Mallarmargens*, *Germina*, *Cronópios* e no jornal *Cândido*.



**Andréia  
Carvalho**

## OURO DE OUROBORUS

somos  
ungidos  
quando é hipnótica a teia  
viva  
dos grimórios  
siameses  
com asas de carvão  
em mimética liturgia  
na sinergia extasiante  
das salinas  
cada vez mais distantes  
as luzes do mundo  
sem faíscas nocivas  
para nós  
voamos  
para a noite parafernália  
onde  
dormiremos sabáticos  
sobre as penas dos corvos de lorelei  
como sentenciam os evangelhos  
da areia  
movediça  
nos abençoam  
a inquietude  
a imensidão

## ZODÍACA É A BABILÔNIA

filha do poente  
com pálpebras azuis  
abandonei as anáguas farfalhantes  
pelo deserto índigo  
nagual, nagual  
as mãos estigmadas  
por lagartas de fogo  
espanam a poeira  
na estante cósmica  
um gênio com cornos  
um sátiro alado  
meus bibelôs de gasta  
porcelana

abro a caixinha de música  
em quinta diminuta  
onde pandora padeceu  
cantarei o nome sempre aceso  
meu balé atlante  
sendo  
neófito nebulosa

amazona  
de um asterismo  
com patas de luz

## **ABRE-TE CÉSIO**

o céu é sempre azul  
na dormência aquecida  
da sessão das dez

os diamantes estão soterrados  
muito longe da placenta  
dos vulcões da parteira terra  
nos cofres da sapiência  
eclesiástica

ah partitura de repetidas eugenias  
somos espécimes preciosos  
em teus museus

bem acondicionados  
na tenda dos milagres  
do circo de nero

respirando o bolor dos livros sagrados  
a pele esverdeada das condecorações

ah suástica  
ah ansata  
ah rosa obscenamente  
atarracada na cruz

nos deixem de vez  
na insígnia vazia  
do ícone maior  
de uma bíblia de safira  
ainda não escrita

abre-te célio  
teus olhos nirvana sobre nós  
não nos deixe estáticos  
em frente à TV

como se não pudesse nos ver

## IMAGO MORTIS

dormindo sem sono  
o presente valioso  
sem valium  
sem valise

a árvore de alvéolos  
com vibração de cigarra  
intuindo a noite do verão  
de vidro vulcânico

com folhas roxas  
temporãs

as unhas de clorofila dormente  
na tensão  
da gravidade

a terra revoltada  
cuspindo lixo espacial  
e os pés fincados  
em suas costelas enfraquecidas

insistentes

as moedas para caronte  
tilintando  
no bolso

enferrujadas



abastecidas  
da física subterrânea  
que a todos  
recobre

o crânio enterrado  
no naipe dos baralhos mais obscuros  
na xilogravura coronária do claustro  
mais claraboia que mastro

na tumba pulsante  
o apocalipse em quadrinhos  
de água colorida  
e borra de café

dormindo sem sono  
totalmente viva

mortal

**Andréia Carvalho** (Ponta Grossa, 1973) tem poemas publicados em diversas revistas impressas e digitais, como *Zunái*, *Germína*, *Coyote* e *Polichinello*. É autora dos livros *A cortesã do infinito transparente* (poemas, 2011) e *Camafeu escarlata* (poemas, 2012).



**Fernando  
Koproski**

ontem eu tive um sonho  
esse verso poderia começar  
qualquer poema

ontem eu tive um sonho  
esse verso poderia muito bem  
terminar qualquer poema

ontem eu tive um sonho  
esse verso poderia simplesmente  
ser todo o poema

\*

ontem eu tive um sonho:

o deserto a eterna luta do pássaro com as pedras. o pássaro que não quer ser pedra, porque um dia nasceu e só morre no azul. as pedras que desprezam as penas porque invejam qualquer possibilidade de voo. o deserto uma estrada que não cansa de andar ao meu lado. pedras não voam, não importa o que façam. mas pra isso elas não ligam nem um pouco. permaneço sentado — entre uma e outra memória de voo — me fingindo de morto. o deserto quando a diferença de céus não importa mais.

\*

amor então acaba desse jeito, depois de morrer as flores, esquece seus cadáveres no meu peito. fala para enterrar suas cores, diz que não passam de defeito. assim de todos os seus odores, diz que sou suspeito. viu apenas perfumes incolores, nada que pudesse o perfeito. inadmissível, mesmo as dores eram indolores. amor quando acaba desse jeito, duvida que fossem flores os objetos a que fui sujeito. esquece que na verdade não importa se não forem. as flores são minhas por direito.

\*

adeus alto de edifícios, analgésicos, todas as músicas. desse lado de alívio não há necessidade. não mais morrer para matar a sede de céu de meus olhos.

adeus filmes que não vi, o mundo da lua, o que possa ser vício. desse lado não é preciso esquecer de mim. sem sentido o silêncio quando os pássaros são grávidos de azul.

adeus guarda-chuvas, o dia a dia, tudo que pense que sei. desse lado despreocupa-se em se sentir protegido. sem importância os telhados quando a chuva de estrelas.

numa esquina qualquer um sonho me espera. e não admite bagagens. ele tem no bolso uma passagem em meu nome, com a volta já antecipadamente marcada para nunca mais.

\*

tantas rosas represadas dentro de mim, num jardim  
que pensei não mais existisse. as rosas rompem uma  
imensa barragem de relógios. agora os dias não  
podem mais as conter, confiar na eficácia de seus  
céus cinzas. as rosas aprenderam a viver apenas dos  
solos de violoncello, a beber em chuva o amanhecer  
e todos os entardeceres. quando o cinza cede, o céu  
não mais me seda. irrompe uma torrente de flores,  
todas vermelhas. um cabernet de rosas. impossível de  
as estancar, as pétalas fogem violentas do meu peito,  
não perdoam minha camisa branca, mancham tudo  
que toco, cada página que escrevo. fingir não pode  
reter essas rosas, tampouco a razão pode as coagular.  
elas irão me denunciar. demorar com pressa pétala a  
pétala meu amor.

\*

porque explicar um poema é como arrancar as asas de uma  
borboleta.

\*

quem irá me dizer enfim que não sou um poeta engajado socialmente? que sou um poeta avesso ao seu tempo? apenas porque não escrevi sobre os 111 mortos daquela prisão, os mortos do 11 de setembro, ou sobre os incontáveis mortos em qualquer lugar do mundo que você queira nesse instante? por fome, sede, desastre, dor, guerra, tédio, frio, calor, umidade ou humildade? porque sou poeta, eu apenas escrevo para todos e para nenhum. porque sou poeta, eu vejo que cabem 10000000000000000001 mortos dentro de um poema que fala de amor.

\*

a minha dor só pode estar doente  
aonde já se viu não doer desse jeito?  
sem dor o que é que será da gente?  
era uma dor pra nem poeta ver defeito

o poema agora que não me desminta  
uma dor assim não é dor que se sinta  
dor que é dor só escuta samba triste  
se depois faz blues é só por despiste

sei que não é coisa para se pedir, senhor  
mas o que será desse poema, sem dor?  
ah, uma dorzinha que seja, ao menos uma vez  
só para morrer em sim todo o talvez

uma dor assim para na gente doer  
o que parece que até não é mais dor  
uma dorzinha só, para ninguém ver  
quem me adoeceu o doer de um amor

## CANÇÃO DE AMOR E ÓDIO

onde você estava que ainda  
não notou que em Curitiba  
suicida que é suicida ama a vida  
só não vê sua paixão correspondida

onde você estava que ainda  
não notou que nós passamos a vida  
sonhando em se mudar desse lugar  
mas quando chega a hora da partida

ah, a gente ainda hesita demais  
às vezes diz que vai mas não vai  
até que um corvo suspira: nunca mais  
e a gente vai pra São José dos Pinhais

mas se o sol hesita, a gente aflita  
dessa cidade só pensa em se matar  
de vinho, vodka, solidão, neurose  
tomo nas veias uma overdose de inverno

e sonho em ser eterno uma vez mais  
e sonho em ser eterno uma vez mais  
e sonho em ser eterno uma vez mais  
e sonho em ser eterno uma vez mais

antes que mais uma vez eu repita  
Curitiba, um novo toc agora tanto faz  
mas dá um tempo nessa obsessão  
de fazer eu te levar nas costas, no coração



não espero que você um dia coincida  
com minha dor, só quero que você  
deixe de ser nos versos convencida  
eu sonho em ser eterno só uma vez na vida

**Fernando Koproski** (Curitiba, 1973) é poeta, tradutor e letrista. Já verteu para o português a poesia de Charles Bukowski e Leonard Cohen. Entre seus livros, destacam-se *Tudo que não sei sobre o amor* (poemas, 2003), *Nunca sere-mos tão felizes como agora* (poemas, 2009) e *Retrato do artista quando primavera* (poemas, 2014).



**Ivan  
Justen  
Santana**

## **O AMOR E A VERDADE**

Encontrei o amor e a verdade  
hoje à tarde, na praça central;  
descrever sei lá eu quem há de,  
sei que rende um Catatau.

Sem jogar suas mãos para o céu,  
sem assaltos mortais num beco,  
o amor me ofereceu seu chapéu  
e ela, um naco de pão seco.

## **QUEM SABE EU**

Quem sabe eu  
ainda sou  
aquele piazinho  
cdf e bagunceiro  
que usaria plágio  
depois cópia elaborada  
depois paródia pós-estilizada.

Quem sabe eu ainda  
sou aquele adolescentezinho  
que foi piá de prédio  
mas também piá de bairro  
depois músico esqueitista  
burro que o pai pensava artista.

Eu não peço a deuses nenhuns  
nem que todos me achem ateu  
judeu comunista vagau vigarista  
piá pançudo sem nem  
um pouco de malandragem:

sim: também não conheço a verdade.

Fale pra mim quem você é  
e eu te digo  
sem vontade  
que a vontade  
é o preço mais barato  
a pagar pela fé.

## **O CORO DOS POETAS MORTÍFEROS**

Poetas, somos temidos:  
e chatos, gênios ou toscos —  
se modernos, carcomidos,  
enxeridos, decompostos;  
nos detestam uns maridos,  
nos valem mais desvalidos,  
nos abominam, se lidos,  
nos leem mesmo em desgostos;  
se concretos, visuais,  
quer sem letras, vozes, rostos,  
somos monstros naturais  
artificialmente expostos;

somos mais que um time em campo:  
gamos, bisões, sem manada;  
uns sem outros solidários  
pros leitores ou por nada.  
Morreremos abraçados,  
distráidos, algemados,  
mas na mesma algema extrema  
de quem não temeu seu tema.

## **A CHEGADA**

é rápida. A alegria também:  
chega, acerta, abala, estupefaz,  
suspende, surpreende e invade —

já não tem mais pra ninguém:  
porque já me orientei, rapaz —  
e agora é só felicidade:

depois da partida da amada

mais emocionante  
porque menos distante  
é sua chegada.

## DE IDA PARA O PASSADO

no que pensei em voltar  
eu já estava ali:  
buscando cabular  
o dia em que nasci

depois de tudo perdido  
e antes de qualquer achado  
me flagrei decidido  
a faltar ao próprio batizado

assim, pelo sim  
ou pelo não  
também não compareci  
à primeira comunhão

velocíssimo  
e extremamente lento,  
estive dia e noite ausente  
em nossa festa de casamento

as outras datas todas  
suportaram-me as ausências:  
passei a vida inteira disposto  
a ir às últimas consequências

no fim, pro meu enterro,  
por meu acerto ou por meu erro  
eu até pensei que iria

mas essa jornada  
foi imprevistamente adiada  
até uma suposta missa de sétimo dia

## **MARCOS PRADO DESCE AOS INFERNOS**

Sem dar pelota às descrições de Dante,  
as quais, aliás, ele já traduzira em trio,  
Marcos Prado baixou no inferno delirante,  
cego de álcool num infinito vazio.

Um diabrete chato pra cacete  
gritou sem voz um lembrete:  
“Tua alma veio vendendo a saúde  
que outras querem negociar por mal...”  
“Isso”, fala Marcos, “é o que ilude  
quem pensa que fazer o bem é normal.”

Mal pôde abrir a fedorenta boca  
um outro diabinho que corrói,  
Marcos, à queima-roupa:  
“Carinho dói.”

O cáustico olhar de criança  
azucrinava os demos, de infante a marmanjo:  
“Vamos”, ulularam, “nessa contradança  
levá-lo abaixo a nosso maior anjo!”



“Quem é que te protege, poeta biônico?”  
grasnou uma voz, em meio à bulha.  
E Marcos, no velho estilo bolha, irônico:  
“Santo Antônio da Patrulha!”

Aí Lúcifer, gentil, mostrou a cadeia da liberdade  
que impedia Marcos de cruzar o portão,  
e concedeu licença ao poeta pra voltar à sua cidade:  
“Mas só porque lá já o pregaram num paredão.”

***Ivan Justen Santana*** (Curitiba, 1973) é poeta e tradutor, formado em Letras -Inglês pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestre em Literatura Inglesa e Norte-Americana pela Universidade de São Paulo (USP). Sua produção poética está publicada no blog [ossurtado.blogspot.com](http://ossurtado.blogspot.com).



**Mario  
Domingues**

## OS RISCOS DE GARRINCHA

nos riscos  
de garrincha  
estava escrito

deus  
garrincha certo  
por pernas tortas

na rixa  
sem garrucha

o anjo torto  
face ao xucro  
ziguezagueiro

gauche

dribla sempre  
pela direita

\*

O verde de verdade  
deve ser o verde  
da samambaia  
contra o sol do meio-dia

não se parece com nada  
só transparece

o verde de ver  
o ver de verdade.

\*

Nos olhos do lince  
o alcance do alce.

Num relance,  
o alvo se alvoroça,

a fuga, a dança,  
a performance começa:

sem lança nem flecha,  
o lince abre uma brecha.

Espreita, inspira,  
expira, grave:

cansado, alcançado,  
o alce amansa.

\*

As andorinhas, dúzias,  
formam um falcão, ele se alça  
e cai como uma luva.

As andorinhas, muitas,  
fogem da chuva e desenham  
uma faca, um corte nas nuvens:

verga o eixo do bando,  
uma embalagem de alumínio  
enovela-se no vento.

As andorinhas,  
todas várias juntas,  
desenham outra andorinha,

ou uma tulipa,  
que emerge do chão  
e foge da chuva.

\*

A lesma sobe o tanque  
tão lenta  
que parece parada:

sub-reptícia  
a se esgueirar esguia,  
insinuante e sinuosa.

Capilar, se desloca  
como a onda rumo à forma,  
cola seu corpo e descola.

A mesma  
que pouco  
a pouco se movia agônica,

some (pálpebras  
num piscar de sono)  
no corte diagonal da sombra.

## NOITES LATINAS

### | I |

Catulo

LXXXIII (A Lésbia)

Lésbia fala mal de mim ao marido,  
o que para o idiota é grande coisa.  
Burro, não vês? Se estivesse calada,  
tinha me esquecido: se grita e xinga,  
não só se lembra mas, o que é mais sério,  
está brava — ou seja, arde e alardeia.

### | II |

Pássaro, mimo da minha menina,  
com quem brinca e no seu colo se aninha,  
enquanto te ataca a ponta do dedo  
provocando tuas bicadas agudas,  
como agrada à minha luminosa amada:  
jogar com tão inocente criatura  
é leve distração para sua dor,  
e, creio, assim amansa o ardor do amor.  
Se eu brincasse contigo igual a ela,  
aliviaria as aflições da alma.

### | III |

Chore Vênus e chorem os cupidos  
e o quanto houver de espírito nos homens:  
é morto o pássaro da minha garota,  
esse pássaro, mimo de menina,  
a quem amava mais que os próprios olhos;  
era tão dócil quando a percebia  
como um filhote que avistou sua mãe,  
e custava a sair do colo quente;  
ciscava o tempo todo, aqui e ali,  
mas só piava para sua ama.  
Agora, segue a trilha tenebrosa  
de onde, dizem, ninguém nunca retorna.  
Malditas sejam as sombrias trevas  
do Orco, que devoram a beleza;  
roubar-me um passarinho tão bonito.  
Pobrezinha da ave, que vileza!  
Culpa sua a menina ter os olhos  
vermelhos, túmidos de tanto choro.

**Mario Domingues** (Curitiba, 1973) é autor das coletâneas de poemas *Paisagem transitória* (2001) e *Musga* (2010). Com Adalberto Muller e Maurício Cardozo, traduziu os poemas de *O tigre de veludo: alguns poemas de e. e. cummings* (2007).



**Adriano  
Smaniotto**

**1.**

considera as linhas por mim escritas  
como um roubo à energia do sol  
um convite a escurecer o dia

no enfim de religar-me ao só  
inicie uma multidão de apatias.  
versejar a voz do ser é ser de si algoz

**2.**

tolos nós fazemos versos.  
velhos e novos  
os outros se interessam por ouro.

da prata o que temos é um prato frio  
ou a leve semelhança destas palavras.  
é pra poucos ser vazio

## A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO

com a cor de um poema  
eu quis compor teus lábios  
depois fiz outras cenas  
espelharem teus retratos vários

coloquei as tuas notas  
num compasso quieto e triste  
fiz paredes em tua volta  
fiz de mim o teu artífice

sem dar às horas importância  
desprezando até mesmo o mundo  
me fiz parte da tua substância

e me construía neste sonho cego  
que ao ficar pronto ficou imundo  
não era mais você e sim meu ego

## **O SER EM CENA**

### **1. MARIONETE**

Quando os deuses afrouxam a corda  
Só aí posso arcar-me e arfo  
Livre dos gestos a que me obrigam  
Solto das falas com que me crismam.

Mas, logo que à sua vista,  
Descobrem-me reflexivo e lasso,  
Um — o mesmo que me incita à preguiça  
Retesa a linha: firme, sério e prático.

Obram neste jogo, que não me é lúdico  
Para que não tenha deles o fim da peça  
A falsa ideia da grã saída.

E porque se divertem com isso,  
São artista, texto e público  
Enquanto eu, mesmo no palco, sequer existo.

### **2. OS DEUSES**

O que não sabem, nem sua linguagem,  
É que o mínimo ar com que me avivam  
É uma eternidade maior que o seu destino,  
De sempre ser e existir ao infinito.

Já que não existo,  
Livro-me de qualquer intento:  
Moral, religioso ou político

Enquanto eles,  
Livres de tudo,  
Não se livram de si mesmos.

### 3. ENCENAÇÃO

Passam os dias, certos e cínicos,  
Concedendo-me destinos e franquias  
Que a qualquer ser vivo reservam.

Em dia de suas dádivas,  
Não tão gratuitas,  
Pagam-me em versos  
A casa em forma de castelo que aspiro,  
A festa no iate que não tenho,  
E o humor esperançoso com que recomeço.

**Adriano Smanioto** (Curitiba, 1975) publicou os livros *Arcano* (poesia, 1995), *Vinte vozes de uma mesma veia* (poesia, 1999), *Versejar a voz do ser é ser de si algoz* (poesia, 2000) e *Vísceras à vista* (poesia, 2010).



**Nelson  
Alexandre**

## VESTIDO PRETO DE BOLINHAS COM DOBRADINHA

Há dias em que ela me tenta  
Com suas fotos maravilhosas  
Com sua ingenuidade que diz ter perdido  
Como num jogo de futebol  
Junto com os antigos cartões de aniversário  
Que ela guarda onde nem mesmo há como  
Procurar.

Com o passar do tempo  
E quanto mais o tempo passa  
Mais ela amadurece bem  
Como uma boa garrafa de vinho  
Que espera os dedos ásperos  
De quem a toca só no momento em que  
A conveniência impera  
Sob os holofotes da clandestinidade.

Às escondidas  
O grunhido natimorto do amor  
Coaxa como sapo  
Arrancando os olhos da imagem de São Francisco de Assis  
Quando vejo seu *strip* na *web*  
Em homenagem a um ermitão  
Que já soube o que foi e o que é o amor.



Aos 37

Ela diz que estou bem

Que na cozinha, o amor

É um sonho por ela nunca realizado

E que eu poderia ser o protagonista

Dessa maravilhosa estreia com cadeiras

Para dois.

Não dobro meus joelhos para agradecer

Essa dádiva

Mas me comunico via *online*

Imaginando uma vida de prazeres que tange

O real e o irreal

Ao pentear os cabelos

E assobiar Summer of 42

Para ela

Como se estivesse

Ao meu lado.

Ela usa um vestido preto com bolinhas

Rabo de cavalo

E batom vermelho

E diz que preparará uma panelada de dobradinha

Para usar como subterfúgio

De sua fantasia

Quando eu entrar na cozinha com flores na mão.

Dos meus passos bandidos  
Arreção-lhe o maior sorriso  
Como um sol apagado  
Que por um instante volta a ser  
A maravilha do mundo,  
Pelo menos o mundo  
Daquela cozinha iluminada  
E se transformará  
No meu mais delicioso inferno.

## **PEIXE RADIOATIVO FILMADO COM UMA BITOLA**

Meu olho seco  
Recebe uma escama molhada  
Lembranças lambem  
A cara do cara  
Em um semissono  
Onde durmo acordado.

Ressoa uma lâmina  
Entre as sendas da minha  
Cabeça confusa  
Que me fazem confundir meias  $\frac{3}{4}$   
Com alguma mágoa  
Profunda.

Laços de eletricidade e sangue  
Escorrem por entre minhas guelras  
Num cerimonial de lambar os cotovelos  
Revirados por forças sinistras  
Que me quebram os braços  
E riem como bestas.

A escuridão é uma mágoa radioativa  
O sol uma turbulência de libido  
O choro um poema nunca escrito  
O exagero é uma forma de dizer  
Que a fome é uma forma de morrer  
Mas sem exagero não há nome  
Não tem história que vire filme  
Nem personagem que vire foco  
Na lente de algum demente  
Sou um filme de terror lírico  
Metade homem  
Metade peixe.

## SOB O JUGO DA CONSCIÊNCIA

Todas as noites antes de dormir  
eu deveria fazer uma oração e pedir  
pelos pobres diabos que andam bravos com a vida  
(e me incluir aí, claro)  
e que não têm mais nada no bolso a não ser míseros centavos  
e um ou dois cigarros soltos.  
Eu sei que eu deveria fazer isso  
mas é muito difícil derramar minhas lamúrias  
sem que isso tenha um toque de poesia.  
(mesmo que seja só pra mim)  
Eu me exponho cruamente aos que me amam  
e aos que me odeiam,  
acredito que seja um híbrido de coragem e idiotice  
no mesmo ato ao mesmo tempo.  
Toda manhã eu deveria estar grato  
por ter um sofá pra dormir  
e um ventilador de teto para me refrescar  
da insanidade incendiária que cripta no meu cérebro  
como se eu sempre tivesse sido na vida  
um vulcão anônimo que vomita alguns contos e poemas  
como um afogado no rio Pirapó  
procurando a margem do céu  
mas que só encontra o inferno.  
Eu deveria agradecer por hoje não ter me entupido de porcarias  
de ter ficado na minha e de não ter ofendido ninguém  
principalmente estranhos e os poucos amigos que eu tenho.  
Eu deveria não chorar ao escrever este poema  
mas sou um bunda mole fingindo ser durão

fingindo ser o que não sou  
fingindo rugir feito um leão  
quando não passo  
de um cão assustado.  
Eu deveria estar bem grato  
por ainda ter algo a dizer  
enquanto aquela voz feminina que tanto desejo ouvir  
se calou como um túmulo sem inscrição.  
Mas eu sei que nele está escrito  
com gotas extraídas do punho e do coração:  
“Ele precisa de mim.”

**Nelson Alexandre** (Maringá, 1976) é formado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e autor de *Paridos e rejeitados* (contos, 2012). Escreveu *Poemas para quem não me quer*, obra que permanece inédita.



# **Homero Gomes**

## **SÍSIFO**

### **II – PASSO EM FALSO**

O rosto esfolado no chão  
E as narinas entupidas de lama.

Sem sustentação a rocha cai sem peso sobre a nuca,  
Que permanece esmagada por palavras.



## **A VEREDA SE ENCHEU DE PEDRAS**

A vereda se encheu de pedras que brotavam no borbulhar dos pés.

As pedras cuspiam espinhos  
— nuvem de dor ao redor da visão —,  
a pele rasgou no caminho:  
pedaços da história deixando marcas.

A vereda no meio das pedras.

Os olhos fecharam para supor destinos,  
os dentes cravados nos lábios:  
a voz e o grito presos dentro das pedras.

Os nervos endureceram espinhos.  
A vereda borbulhou de pés.

Pegadas de dor sobre a vereda marcada de história.  
Pois a vereda se encheu de espinhos.

Nos olhos cansados, a vereda de restos num campo de pedras.  
A vereda se fez com pegadas que deixaram de borbulhar nos pés.

## PROMETEU

ele falava do que conhecia  
sentia nos pelos de seu corpo o torpor das almas desorientadas  
sua voz ecoava pelo vale

amordaçado  
pretendem matar a voz

inoculou no sangue humano  
o desejo

amordaçado  
pretendem deter o vírus

a importância da voz  
e de sua reverberação pelos espaços

amarram pés e mãos  
prendem seu corpo a uma montanha úmida e nua  
tapam-lhe a boca  
corda e violência

o vírus  
que se espalha  
enquanto escorre o tempo

amordaçado  
pretendem anular os atos inoculados nos homens

**Homero Gomes** (Curitiba, 1978) trabalha como professor e editor de materiais didáticos. Tem textos literários publicados no jornal *Rascunho* e nos sites *Página Cultural*, *Mundo Mundano*, *Musa Rara*, *Samizdat*, *Mantovani* e *TriplôV* (Portugal). Publicou *Solidão de Caronte* (poemas, 2013) e *Sísifo desatento* (contos, 2014).



**Luiz  
Felipe  
Leprevost**

## NEVE DE 75

tantos anos já a neve de 75  
após, nunca mais  
e se vive à espera de renovado branco e gélido  
despencar dos céus  
(a neve de 75 é só o que se tem, ai)  
mas e os demais dias que  
seguiram daquele, digamos, alpino  
(norte-americano natalino, ou de inverno europeu)?  
por que não foram consideradas  
estreladas noites outonais  
chuvas lavando o odor das primaveras  
a fina brisa balançando o amarelo dos ipês  
as vermelhas luas tropicais?  
(não houve o que na História já não há)  
ah a vocação para melancolia  
o gosto do masoquista recolhimento  
ah a Neve de 75... entretanto  
que bela manhã de verão hoje está fazendo

## TORNOZELOS DEITADOS

ainda este colchão aí no assoalho geme a  
melodia em falsete  
das unhas de Cecília contra a seda  
de minhas costas, omoplata de pavão ferido  
ai as extremidades da voracidade de Cecília  
seu tesão fortalecido porque fragilizado  
por minhas mãos a cada soco

ai que alucinações de semente de árvore  
de vegetal quando eu chovia esperma, gordura  
quente  
e vela derretida na barriga de Cecília  
ai como nos lapidamos com estiletos, garfos  
e facas de churrasco  
como dois escultores

e doemos na dança do ciúme e nos  
contaminamos  
com tantas doenças e suamos tantos  
diamantes, tanto petróleo

e como nos bronzeou o fogo do fôlego um do  
outro  
este movimento de gesso molhado, este ferro  
maciço  
de estátua amputada

quem dera, quem dera nesta madrugada  
acender na demência do corredor dos olhos

furados de Cecília  
que ardiam águas fundas repletas de tubarões  
e submarinos, corredores de castelo mal-  
assombrado

quem dera  
quem dera beber outra vez o sangue  
da cumbuca açucarada  
daqueles tornozelos deitados

## **ODE MUNDANA**

entre teus dentes sustentados  
ontem morrerei  
no abandono de continuar te amando

teus brincos, bambaleantes torres  
de onde a lua inebriada de sons e girândolas  
despenca gota a gota

ontem morrerei na harmonia de tuas lágrimas  
na inhaca lagunosa de tuas constelações

morrerei  
e minha focinheira foi o vaso de tuas primaveras  
confessadas no que jamais fiz

encontrar alaúdes na soleira do fim, não encontrei  
não vi alçar da sonolência os alçapões  
nem tuas favelas verdejaram cheiro e luminosidade de colina



tuas pálpebras de impalpável jardim comeram a luz  
das anêmonas, quando ontem morrerai

\*

vermes  
um dia eu era um de vós

que gostos? que martírios de beleza na podridão?

que gigante deitaria em mim como em um jardim  
sem pedir licença, esmagando ilusões

um dia que não foi contorno revirou-se junto aos pombos

e nós, vermes, terminamos em dedos calados

## **ELA NÃO VAI A UMA FESTINHA**

para ouvir a melhor canção do mundo

para educar o seu cachorro

criar um conceito filosófico

ninar o seu menino

para enxugar uma poça de sangue

ir de carona com um caminhoneiro

traduzir o velho Maiakóvski

para uma transa cautelosa com um cavalo no banheiro

ela não vai a uma festinha

para tirar suco das laranjas  
para ouvir um conselho do avô  
para um tratamento dentário  
pegar um navio até o Caribe  
posar nua diante de um pintor  
discutir os campos da geologia  
mastigar o avesso do fogo  
para galopar em pelo sem ferradura

ela não vai a uma festinha

para o exercício da piedade  
defender-se num processo judicial  
passar horas sem fim na biblioteca  
para morrer completamente  
estar dentro de um soneto  
escalar o pico Marumbi  
tomar um copo quente de Nescau  
para dormir num quarto rosa

## LUTADOR

entrei nas pernas com uma baiana  
derrubei o cara  
ele me colocou na guarda  
passei a guarda  
comecei a estrangular  
ele conseguiu se safar  
foi pra minhas costas  
encaixou um mata-leão  
escorreguei dali  
nem sei bem como apliquei minha melhor chave de perna  
ele se safou de novo  
então fui pra cima  
ele me colocou na meia guarda  
tentou me apagar com um triângulo mal colocado  
ali mesmo comecei a enfiar uns socos no nariz  
fiz o filho da mãe cuspir o protetor  
comecei a estrangular o pescoço outra vez  
daí ele me beijou... na boca

**Luiz Felipe Leprevost** (Curitiba, 1979) é formado em artes cênicas pela Casa de Artes das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Ator e dramaturgo, também é compositor, autor, entre outras canções, de “Já tive uns ataques, vou ter mais sínco-pes”. Publicou, entre outros, *Ode mundana* (poemas, 2006), *Inverno dentro dos tímpanos* (prosa, 2008) e *Salvar os pássaros* (prosa, 2013).



**Rodrigo  
Madeira**

## **POR FAVOR, IRMÃO**

sábado brutal.

no vento o perfume de pneu  
queimado.  
desviando da poça de sangue baço  
(incapaz de refletir a lua  
ou contar a história do homem  
que a verteu),  
as pessoas tentando mais uma vez  
chegar em casa,  
mais uma vez tentando esquecer  
o caminho de casa,  
e um cara me para  
na rua  
e pergunta  
(depois das 21:00, há sempre um louco  
atrás de um cigarro):

— como eu chego lá, irmão?

pera aí, deixa eu ver...  
faz assim:

segue reto duas quadras  
até o outdoor da unimed, beleza?  
daí vira  
à direita e caminha mais 2 quadras,  
na esquina você vai ver um mendigo  
(o sem cobertor,  
bebendo pinga de garrafa plástica),  
quebre à esquerda e depois,  
duas quadras depois, onde fica um traveco  
(o loiro, de minissaia preta  
de couro falso),  
de novo  
à esquerda. daí você vai até  
o segundo farol, não o do malabar  
de 10 anos de idade,  
o segundo, o segundo,  
onde faz ponto uma puta e um traficante...  
não tem erro, irmão,  
logo em frente cê vai vê:

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

### EXERCÍCIOS BANAIIS 3

há lugares onde a saudade, não fosse ela inopinada  
e irrecusável, se exerce com método:

nos bancos de praça, pelas janelas  
do quinto ao sétimo andar, diante do mar  
nos alpendres dos sobrados, no interior do goiás  
dentro dos ônibus interestaduais  
e nas penitenciárias.

há lugares onde a saudade, não fosse ela inopinada  
e irrecusável, não encontra passagem:  
na rua XV do zênite, no pega-pra-capar do trânsito  
na fila do banco, pelas escadas carregando compras  
em frente aos muros pichados, nas lojas de sapatos  
celulares e ares-condicionados  
dentro de túneis, elevadores e mictórios.

**Rodrigo Madeira** (Foz do Iguaçu, 1979) tem poemas publicados nas revistas *Oroboro*, *Coyote*, *Babel Poética* e *Germina*. Teve o poema “Balada da Cruz Machado” adaptado para o cinema por Terence Keller (2009). É autor dos livros *Sem pálpebras* (poemas, 2007) e *Pássaro ruim* (poemas, 2009).



# **Beatriz Bajo**

## **PRIMAVERA@LONDRINA**

uma velha quebrava galhos  
curvada como uma árvore imensa  
tocada de amarelo pressentir  
sob densas nuvens escarlates  
enquanto pelas ruas nubladas folhas corriam  
de pó e pólvora abaixo dos pés vermelhos  
atados nas sandálias de flores  
trabalhadas com couros e cores  
de espantar levemente os segredos  
milongas pelas saias amarrotadas de sol  
e sal dos dias entardecidos não escolhidos  
uma estátua encolhida branca e nua  
no quintal dos ventos rosados  
primavera@londrina  
amor-botão em perfume  
menina mineral beijando  
lápis-lazúli  
com grãos nos seus olhos  
vagalumes

## LUX

um homem constrói sua mulher  
pela beira de si, pilares  
altares de singelezas  
arquitetados de aleluias  
por milênios dentro  
dos momentos  
acende colunas e  
tonifica músculos  
no peito aberto  
para o sempre  
inventa hélices  
alianças  
amálgamas  
assim  
eternamente  
apalavrados  
— no franco  
caminho  
de seus corpos —  
despertam a linguagem  
intraverbal  
que os ultrapassa:  
“nós  
nos  
vivemos”

## **ALI ALÉM**

cílio de cristalizar  
com a língua  
o coro do dia

## **TRISTANTE**

tristante é uma fisgada acesa  
arranhando a abóbada silvestre  
dos que não veem o céu  
tristante é ante antes  
do néon estúpido que embaça  
o sal nos fermentos  
ah! triste intenso e vingador  
partindo ao meio os substantivos  
coisapalavrasemjeito  
não há unguentos mas fardas  
cingindo a cinzas as singelezas  
dos que imploram aos perfumes  
óleos essenciais lavandas  
nos quintais insolúveis  
álcoois para forjar imagens  
batons, sandálias e dalias  
nas amenidades desconcertantes  
para macular de vez ou triste

## AMANHECIMENTO

mala de versos cantados em portos inseguros  
ecoam vozes-portais claríssimas  
ela parte  
persegue um desejo estendido pela imensa JK  
caindo em frente à rotatória espirais arcanos  
escola e lanchonete aladas,  
sol aprisionado  
ilha de sinais amarelos  
desaprendedora  
arela-se  
o desejo é uma pluma selvagem assoprada  
querubim carregando sins por dentro dos sins  
audíveis aos distraídos  
sorrisos motorizados nos trilhos inéditos dos desencontros  
mastigando adversidade  
advérbio na cidade imóvel em que correm suspiros  
ruas engravidam de cruzamentos assustados  
Higienópolis é meu cata-vento  
brincadeiras de amanhecimentos  
toda alvorada nela  
foi dormida no colo do tempo  
aconchegado entre poros abertos  
esperando sem guarda-chuva  
as uvas dos pâmpanos  
vindas a serem bebidas sem taças  
vinhos pelos vincos, pelos vínculos  
anteriores rios inveterados  
vertendo dias invertidos sobre a pele  
em flor rebentada de maduro sabor

**Beatriz Bajo** (São Paulo, 1980) publicou *A face do fogo* (poemas, 2010) e *a palavra é* (poemas, 2010).

**Pedro  
Carrano**

## SONETO BOMBA-RELÓGIO 55

*“o carbono acorda diamante”*

*Helena Kolody*

(mijo de sol, sobe lento a 13 de Maio)  
o homem que cata lixo, roupa de cata-vento  
carrega o carrinho como uma cruz, um pálio  
entre restos e caixas, calado, lá dentro  
um menino viaja, com olhar assustado  
junto à bandeira do time, o cão e o rádio  
olha seu pai: braços duros como de plástico  
e o carrinho vai subindo, lento e pesado  
mas a roda de arame gasto não suporta  
o carrinho desmonta, e o lixo rua abaixo  
penetra em tudo que encontra, nas caras fechadas  
— dissipou-se pela rua o lixo em enxurrada —  
no olhar de quem via, não durou um instante  
e voltou a ser carbono o diamante

## PARA EDUARDO GALEANO

*“A utopia está lá no horizonte.*

*Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos”*

as últimas braçadas  
quase chegando ao cais  
e à medida que chegamos  
o horizonte se refaz



## PARA VLADIMIR MAIAKÓVSKI

*“nas calçadas pisadas de minha alma”*

não há fim,  
não há meio-fio  
que encerre  
as fronteiras,  
que mapeie  
o território  
do grande acontecimento:  
a fusão entre o eu,  
os outros  
e o eu por mim mesmo

## PARA LEMINSKI

noites vazias disfarçadas com risos,  
o rigor da cerveja  
esparrama a vida ao léu  
os bêbados não incomodam  
— narcisos —  
desfilam suas misérias como um troféu

**Pedro Carrano** (São Paulo, 1980) é jornalista com passagem pela redação da *Gazeta do Povo*. Publicou textos literários nos jornais *Rascunho* e no *Jornal do Estado*. Autor de *Três vértebras e um primeiro testamento* (contos, 2013).



**Estrela  
Ruiz  
Leminski**

o céu se abre  
e vejo  
a ponta de um sabre

\*

Não se faça de faceiro  
se face a face  
essa farsa desfaz-se  
e minha força me diz  
que você é fraco  
e dá sinais que é fácil

Saí da fossa  
e não disfarço  
Agora faça o que faça  
o desfecho final  
é que você não passa  
de um fóssil.

\*

Tem amores que são  
fora do tom  
Tem ritmos junto  
com o tum-tum do coração  
Tem sons que existem porque sim  
Outros porque não  
Tem gente que gosta de jazz  
Tem gente que gosta de baião  
Tem melodias fusas e confusas  
Se eu dançar conforme a música  
Você se toca?

## **POESIA, 18 SECULINHOS**

*Para Makely Ka*

Especialista em línguas, atendo a ambos os sexos. Faço oral, marginal ou o que a imaginação mandar. Sem rima cobro mais caro. Atendo em domicílio, em local próprio, ou no meio do caminho, se tiver uma pedra. Topo poetas menores, mas peço sigilo. Garantia da sua completa satisfação ou suas palavras de volta.

\*

Meus poemas históricos  
não aceitam o não  
Eu obsessiva  
finjo que não quero  
Eu tento ser sincera  
mas eles continuam  
fazendo mistério  
Tentamos de tudo  
Terapia em grupo  
Concretismo  
Monastério  
Eu não aguento  
mas nem com reza braba  
meus poemas me levam a sério

***Estrela Ruiz Leminski*** (Curitiba, 1981) é poeta, compositora e cantora. Publicou, entre outros, *Cupido, cuspidor, escarrado* (poemas, 2004) e *Poesia é não* (poemas, 2011).

# Alexandre França

## COISAS DO CORAÇÃO

peguemos como exemplo  
a artéria aorta.  
a aorta ascendente é  
subdividida em raiz  
aórtica, bulbo aórtico  
e segmento tubular.  
a maior parte da aorta  
ascendente é intrapericárdica  
o arco aórtico se estende  
da origem da artéria inominada  
até o sítio de inserção do ligamento arterioso  
a aorta descendente se estende  
do ligamento arterioso até o então hiato aórtico.  
lembrando que o diâmetro  
da aorta torácica  
é maior no arco.  
e é por estas e por outras que  
o que eu sinto por você de fato  
não vem do coração.



## OVÍDIO NA FAVELA

Antes da arquitetura moderna, da lapiseira e da borracha  
Com o seu poder de esquecer  
Não tinha mais que um rosto a pobreza:  
Este era o Caos, massa ainda tímida porém indigesta  
De poucos pretos sem ter onde morar  
A tv ainda não clareava este mundo  
Não pendias ó porcaria de inválido,  
Aos morros e regiões metropolitanas  
Com suas sinas, resignações e ingenuidades.  
Na gravidade de teus perdidos  
Pedacos de metal  
Os avermelhados braços dilatava  
Tudo amontoava num mesmo ponto:  
Sexo, drogas, samba e serventia  
E quietude  
E não saber nada e nada a dizer  
Por um bom tempo  
As ruazinhas eram pois intransitáveis  
Os negros ares — movediços esgotos a céu aberto.  
Forma nenhuma em nenhum corpo havia,  
Se dileto, o povo sem querer com a língua desse  
Nos dentes: polícia, bicho solto, farpas  
Semana inteira  
Trocariam  
Em cada qual dos enormes embriões  
Um grito de silêncio sibilava a alvorada  
O toque de recolher pousou seus pesados membros no coração  
Do barraco

(a terra extrai dos Céus, o mar da terra, e o ar fluido  
e raro abstrai o espesso — o sangue coagulado)  
caminhos oblíquos rasgam a retina  
o caminho do esgoto me orienta  
palafitas forçadas e carimbadas em terrenos  
manchados  
pedaços de pedaços irreconhecíveis pelos Céus  
a foto de um gol  
a vibração da plateia  
frente a algo que ocorreu no centro da massa  
indigesta  
e um radinho de pilha a registrar a presença  
de mais um indigente...  
...do século corrompido as infâmias subiram-me à notícia:  
desejoso de achar falso o que ouvi  
baixei do colo de Ogum  
e a Favela discorri  
com face humana.

## VOU ATENDER O TELEFONE

enquanto uma britadeira  
de gelo e copo  
trava uma guerra sangrenta  
contra o silêncio do meu quarto,  
um cachorro poodle,  
abandonado por seus donos,  
tenta uma investida contra  
um mendigo sem dono  
e sem cachorro.  
agora mesmo  
enquanto o mendigo  
termina de assar este cão branco e mimado  
eu tenho um medo canino  
de que aquelas pessoas  
estendam as suas patéticas e previsíveis mãos  
para mim.  
e tenho pesadelos  
com mães solteiras  
me perseguindo pela manhã cinza  
de Curitiba  
com gordos bebês de colo  
com caras gordas de desgosto  
exatamente com a minha cara de desgosto  
com feias varizes nas pernas  
com os seios caídos, com as mãos calejadas, com manchas  
escuras no rosto,  
com uma música brega no fundo,  
com uma forçada alegria

de programa de auditório.  
estes dias mesmo  
uma mulher me ligou me dizendo:  
— gostaria de convidá-lo  
para um mesa de discussões aqui na universidade  
— não participo de mesa de discussões.  
— então o senhor não gosta de ser testado?  
não falei o que me veio na mente,  
esta gente é perigosa,  
sem dúvida ela planejava  
o meu apedrejamento  
em praça pública.

**Alexandre França** (Curitiba, 1982) é dramaturgo e músico. Publicou, entre outros, *Mata-borrão, batom* (poesia, 2003), *Toda mulher merece ser despida* (poesia, 2005) e *De doze em doze horas* (2010).

**Joana  
Corona**

## COMPRESSÃO

zona esponjosa (de perigo). porosa, absorve: cresce. agrega limite, além. cantos aproximam paredes (nos lados) e teto (assim como chão, abaixo). sem abertura ou fresta, lugar impenetrável. a não ser. orifícios sinuosos, agrestes. espinhosos feito pele ouriçada. é preciso aprender fluidez de plasma. gosma. rastro doce de leSmA que solta seu rastro doce. na superfície de pedra — inflexível. tem outro jeito, um segredo vivido. é que de dentro, única forma, quando junto ao sangue, percorre o corpo todo, contagia. solidifica-se aos poucos, feito cálcio, magma congelando, esfriando gradativa fervura de latência. organicamente. corpo que cresce dentro do corpo. comprime.

## DISFALGIA

cabeça dentro de cabeça dentro de. entre as pernas: desaparecem. corpos adentrados, em confronto. simétricos. ombro colado n'ombro. braço e mão, cruzados. fusão orgânica. carnal, corpórea. e sobretudo íntima, construída. primeiro apagamento: da cabeça, memória afetiva, mulas-sem. morte simultânea. instantânea. retículas de história. um n'outro, entranhados. lançar-se. fugir por onde matéria pode ser projeção. fundir vidas. sobrepor. visceralmente. em tempo fictício, forjado. passageiro. talvez como ancestrais. engolir, fagocitar. do adquirir qualidades, do morto.

comeram-se.

\*

mão dupla, via de. vai e vem. via a dois. nheco-nheco. par benfeito. me quer, bem. amor-perfeito, desfeito. beijo: beija-flor. balança e dança. me quer, mal. leva e traz. outra, uma mão leva (lava) a. bem, eu te quero. de dois em dois. cada qual, um igual. olho no olho. boca por beijo. amores sobrepostos no tempo. outro, um dia após o. come-come. mata -mata. de bens, comunhão total.

\*

ruga no rosto minúsculo de pele porosa, vãos que marcam a rasante do tempo no corpo imóvel, condescendente. e flácido. sobrevoos obsoletos. miniatura artificial. criação imperfeita. lugar de mover-se, descamar. imposições abruptas desconexas, fluxos inconstantes. abismos incuráveis: invisíveis. andar tonteado, tropeçando em pequenas insistências, teimosias necessárias. envelhecer é coisa que não se vê, porque se ignora.

e a morte calça-te antes de morreres. nos desvãos da tua cegueira.

**Joana Corona** (Pato Branco, 1982 — 2014). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), transitou entre a poesia e as artes visuais. Coeditou, com Ricardo Corona e Eliana Borges, a revista de literatura e arte *Bólide*. Realizou exposições individuais no Brasil e exterior. Publicou *Crostácea* (poemas, 2011) e *rastrós* (livro-objeto, 2013).





**Luigi  
Ricciardi**

## **SAMBA DE AUSÊNCIAS**

Só por hoje vou deixar você partir  
Sem escândalos  
Hoje deixo você levar todas as minhas coisas  
Aquele camiseta dos Beatles  
Um dos livros do Kerouac  
Meu caderno de poesias anotadas  
Só por hoje ou eternamente  
Sentarei sem peso naquela mesa  
Sorvendo meu café cheirando à insanidade  
A insanidade de partilhar a cama com você  
Não conversaremos como de costume  
E eu ficarei sereno ao ver você sair  
Deixando suas chaves sobre a mesa  
Hoje eu posso ficar inteiro  
Sem nenhuma peça faltando  
Leve aquele vestido vermelho com você  
Aquele que você deixa sempre no sofá  
Quando eu te chamo com os olhos  
Antes do samba que sempre nos entoa  
Só por hoje solto o vínculo de meu vício  
Vá, sim, e leve meus fios de cabelo  
Que se desprendem no teu pescoço  
Já roxo de minha demência  
Vá, pois o mundo é de mortes  
E a fatalidade é o que nos rege  
E o seu entendimento  
É a maior das maturidades  
Mas pretendi levar a vida a sorrir

Emaranhando ficção e realidade  
Assim te envio sem selo  
Desprende-te do cais do teu vício  
Só por hoje, amanhã já não posso prever  
Mas, antes de ires, roube-me um beijo  
Como roubaste minha dignidade  
Vá ao samba no domingo e escute as línguas  
Perca um pouco da tua vida nas esquinas  
Suba no morro, no desterro pontiagudo  
E pergunte por mim  
Talvez esteja mais presente nos relatos  
Do que aqui, depois do gozo  
Finja que é alguém que vai feliz e não se importa  
Faça como eu nesse meu falso descaso  
Tentando se redimir por não sermos capazes  
De nos amarmos mais do que nossos egos  
Viva a falsidade de um amor  
Do qual todos temos direito  
Nessa falsa ordem de perfeição  
Volte se quiser algum dia  
Dê três batidas na porta e entre  
Sente no sofá e prepare uma bebida  
Contando-me sobre bocas que te sugaram  
E sobre as toras que te permearam  
E te contarei os púbicos que beijei  
E orelhas que abocanhei  
Traga-me uma rosa para companhia  
Assim terei com quem conversar na solidão  
Na tagarelice de sua mudez imutável  
Arraste alguns centímetros para o lado

A alça do teu sutiã e verás minha loucura  
De te recusar poeticamente te aceitando  
Trago-te os pomos, engula-me os músculos  
Soletre-me sinestesticamente  
Tocando penugens, púbis, morando-nos dentro  
E na vulvecência juvenil orgasma-me perene  
E não te vá embora antes de me deixar lembrança  
Pois algo se leva de cada encontro  
Deixa-me um pacote de cinismo  
Colocá-lo-ei na dispensa  
E dele me servirei cada vez que olhar tua foto  
Herdarei o teu olhar cínico  
Quando ler os versos que me escreveste  
E me lembrarei desse peito vazio  
Que se preenchia de minhas salivas  
Que se enchia da volúpia de meu cetro  
Antes da murchidão natural  
E da incompreensão eterna entre fumaças de cigarro  
E do olhar longínquo pelas janelas da mente  
E do fitar no teto vazio de nós mesmos  
Para hoje e sempre  
Dê-mo-nos essa insensata lascívia  
Dê-mo-nos a desfaçatez que nos une.

## CARTA PARA QUEM QUISER LER

Agora fui normalizado  
Entrei nas regras  
Comprarei um carro do qual eu não preciso  
Trocarei de modelo e marca a cada dois ou três anos  
Farei horas extras pra acumular um pouco mais de dinheiro  
E dar entrada na casa que todo mundo sonha  
Vou ver os amigos morrendo e um dia também morrerei  
Mas antes farei algumas coisas  
Típicas àquelas que todas as pessoas fazem  
Porque simplesmente se deve fazer  
Não, não farei isso, recusarei o que você me fez  
Foi você que me normalizou.  
Enquanto você não me aceitava  
Enquanto você criticava esse meu jeito asséptico  
Essa minha falta de interesse no mundo  
Essa verruga que eu criei dentro de mim  
Esse desalinho com o estabelecido  
Essa desmentira que me desconstrói  
Esse catarro que me grita pandemonicamente claro  
Essa febre desmedida, sim  
Enquanto eu era esse livro despaginado  
Era você que me enfrentava,  
E era você que me dizia que eu estava errado  
E eu me afirmando no seu aborrecimento  
Eu me era, porque no contrário era que eu me fazia  
Você não devia ter me aceitado, ter me simplificado  
Eu me fazia na diferença, no avesso, no vazio  
No polo, na descrença, no negrume.

Agora sou claro pra você, agora você me entende  
Você me estende a mão, você diz que compreende as dores  
do outro  
Você me joga um feixe de luz e me acorda de um sonho  
melhor  
Você me traz ao comezinho.  
Agora eu fico enjaulado, sou zoológico.  
Vá e me deixe de lado  
Quero ver aquele absurdo que acontece na esquina  
Sob um anúncio brilhante e cegueta.  
Quero morder minha língua e sentir o sangue escorrendo  
pelo corpo.  
Quero pegar minha bebida quente sob o balcão  
Acordar com ressaca dois dias depois.  
Eu quero o mundo pegando fogo, numa autodestruição  
demoníaca.  
Os buracos destruindo as calçadas  
As fissuras engolindo a miséria da alma, triturando paredes  
Porque infinitamente sou aquele berro inaudível  
Que se avalancha sob os tetos desprotegidos  
Recolhendo as histórias mais absurdas  
Suprimindo as salas acarpetadas  
Entenda, querida, nesse meu coração violáceo  
Eu perdoei tudo e a todos  
Mas não vou impedir a catástrofe  
Seria uma forma de autoperdão, e isso eu não posso fazer  
Eu sou um luto pronto  
E é por isso que levo as minhas coisas  
Pode ficar, eu já paguei o aluguel (...)

**Luigi Ricciardi** (Londrina, 1982) vive em Maringá, onde atua como professor particular de francês e literatura. É o idealizador do projeto cultural Mutirão Artístico Maringaense e da revista literária *Pluriversos*. Publicou *Anacronismo moderno* (contos, 2011).





**Guilherme  
Gontijo  
Flores**

## NÃO BASTA O RIO

murmúrio  
adocicado das águas  
rumo certo transparência  
do olho d'água  
desaguar suave sua torrente  
não adianta fonte pura  
ou perpétuo devir dos rios  
como se fosse foz  
seu único destino

não basta o rio —  
cruzar a vida como esquina  
sem banzeiro que revire a via estreita  
nem  
sorrir pra cantilena ilusória do mar —

carece macaréu em barro e areia  
arrancado as árvores revendo  
o próprio rumo    estrondo só  
sal revoluto  
o corpo inteiro em pororoca

## **PENSEM NA PLANTA ANTROPOFÁGICA**

no cauim comercial  
na planta que consome a pedra  
consome a água  
    mais dura que a pedra  
e reverte o verde da carne em muro  
    em pele estanque  
  
no não lugar entre a carne  
    e novamente a pedra  
repleta de um som silente de planta

## **NA RACHA FIBROSA DA LÍNGUA**

a querer domar  
amansando na fala  
o fundo maior do velho  
    mundo  
  
vomitamos insinceros  
    a vida num caldo  
    cauim de cultura  
incultos sabores gentios  
  
mas antes de moldar-nos homens  
    tolos moldam anjos

## AMETISTA

### 1 — o poema

instalada no estresse mecânico  
da rocha

    purpurescente  
em seu casulo  
compósito de quartzo

a ametista desabrocha  
seu veio  
feito falha  
que o olho logo acolhe  
como se fosse ela a sua própria  
rocha

incrustada na drusa  
esdrúxula  
como que no cerne do fracasso do granito  
em seu enorme geodo  
    joia parca  
ela se despetala

flor na forma do cristal

## **2 — o problema**

ametista  
do sul — RS  
a mão que se embrenha no breu da rocha  
flor nunca colhe

procura nessa pedra o pão  
nosso de cada dia  
do peperito inala pouco  
a pouco o pó  
do peperito  
e dele faz anelação

tateia por sobre o tempo da terra  
escava o pão da sua cova  
e ali se  
enterra

## **3 — o negócio o esquema**

polida incrustada  
no anel agora (semi)  
preciosa

ela se faz de pão a preço

o olho que o anela transforma a pedra  
em gema que gera  
mais-valia  
na boutique de pedras

#### 4 — o metapoema

incrustada na página ela não  
passa de palavra  
em que sequer se paga o pão  
— convém aqui citar

a man (who could not earn his bread  
because he would not sell his head) —

sem preço de mercado  
que aqui se consome  
entre os dedos gelados de um poeta  
de província  
seu protesto é menor do que o grito  
da última flor do prado  
perdida  
soterrada na geada

não cabe nas rodas literárias  
com sua tanta cor que fere  
nem pra pedra de cabral ela serve  
não carrega no corpo a poeira do asfalto  
o concreto gelado no asfalto  
a canseira do asfalto  
retornada ao fracasso  
ela é demasiado lírica  
demasiado límpida estampada  
de preto

nem torre de marfim

**Guilherme Gontijo Flores** (Brasília, 1984) é professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tradutor. Em 2013 fez sua estreia na poesia com *Brasa enganosa*.





# **Ana Guadalupe**

## **GROW**

é hora  
é hora dos magnatas partirem  
com seus relógios  
parados nos bolsos

do mundo não se leva  
nada  
em embalagens coloridas  
rumo ao infinito

os amigos virão de carro  
trarão balões  
cheios dos sopros rasos  
dos suspiros fundos  
do ar rarefeito  
das sobras de um aniversário

## DO JARDIM

o portão se abre em câmera  
lenta — anões de jardim  
felizes esperam por raios  
que destruam —  
meus melhores amigos  
acenam com cabelos loiros  
pintados recentemente  
contam que nessas décadas  
não fizeram muito  
além de pintar os cabelos  
cuidar do jardim  
transmitir doenças  
dermatológicas  
entre si

## RAINHA

é sexta-feira posso  
vestir pijamas  
e perder a escova  
de cabelo

*espelho, espelho*

até segunda  
ordem  
os lençóis  
são meu castelo

## **SENSO**

não há coerência  
no que sugerem os padrões  
de sucesso e papel de parede  
com que conversam  
os loucos

não há estimativa pro tédio

certeza que acolha  
os que procuram consolo  
em sábados debaixo  
de edredons amarelos

ícones públicos  
como o caixeiro viajante  
e o homem do saco  
não rendem filmes biográficos

não há porcentagem  
pros que moram  
em árvores

## **TORTA**

após a agonia vem o alívio  
em camadas bem dispostas:  
cadáveres, desníveis

ah, se as coisas palpáveis  
marcassem encontros  
com as coisas possíveis

## **PALITOS DE DENTE**

prometemos  
telefonemas  
numa dessas

noites de carona até  
as fronteiras das menores  
cidades mais frias

prometemos  
machucar  
um bocado

no escuro das calçadas  
como os palitos  
de dente e os pregos

## **MAPA DE TESOURO**

menino vestido de pirata  
eu sei que os carnavais  
têm sua graça

por isso eu respiro  
engraçado

quanto te vejo  
sinto meus braços

acenando para  
navios parados

## **RAMALHETE DE BRÓCOLIS**

se debruçando  
nas janelas  
tingidas de poeira

viagem rápida pelos estados  
de nervos  
que já visitamos

a feira acaba de ir embora  
levando junto  
todos os legumes  
que você gosta tanto

**Ana Guadalupe** (Londrina, 1985) estudou Letras e hoje trabalha como redatora. Seus poemas foram publicados em antologias como *Peso pena, otra línea de fuego: quince poetas brasileñas ultracontemporáneas* (Espanha), *Escuela brasileña de antropofagia* (México) e *Cityscapes* (EUA). É autora do livro *Relógio de pulso* (poemas, 2011).





# **Priscila Merizzio**

## VITAMINA DE VULCÃO

crivada de Swarovskis  
bebo chá com os fantasmas

1989  
soube o sentido da dor: avante

sou feita de ossos funerários  
estrelas mortas e flores ardidas  
mormaço febril e desertos

magma que me transporta  
a lembranças desidratadas  
de álcool, tabaco, haxixe e anfetamina  
ingenuidade acreditar em progresso

ninguém toca bumbo no meu terreiro

*rock and roll* melancólico  
liberta meu coração do tórax  
para ser esmagado por um ônibus  
— feito a cabeça de meu primo Johnny

literatura é urina, gozo, saliva, sangue

sou um Corvette estacionado na garagem  
sou um Corvette nas curvas de Santos

aos 20 e poucos  
já passei da idade de suicidar-me

animais de rua seguem-me como a uma andarilha

## FURACÃO DO OCEANO

*para vó Maria*  
*e sua história de amor*  
(1920-2006)

tarde trivial e sólida  
*poltergeist*  
você mexia chá de capim-limão, casca de laranja e mel

eu me vi dentro de você  
lambi meus dentes, o gosto? sua saliva  
temperada por muitos batons

sacro asteroide sobre seu occipital  
símbolo de tarô, parusia cósmica  
eu mística, você boêmio

tomei muito arsênico-placebo para camuflar sua ausência  
*yin yang* shakespeariano

o amor é um estado variável  
gárgula gelatinosa  
corações de cartolina tola  
oceano aberto em colchas-camadas  
na cripta de meus excessos

os olhos do mundo tragam a humanidade  
quando cerram suas pálpebras

acendi velas em cascos de navios afundados por velhos enrugados

lustrei minhas trompas de falópio com o lume de rezas e  
autos-sacrifícios  
inflei os túbulos de minhas veias com medula do mar  
friccionei pimenta e sal grosso nas fístulas do fígado  
assei coração, rins e cérebros dentro de perniciosos homens  
-peixe  
  
unidos como criaturas marinhas excêntricas  
embrenhamo-nos nas encarnações fantásticas  
  
furacão no oceano: Netuno puxa a tampa do ralo

## CATIVA

flamingos engolem peixes prateados  
a odalisca depena tiês-sangue machos  
borda um vestido hemorrágico

sacoleja sua anca-amálgama  
a bacia e os fêmures recrudescem  
esquerda, direita, esquerda, direita  
nádegas voluptuosas sibilam

ressuscitam mortos de Antares  
um palco de aplausos putrefatos  
joias lançadas à odalisca

bodes defecam nas coxias  
a carência devora um abacaxi com casca  
faz arruaça no Beco das Paixões

o retrato de Josephine Baker alimenta  
a língua de fogo da vela de sete dias  
Vênus de Ébano

a odalisca flameja no púbis de longos pelos  
jamais depilado

dança, rebola  
comprime e estufa o ventre  
onde engorda o feto bastardo  
que enrola o cordão umbilical no pescocinho  
*and dies blue*

## ROLETA-RUSSA

o poema que sangra  
não tem *script* de novela mexicana  
é assassino por encomenda

com suas maquinações, Rasputin  
degola o títere com um machado mongol  
desaparece nas tabernas sombrias

massageia nádegas no pufe cor-de-urucum  
derrama *vodka* em grandes lábios  
sodomiza a duquesa  
ao longe soa o uivo lúgubre  
dos cães de Pavlov

outra orgia urge nas saunas imperiais  
os versos necrosados na língua do czar

na manhã seguinte  
a vítima é capa de tabloide  
— não há suspeitos

## ALÉM-VIDA

o jabuti e a vira-lata descansam ao sol  
o cheiro da grama cortada  
é um lisérgico nostálgico  
que tortura

em algum outono a alegria  
deve ter habitado minhas falanges otimistas  
— agora tão raras

as sardas alaranjadas da tartaruga  
dão-lhe charme ancião

o olhar apaixonado da cadela  
angaria-me motivos  
para não me lançar à Morte  
— essa dama bissexual que desfila  
de vestido preto e perfume Givenchy

desejos secretos que o cobrador de ônibus não imagina  
o próximo biarticulado a quase 100 km/h  
uma das barcas de Hades

a sacada, que já abrigou amantes  
clandestinos no colchão  
bode expiatório de Ana Cristina Cesar

curiosidade felina de poder vivenciar sete mortes distintas  
[paixão, cicuta, revólver, oceano, penhasco, trilho de trem,  
cianureto]

corpo humano frágil como as esposas do João-de-Barro:  
nasce do sexo, respira do tapa  
e morre, indubitavelmente, do coração

**Priscila Merizzio** (Curitiba, 1985) publicou em 2014 seu primeiro livro, *Mi-  
nimoabismo*.



# **Adriano Scandolara**

## DO PROGRESSO NAS PROFISSÕES

Não se vê daqui, mas sei  
que a prostituta na rua  
tem um olho de vidro.

É mais aparente o gancho  
na mão esquerda  
ou, mais à luz, sob o poste  
a prótese  
da perna.

A insaciedade da fome de carne  
que tem que se satisfazer  
com borracha.

É tempo de fetiches, pessoas  
que se fazem fetiches.  
Servir-se  
da prostituta na rua  
não era tanto sexo com gente  
quanto era sexo  
com coisa  
tevé, geladeira,  
sonho transerótico do transumanista.

## **TRANSCENDENDO O CINZA**

Cinco almas rumo ao pôr do sol  
a 180 por hora.

A possante pica de metal  
penetrando vento e rodovia  
com freios ABS, ar-condicionado, rodas de liga leve,  
trava e vidro elétrico, airbags, teto conversível,  
direção hidráulica e pintura perolada

voou do viaduto  
em chamas crepusculares,

uma estrela cadente.

## CANÇÃO DO EREMITA

Quatro dias sem sair de casa  
e o que perdi?

Carros, crânios  
moídos nas madrugadas,  
balões esvoaçantes  
e meia dúzia de buquês  
jogados no lixo

cão que foge, brinquedo que a rua  
destrói

como um relógio, sem  
que as horas cessem  
suas transformações.

O cortejo  
da vida como quem sai pra jantar  
com uma pessoa estonteante  
e burra.

## **ELEGIA NOTURNA**

O canto  
bêbado, três da manhã, de pneus,  
rastros negro no asfalto,  
e o despertar de  
sobressalto.

Entre compaixão e desprezo  
me vejo  
num banco de trás  
preso  
ensanguentado entre ferragens  
quando contra  
o vento da sorte,  
como o olhar paralítico  
do cervo  
refletindo dois faróis.

## PAZ DE ESPÍRITO

Ser sábio ou tolo demais  
para correr descalço sobre a  
relva reluzente  
de cacos de vidro ao sol.

Transeuntes abatidos  
por meteoros de ar-condicionado  
e peças de titânio em chamas,  
um passo na rua, outro  
no eterno,  
a alma em regozijo,  
diluída em morfina.

## ESPERANDO ESTAR ENGANADO

*Cadáver adiado que procria*  
*F. Pessoa*

De cócoras à cova e um parto difícil,  
abaixo  
ao fosso, o fórceps  
na mão do coveiro,  
e o tempo  
para envelhecermos  
embotados pelo hábito.

**Adriano Scandolara** (Curitiba, 1988). Formado em Letras, com mestrado sobre o poeta Percy Shelley, é tradutor e publicou *Lira de lixo* (poesia, 2013).





**Alexandre  
Gaioto**

## MANÍACO DA MOTO

Eu tinha brigado com o Baiano.  
Ele já tava bêbado.  
De olho na gordinha da mesa ao lado.  
Vai saber o que fez com ela depois do Meu Pato.  
No meio da briga me chamou de puta.  
Gorda baranga do carai.  
Com o taco de sinuca ameaçou uma surra.  
Ali mesmo no meio do bar.  
O Celso e o Bode tavam junto.  
Eles pensam que sou trôxa.  
Bem sabia o motivo da alegria.  
Comemorando mais um assalto.  
Pagando cerveja pra todo mundo.  
Era só pedir.  
Daí na esquina mesmo liguei pro mototáxi.  
Esperei dez minutos.  
O cara parou na minha frente.  
Esticou o capacete.  
Corrida pra onde mesmo?  
Moro perto dali.  
Na rua perto do Bar do Vermelho.  
Mas não arrisco voltar andando não.  
Terra de maníaco é Maringá.  
Rua Vasco da Gama.  
A cor?  
Preto feito a morte.  
Que era bonito era.  
Não tava nervoso.

Subimos pra Avenida Cerro Azul.  
Ele virou o redondo certinho.  
Seguiu.  
No meio da Cerro Azul o pedido.  
Se eu incomodava de passar num amigo.  
Coisa rápida 5 minutos.  
Só pegar um boné emprestado.  
Não quis não.  
Ele disse que não ia cobrar.  
Entrou numa vilinha.  
Uma coisa esquisita.  
Ruas estranhas.  
Logo me perdi.  
Vi que tinha algo errado.  
Parou a moto numa rua deserta deserta.  
Na pressa de descer queimei a perna no escapamento.  
Neginha minha!  
Todo fogo veio pra cima de mim.  
Musculoso.  
Macho pra danar.  
Se não gritei?  
Não parava de tremer.  
E a voz nessas horas desaparece.  
Em momento algum tirou o capacete.  
Deu uns tapinhas na minha bunda.  
Eu desesperada.  
Ele me fodeu feito um animal.  
Descontrolado.  
Viseira aberta.  
Acabado.

Um último tapa na bunda.  
Com o capacete bati nele.  
E corri.  
— minha salvação.  
Não posso ouvir barulho de moto.  
Entro em desespero.  
Lembro dos detalhes.  
Do Baiano me ameaçando com taco.  
Da vilinha.  
Dele deitado sobre eu.  
A voz desaparece.  
Fico muda sem palavras.  
Forte dispara o coração.

## QUANDO NENHUMA MÚSICA

quando nenhuma música  
te conforta mais do que ouvir  
os carros amor os carros  
passando em volta da gente  
e a vontade é de vomitar  
antes de chegar à esquina  
onde foi parar o controle do portão?  
é preciso agachar juntar  
os pedaços distantes do que um dia foi o.  
para então deixar a casa  
(que está à venda)  
correr antes do fracasso  
escondê-lo na manga da camisa  
sem fazer barulho  
eu deito no meio da calçada para gritar  
um pouco mais alto  
balbuciar o seu nome  
não só nas noites de porre  
tomando socos alguns pontapés  
tive o braço quebrado  
e a boca cheia de catarro dos outros  
para sentir que aqui dentro ainda havia vida

## TRAFICANTE EU?

A perna perdi na linha do trem  
A direita  
Se dói não sei não  
Desmaiei e acordei assim ó  
O eterno manquinho do Borba Gato  
Respeitador de todos e muito trabalhador  
Meu último emprego era na farmácia do bairro  
Levando na casa o remédio dos coitados  
E não ficava só na rotina  
Eu sempre muito humano sabe?  
Conversava com os velhinhos  
Aceitava o chá das senhoras solitárias  
Ria junto com elas  
Fazia piada da minha perna  
Deixava o dia um pouco feliz  
De bicicleta sim das oito às oito  
Cruzando a Vila Operária  
Rasgando a Cerro Azul de cima pra baixo  
Com cuidado maior na Avenida Brasil  
— que não sou besta de ser atropelado, viu?  
Dois meses manco já pegava a prática  
Nem sentia mais a falta da ausente pedalando  
Acho que até ia mais rápido  
Não sei de onde tiraram essa ideia  
Traficante eu?  
Só de amor seu moço  
Nunca nem usei essas coisas aí quando jovem

Nem sei a cor o peso ou como se usa  
Na hora ali fiquei é com medo  
Cinco carros me encurralando e cantando pneu  
Os brutamontes gritando com a cabeça pra fora da janela  
O que cê faria?  
Me joguei na magrela  
Pisei fundo  
Na confusão até perdi o chinelo  
Cansado de tanto trabalho tive mau desempenho  
Na subida da ladeira me alcançaram os trogloditas  
Rindo da minha cara  
E da falta que a perna me faz  
Quem me conhecia chegou junto  
Dizendo ele é do bem trabalha na farmácia  
De nada adiantou  
Deram uns tapas no meu rosto  
Ofenderam minha mãe morta ano passado  
Chamaram de puta maloqueira daí pra baixo  
Zombando disseram que vou traficar agora no xadrez  
Sei como é na prisão  
Perneta e esturador os prediletos dos marginais  
Tapam a boca  
Não tem como gritar  
Amarram os braços  
Passam gel às vezes perfume  
Lambem todas as suas partes  
As mil loucuras na sua frente atrás no seu ouvido  
Um por um em fila organizada  
Todos famintos carentes de amor

## **ME PROFANA, DIABO!**

Na voz vi um sujeito aflito  
Tropeçando em palavra e silêncio  
Cheio de três pontinhos sabe?  
Cinco anos de rua conheço bem o tipo  
Combina no Meu Pato e dá balão  
Esperando feito trôxa eu sozinha na mesa  
Matando o bicho aqui dentro com goles de Presidente  
O lugar?  
Uma sobreloja na Vila Operária  
Pra surpresa não cancela não  
Até bonito o apê em cima duma loja de sapato  
Toquei o interfone no primeiro andar  
Da linha abriu o portão sem dizer oi pode subir vem tesão  
Sem elevador parti pra escada  
Bem metida num vestido azul curtinho e salto alto  
No 101 o olho me espera atrás da porta meio aberta  
Salivando me espia de baixo pra cima e empurra a porta  
É quatro talvez cinco mãos menor que eu  
Tão miúdo capaz de subir nas coxas daqui?  
Num risinho digo bem gostoso hem  
Se todos fossem assim que nem cê  
Ele fica suado acho que sente a mentira  
Não insisto  
Tinha um sofá laranja no centro da salinha nada demais  
Na mesa o retrato derrubado à pressa  
— quem abraçado a ele jurando amor eterno?  
Peguei pela mão e levei pro sofá  
Numa lambidinha na orelha ele todo contorcido



Sete anos sem bimbar?  
Louco com as gemidas da leoa em mim ao pé do ouvido  
Escancara o tuzinho da tua cotovia faminta  
Benze de leite meu rosto minha boca não perdoa nem a  
covinha  
Soca tudo inteiro de uma vez sou tua me profana, diabo!  
Ele ficou louco ainda mais suado  
Lambendo atordoado meu decote até aqui  
Daí veio a campainha com alguém batendo na porta  
Tão branco tremendo assustado  
A voz pela primeira vez respondendo fraquinha calma tô me  
trocando  
Corri pra trás do sofá abaixei muda  
Pra minha surpresa ele veio do lado  
Levantei achando que tinha outro esconderijo  
Nisso a mulher com razão mandando abrir e batendo  
Fraco ainda não sei como fez aquilo não  
Me erguendo com tudo de uma só vez no colo  
Tão rápido não gritei só fechei o olho  
Arremessada um andar sem dó pelo escroto  
Aqui ó a queda dói como uma faca no tuzinho  
Na hora dor alguma  
Só a sede de enforcar aquela garganta buscar meu dinheiro  
bolsa dignidade  
Ninguém ali se importou comigo  
Nem perguntaram de onde como se eu mesma caí  
Enquanto um velho abria o portão aproveitei e corri  
Sangue no zóio!  
Empurrei a porta num grito alto não lembro o que disse  
Quem descia a mão nele era a coitada  
Que me jogou vinte pila a bolsa e um olhar de mulher

**Alexandre Gaioto** (Maringá, 1989) é repórter no jornal *O Diário do Norte do Paraná*, em Maringá.

# **Bruna Siena**

## TEQUILA COM ESCORPIÃO

E pelo vazio das ruas  
te encontrei pelo tato  
encontrei 5 de você  
durante o apagão  
todos eles fracassados  
com as roupas rasgadas  
quando chorando toquei  
a pele do homem arrepiado  
nu e de pau duro que gritou  
com a faca cravada no peito.  
Meu coração é carunchado  
enfiado no fundo do armário  
inóspito e cheio de bicho só  
a valsa não tem mais som  
pois os pés estão presos  
na areia movediça que come  
e não tem piedade da dança  
hoje não tem baile.  
Esse corpo que você beija  
é o mesmo de outras noites sujas  
meu corpo pecado  
meu corpo pedaço  
não existe um veneno  
pra minha praga sem teto  
minha pele que beija a sua  
e meus olhos que te sugam  
do outro lado da mesa  
e tudo fica blue na madrugada

sem blues e sem nada.  
Me meti em ruelas tortuosas  
caí e ralei o meu joelho já ralado  
soltei da minha mão e nunca mais voltei  
soltei da minha mão mas não te soltei  
te encontrei mas acabei me perdendo  
deitei em cacos de vidro ao seu lado  
e quando cheguei em casa  
tomei banho de roupa e tudo.

## **OS FANTASMAS DA CIDADE QUE RI**

Arrumando as cidades  
enquanto escuto aquele disco  
que me lembra da sua retina grudada  
nos vidros blindados do parapeito  
e meu peito estourado  
de fumaça dos carros  
do cigarro  
do incêndio aqui dentro  
e queima tudo que é de gelo  
não descongelo.  
As cidades me desarrumam  
e no quadro do corredor  
você ri pra mim  
engulo o choro  
passo reto  
não te olho pra não ser  
obrigada a arrancar os meus olhos  
e a cidade toda ri

o céu fechado  
o sinal aberto  
o café quente pra caralho  
queimando os dedos calejados de punheta.  
E tudo continua vazio  
tudo geme  
fecunda  
rebola na minha cara  
é lá na vida que eu descobri a coisa  
a coisa que atira e não resgata  
deixa o corpo apodrecer  
no ventre da cidade que ri  
no beco que estupra e não goza  
o asfalto molhado refletindo  
os fantasmas do alto  
bebendo conhaque  
voltando pra casa.

## **PREFIRO LEVAR UM TIRO EM PARIS**

Você vai dormir com uma arma  
sob o travesseiro  
e no meio da noite  
atirar nos meus olhos.

Vou tatear uma faca  
nas gavetas do criado mudo  
a casa vai gritar de dor  
e todos os nossos demônios  
estarão sentados na sacada  
esperando o dia  
que não vai nascer bonito.

Vamos socar o teto de gesso  
até que nossas bocas  
estejam coladas  
respirando um o oxigênio  
do outro  
aspirando minhas doenças contagiosas  
suspirando os seus gritos abafados.

Vai mijar nas bordas da privada  
e enfiar quilos de macarrão gelado  
nas minhas tripas  
com suas mãos sujas de terra  
após o enterro de nossa única cria.

E finalmente dizer  
que não me ama mais.

***Bruna Siena*** (Maringá, 1993) cursa Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e tem textos publicados na internet.





Este livro foi composto em tipos Dapifer e Abril Fatface e  
impresso pela Imprensa Oficial sobre papel Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>  
em julho de 2014 para a Biblioteca Pública do Paraná.





“

É marcante também a articulação da poesia contemporânea, que não fica mais confinada ao local, com os poetas em diálogo com outros e com revistas de todos os lugares, na medida do seu empenho e alcance. Isso se expressa também em premiações de todo tipo, sinalizando um espírito competitivo que deve, necessariamente, se refletir em poéticas mais rigorosas e críticas e obras mais bem realizadas que não parem nos primeiros livros.

”

**Ademir Demarchi**



ISBN 978-85-66382-12-9



9 788566 382129 &gt;